Diário de Lisboa

Fundador **Joaquim Manso** Director **A Ruella Ramos** Director-adjunto **José Cardoso Pires**

ANO 55.º/18863 4$00

QUARTA-FEIRA 10 SETEMBRO 1975

A SITUAÇÃO POLÍTICA

SOARES E CUNHAL DIÁLOGO EM BELÉM

• Definida a "4.ª linha"?

Os secretariados do P. S. e do P. C. P. foram recebidos esta manhã, conjuntamente, pelo Presidente da República e almirante Pinheiro de Azevedo. Este encontro, é considerado de grande importância e significado, podendo constituir o primeiro passo para a saída do impasse político, em que o país se encontra. Pelo P. S. estiveram Soares, Cardia, e Lopes Cardoso. Pelo P. C., Cunhal, e Octávio Pato. Logo à tarde, também em Belém, serão recebidos em conjunto os secretariados do P. S. e do P. P.D. Esta fórmula encontrada resulta, ao que julgamos saber da posição firme do P. C. que se recusa a dialogar com o P. P. D.. As atitudes públicas tomadas recentemente por responsáveis do Partido Popular Democrático, e que estão a ser alvo de um inquérito por parte do Conselho de Revolução, terão agravado ainda mais a situação. O P. S. terá sugerido este modo de negociar uma vez que o almirante Pinheiro de Azevedo considera impossivel constituir um Governo sem uma plataforma comum aceite pelos principais partidos.

Apesar de esta «saída» julga-se que será muito difícil constituir Governo até amanhã, como tinha sido anunciado pelo indigitado Primeiro-Ministro, sendo quase certo que o V Governo Provisório se manterá em funções até o VI estar constituído.

Entretanto, de fonte digna de todo o crédito podemos afirmar que o novo Governo será apartidário, isto é, não voltará à velha forma de coligação. O P. C. P., pelo menos opõe-se firmemente a essa hipótese. Isto não exclui, como é evidente, a participação de elementos ligados aos diversos partidos. Como era de esperar, a especulação quanto a nomes que irão ocupar determinadas pastas bem como as previsões quanto aos Ministérios que irão ser atribuídos aos partidos já começaram. De fontes muito ligadas aos centros de decisão conseguimos apenas apurar que o P. S. e o P. C. terão figuras suas no Governo, sendo dado como certo que os Negócios Estrangeiros ficará a cargo dos socialistas enquanto que os Transportes e Comunicações ficará com o P. C.. Sá Borges é dado como muito provável nos Assuntos Sociais, sabendo-se que nem o P. S. nem o P. C. põem obstáculos ao seu nome. Quanto aos militares, um elemento ligado ao grupo dos nove garantiu-nos esta manhã que alguns dos subscritores do célebre documento farão parte do novo elenco ministerial, embora o grupo se encontre dividido quanto à participação de Melo Antunes, Vitor Alves e Vitor Crespo, uma vez que estes nomes são comummente apontados como tendo «sede de poder».

Ainda de acordo com a mesma fonte a declaração do almirante Pinheiro de Azevedo no sen :do de que as quatro linhas do M. F. A. estarão representadas no VI Governo causou bastante estranheza, pois ninguém conhecia a quarta linha...No entanto, depois de algumas «investigações» feitas

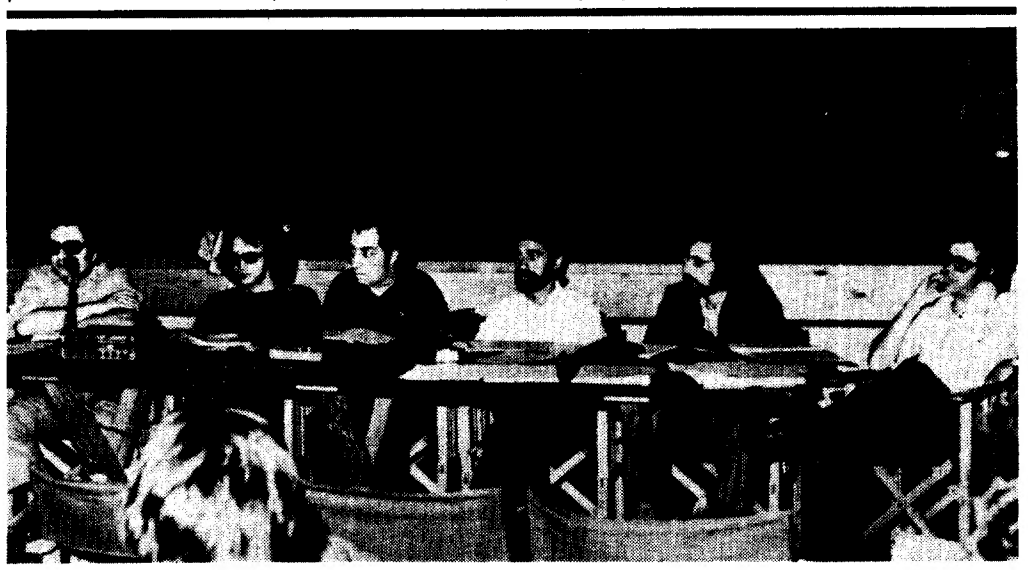
Continua na pág. 13

OUTRA CARTA A OTELO

Pág. 2

AS PEQUENAS POUPANÇAS E A ABERTURA DA BOLSA

Pág. 3



Ezequiel Vicente (M.D.P./C.D.E.), Francisco Vale (L.C.I.), Jorge Goulart (P.R.P./B.R.), Afonso de Barros (M.E.S.), Fernando Marques (L.U.A.R.) e Rui Carneiro (F.S.P.), apresentam o Manifesto da Frente de Unidade Revolucionária

F.U.R. DIVULGA MANIFESTO COM LINHAS DE ACÇÃO

Com a presença de representantes dos signatários da Plataforma de 25 de Agosto, realizou-se esta manhã, no Teatro da Cornucópia, o primeiro encontro da Frente de Unidade Revolucionária — F.U.R. — com os órgãos da Informação. Nesta conferência de Imprensa foi dado a conhecer o Manifesto da F.U.R., no qual é feita uma análise da actual situação político-militar, é explicado o papel que a F.U.R. vai desempenhar na luta por uma sociedade verdadeiramente socialista e são apontados os seus objectivos imediatos de luta no seio das massas populares.

Rui Carneiro (F.S.P.), Francisco Vale (L.C.I.), Fernando Pereira Marques (L.U.A.R.), Ezequiel Vicente (M.D.P./C.D.E.), Afonso de Barros (M.E.S.) e Jorge Goulart (P.R.P.-B.R.), foramosrepresentantes dos partidos e organizações que apresentaram o Manifesto e que ainda falaram sobre as adesões à F.U.R. de militantes não enquadrados partidariamente e sobre as ligações entre a F.U.R. e os órgãos de poder popular.

Diz o Manifesto da Frente de Unidade Revolucionária, hoje divulgado:

«Desde o 11 de Março, passando pelas eleições, até aos últimos acontecimentos, temos assistido ao desenrolar da ofensiva reaccionária da burguesia com vista à recuperação do processo e ao esmagamento das vitórias alcançadas pela classe operária e pelo povo trabalhador.

A imposição de eleições burguesas e, consequentemente, os resultados obtidos pela social-democracia, as sucessivas crises do poder político-militar, o aproveitamento da situação social do Centro e Norte do País, as acções desencadeadas pela Hierarquia da Igreja, a apresentação do «Documento dos Nove», o aproveitamente reaccionário da questão dos retornados de Angola, as manobras direitistas das assembleias militares, são os aspectos fundamentais dessa ofensiva, que tem contado e contará cada vez mais com o apoio activo do imperialismo, quer directamente, quer através da

Continua na pág. 17

COMO NO CHILE

CONSUMO DE DROGA AUMENTOU 400%

Pág. 5

Plenário da Cuf em defesa da Revolução

É aguardado com expectativa o plenário dos trabalhadores das empresas do grupo C.U.F., que se realiza hoje à tarde no Barreiro. Ao convocá-lo, a Comissão de Unidade de Trabalhadores da C.U.F. teve em conta a necessidade de uma resposta firme da classe operária e das forças progressistas, perante as ameaças «às liberdades democráticas e a todas as conquistas alcançadas pelas massas populares após o 25 de Abril». «A Revolução corre perigo de morte», adverte a convocatória, dirigida aos 7500 trabalhadores do grupo, que são chamados a pronunciar-se sobre a actual situação político-militar e a decidir das medidas a adoptar.

Recorde-se que, em comunicado recente, os trabalhadores da C.U.F. se reservavam «o direito de encetar as formas de luta que julgarem mais convenientes para que o processo revolucionário não seja perdido a favor da burguesia.

ALCÁCER DO SAL

MULHERES DECIDIDAS FORMAM COOPERATIVA

Pág 10/11

20 PÁGINAS

banca AO SERVIÇO DO TRABALHO

GANHE 9,5% AO ANO

ENQUANTO O SEU DINHEIRO TRABALHA PARA O NOVO PORTUGAL

Deposite o seu dinheiro na Banca nacionalizada. E ganhe 9,5% ao ano. Aproveitando as novas condições de juro para depósitos a 1 ano e 1 dia. Com a segurança de garantia do Estado. A certeza de contribuir para a construção do novo Portugal.

banca AO SERVIÇO DO TRABALHO

DEPOSITE NOS BANCOS

Banco Agrícola e Industrial Viseense
Banco da Agricultura
Banco do Alentejo
Banco do Algarve
Banco de Angola
Banco Borges & Irmão
Crédito Predial Português
Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa
Banco Fernandes Magalhães
Banco de Fomento Nacional
Banco Fonsecas & Burnay
Banco Intercontinental Português
Banco Nacional Ultramarino
Banco Pinto & Sotto Mayor
Banco Pinto Magalhães
Banco Português do Atlântico
Banco Totta & Açores

M.P.L.A. AVANÇA PARA NORTE

. LUANDA, 10 — (ESPECIAL PARA O DL) — O M.P.L.A. anunciou o desmantelamento da frente da F.N.L.A. na barra do rio Dande, na zona do Caxito, e o avanço das F.A.P.L.A. en direcção ao Norte. O M.P.L.A. controla actualmente 12 das 16 províncias de Angola. As restantes quatro estão devididas entre o domínio da F.N.L.A. (Uíge e Zaire) e da U.N.I.T.A. (Bié e Huambo).

Exceptuando a ofensiva desencadeada em direcção ao Norte pelas F.A.P.L.A., na área da sua 1.ª Região Militar, a situação no resto no território angolano é descrita como calma, apesar de alguns combates esporádicos que se registam entre forças dos três movimentos.

Ontem à noite, o Estado-Maior Geral das F.A.P.L.A. num comunicado difundido em Luanda, anunciava que, depois da sua expulsão da Barra do Dande, as forças do E.L.N.A. (F.N.L.A.) se encontram agora encurraladas a Norte do Caxito, entre as Mabubas e Sassa, esperando-se, para breve, o abandono total da área, já que se eencontram privadas de quaisquer meios de reabastecimento.

Nesta altura, a maior concentração militar do F.N.L.A. continua a verificar-se na área do Ambriz, vila que serve de terminal à ponte aérea para Kinshasa (Zaire), utilizada para o transporte de grandes quantidades de material de guerra e de soldados. Entre estes, contam-se diversos mercenários brancos, muito deles de origem portuguesa, enquanto entre o material bélico se denuncia a presença de equipamento fornecido por potências ocidentais, além de pelo próprio Zaire.

Face a esta situação, o comandante Nito Alves, chefe da 1.ª Região Militar, conhecida por Frente Norte, declarou, em entrevista à agência «Tanjugss: «O M.P.L.A. não pode renunciar à sua estratégia de guerra nem à sua política e ideologia. Todos os nossos amigos e inimigos devem saber que, neste momento crucial, nos é impossível renunciar à nossa identidade». E noutro ponto acrescentou ainda: «Existe apenas uma via para um país vítima da guerra: o caminho até à vitória final, o caminho até à libertação das forças reaccionárias».

Segundo últimas notícias, na ofensiva das F.A.P.L.A. na área do Caxito teriam sido feitas cerca de duas dezenas de prisioneiros, entre os quais se contam muitos elementos do exército da República do Zaire, servindo nas hostes do E.L.N.A. como mercenários. Foram ainda recuperadas grandes quantidades de material de guerra, bem como algumas viaturas blindadas. Nos combates, estiveram envolvidas unidades motorizadas das F.A.P.L.A. e artilharia pesada.

OUTRA CARTA A OTELO

. «Somos irmãos no combate e seremos irmãos na liberdade»

. Estas são as palavras do general Otelo Saraiva de Carvalho ao povo cubano, onde se fez apresentar em nove da Revolução Portuguesa e de Portugal.

Como convidado de honra, sentado à direita de Fidel Castro, falando para mais de meio milhão de cubanos que assistiam às festas comemorativas do 22.º aniversário do assalto ao Quartel de Moncada, o general Otelo Otelo perguntava à multidão:

. «Seria possível imaginar que nos anos de 1950 um pequeno povo, longe de amigos, se conseguisse libertar, desafiando a América, o maior e mais feroz imperialismo?»

. — Claro, senhor general, que é caso para perguntarmos: como foi possível?

. Mas a resposta a tal pergunta foi mesmo o senhor que a deu:

. «Cuba é pequena mas o povo é grande e a sua vontade de se libertar do jugo imperialista ainda é maior. Graças ao grande chefe revolucionário — Fidel Castro — que ao lado daquele povo mártir o soube conduzir à vitória.»

. — Um grande homem, aquele Fidel Castro, não é senhor general? Como ele se deve sentir feliz por ter dado pão, amor, trabalho e liberdade àquele povo oprimido e explorado. Não receou as grandes potências. Fiel às suas palavras, às suas promessas, cumpriu e está cumprindo, ao lado do povo, a promessa que fez ao povo.

Por isso, a nós portugueses, não nos surpreendeu quando o senhor general Otelo disse ao grande chefe:

«Tu, Fidel, deste uma lição ao Mundo. Vocês demonstraram a força dos pequenos países e o seu desejo de independência nacional.»

. — É tão bom a gente sentir-se apoiados nas qualidades sinceras e honestas de um chefe que promete e cumpre a sua estreita aliança com as massas laboriosas, não é senhor general?

. Deu uma lição ao Mundo? Claro que deu. Por isso o Mundo falará nele. Hoje, amanhã e sempre. Os homens desta têmpera, senhor general, serão na vida e para além da morte temidos por uns e respeitados por todos.

A virtude dos homens não está nas divisas, nos galões ou nas estrelas. Está na sincera e firme decisão de bem fazer. Está na justa firmeza do seu indesmentível carácter de homem íntegro cumprindo estóica e abnegadamente os princípios de uma causa pela qual se comprometeu defender.

É este o carácter daquele grande chefe que o senhor visitou e tanto admirou, em Cuba, não é senhor general?

Disse o senhor general Otelo ao povo cubano:

«As consequências da acção do povo de Cuba constituem o rastilho da revolução das Américas e dos povos de todo o Mundo.»

Como o nosso matir povo português ficou contente por adivinhar nas suas palavras, senhor general, de que também a nossa heróica revolução de 25 de Abril, seria a consequência do rastilho para todos os povos oprimidos da Europa e não só.

Isto não só significa liberdade como ainda Independência Nacional, não é senhor general?

. Como é bom nós sermos independentes e confiarmos sinceramente na honestidade de um chefe revolucionário, ajudando-o, sabendo que ele não nos trai. Qualidades sobejamente demonstradas por Fidel Castro e ainda há pouco testemunhadas quando da sua presença em Cuba, não é verdade senhor general?

. O povo cubano sabe que Fidel Castro é incapaz de o trair. Por isso não tem razão para dizer do general revolucionário português, que o chefe de Cuba chamou aquele País como convidado de honra, para falar ao seu povo numa das datas que mais representa e simboliza aquela gente. Tal como eles, os portugueses pensam o mesmo. Nem os cubanos, nem os portugueses esqueceram a imagem que nos foi dado observar. Você, senhor general, caminha ao lado esquerdo de Fidel, admirado pela massa compata cubana, ostentando garbosamente ao pescoço o lenço da organização dos pioneiros de Cuba. Mas quem pode ou se atreve a duvidar dos seus sentimentos revolucionários? Quem se atreve a duvidar das palavras honestas que o senhor proferiu ao grande chefe e a todo o povo daquela ilha? Isso seria trair Fidel Castro e a confiança que todo o povo de Cuba, por intermédio do seu digno chefe, depositou no seu convidado de honra. Não, o verdadeiro povo português para quem a revolução do 25 de Abril foi feita, continua a acreditar em V. Ex.ª e nas palavras que mais adiante proferiu, no seu discurso, em Santa Clara:

. «O movimento de 26 de Julho, foi um movimento de libertação para Cuba, como para Portugal é o Movimento das Forças Armadas» e mais adiante, «assim como o movimento de 26 de Julho foi a vanguarda do povo trabalhador de Cuba também o Movimento das Forças Armadas está ao lado das classes mais desfavorecidas de Portugal na sua justa luta, que terminará com a vitória total».

Ainda mais: «O 25 de Abril conduzirá Portugal à verdadeira independência.»

. — Só quem não pensa o que diz é que pode julgar que um homem como o senhor, com tão grande responsabilidade na vida política, iria vender gato por lebre — como fizeram os fascistas antes do 25 de Abril que com as suas falsas promessas trouxeram o povo enganado durante quase uma geração.

O senhor general não é um homem de mentiras. Isso já acabou. E foi para eliminar estes vícios fascizantes que se fez a revolução, não foi senhor general?

. A prova está que, na véspera do seu regresso, o povo esperava-o com saudade.

Alguma coisa se passou na sua ausência e malta confiada no seu general, queixou-se de algumas arbitrariedades políticas.

O senhor general prometeu ter, então, em breve, uma conversa muito a sério com os que pretendiam, ou pretendem, desviar o verdadeiro caminho da nossa política. Também disse que meteria no Campo Pequeno os inimigos da nossa revolução.

É por isso, senhor general, que eu não posso aceitar que as pessoas duvidem dos seus sentimentos revolucionários. O senhor jamais pode, ou quererá, esquecer quem é.

Nem tão pouco admite que alguém julgue que vai abdicar da sua justa maneira de ser, esquecendo as responsabilidades que traduzem as palavras ditas por uma homem da sua craveira.

Nos seus tempos de oficial subalterno, algures em Moçambique, o povo português teve conhecimento de que o senhor general tinha relações de amizade com o chefe moçambicano Samora Machel.

São destas coisas que o povo se apercebe, senhor general Otelo. Depois, é claro tem sobejas razões para o identificar como revolucionário que é. Pena será que o senhor desde que regressou de Cuba, e até à data que lhe estou escrevendo — 4/9 — o senhor general, ainda não tivesse tido vagar de falar ao nosso povo. Parece-me que há já por aí algumas pessoas, mais impacientes, que começam a estar constrangidas por falta de comunicação através da pessoa de V. Ex.ª a que já estávamos acostumados.

Claro que isto não significa dúvida ou descrença da sua sinceridade, para com o povo ou com o mundo que o conhece. Simplesmente estranham o seu silêncio. Naturalmente porque não fazem ideia de quanto V. Ex.ª está ocupado e não tem podido tirar 2 ou 3 minutos para lhes falar.

Dizer-lhes as mesmas coisas que nos tem dito sempre, aqui, a nós, em Portugal, como em Cuba e em toda a parte onde nos tem sabido representar.

Evidentemente que a dúvida é uma falta de perfeição, pois ela não só está enraizada nas pessoas mais modestas se não ainda no conceito das camadas mais cultas.

Por exemplo: Samora Machel, supomos, na brimcadeira, chegou a dizer que quando o senhor sentisse o peso das estrelas de general deixaria de ser um militar revolucionário.

Tem cada uma, o camarada Samora!

. Claro que V. Ex.ª não vai deixar de ser quem é.

Não vão ser as estrelas que modificam as pessoas. Só a vaidade poderia arrastar um homem a essa posição ridícula.

Segundo V. Ex.ª declarou publicamente e para dar a ver ao camarada Machel, quanto ele está enganado a seu respeito, tal graça leva-o a fazer uma aposta com o camarada.

Nós estamos convencidos, senhor general Otelo, que o camarada Samora vai perder.

V. Ex.ª nunca voltará com a sua palavra atrás e será incapaz de atraiçoar o povo e os seus princípios.

Não é assim senhor general?

Francisco de Brito Ramires
— Pontinha, Lisboa

post scriptum

«Onde está a revolução de Abril?»

«É com grande firmeza que venho apoiar o general Vasco Gonçalves. Um homem justo e sério. Tem mantido a mesma opinião desde o início do seu cargo de Primeiro-Ministro. Quer um verdadeiro socialismo. Pergunto: Porque saem os verdadeiros revolucionários do Governo? Porque são afastados? Um homem que tem trabalhado e lutado por melhores condições de vida do povo português é agora repudiado e insultado pelos próprios camaradas. Isto assim não é nada. É apenas brincar às revoluções. E eu acho que com o povo não se deve brincar. Onde está a verdadeira revolução socialista proposta pelo M.F.A. a 25 de Abril?»

Helena — Setúbal

«DL» — A pergunta desta nossa leitora, endereçamo-la nós aos responsáveis pela actual situação política. E também ficamos aguardando resposta.

UMA «LEGISLAÇÃO DE TIPO ESCLAVAGISTA»

. No número do v/jornal do dia 1 do corrente, (a carta é datada de Agosto) noticia-se a reacção de cerca de 40 magistrados reunidos no Tribunal da Boa-Hora, à publicação do Decreto-Lei n.º 402/75, relativo à integração no aparelho judiciário do continente dos juízes do ultramar.

De entre as razões apresentadas, chamou a minha atenção a referência à aplicação de uma «legislação de tipo esclavagista», donde concluir que nasceu uma jurisprudência do mesmo sinal.

Assim é, na verdade, pelo que venho trazer ao v/jornal o meu testemunho, embora nunca tenha saído da metrópole.

Estupidamente punido pelos dois últimos ministros do Interior com a conivência do último director-geral da Administração Política e Civil daquele ex-Ministério (todos manobrados por uma anedótica câmara municipal), recorri para o Supremo Tribunal Administrativo.

A punição foi anulada; voltou a ser repetida; foi novamente anulada, estou no 3.º Acórdão, que mais uma vez a anulou, mas defendendo esta doutrina insólita: — o **trabalhador** difamado pelo **patrão**, comete um ilícito disciplinar grave, se advertir este de que a sua atitude integra a prática de crime punível pelo Código Penal!

. O Acórdão onde tal jurisprudência se defende e proclama, foi tirado no dia 19 de Dezembro do ano findo de 1974 e pode ser lido em «Acórdãos Doutrinais», n.º 159, relativo ao mês de Março do ano corrente, a páginas 344 e seguintes.

Em pedido de aclaração tempestivamente interposto, o meu advogado escreveu: — «constata-se a consagração jurisprudencial da teoria peregrina de que o subalterno tem o dever de aceitar injúrias e difamações do superior hierárquico, sendo-lhe vedado exercer o elementar direito de representação perante o poder judicial!; — esta atitude terá sido frequente na justiça colonial que terá deformado certos julgadores que têm ainda a ideia do «direito» ao patrão, serviviar o trabalhador e do correlativo «dever» deste de acatar estes crimes, oferecendo, talvez, evangelicamente, a outra face; — mas se o «patrão branco» — agindo, v.g. sob custódia de uma Acção Nacional Popular — comete um ilícito criminal será de concluir que o «trabalhador preto» continua sem direitos, quando o seu comportamento é apreciado depois de 25 de Abril de 1974, em Portugal?; — feitas estas considerações, que talvez possam ser havidas por impertinentes, por o requerente não estar no topo de uma hierarquia...».

Efectivamente as considerações feitas pelo meu patrono foram, como ele previu, havidas por impertinentes e certamente mais algum **defeito** tinham, visto que ele se encontra demandado criminalmente.

(...) Por **mero acaso**, o relator do Acórdão foi... juiz colonial! Um dr. Sebastião Ribeiro não basta para destruir a regra...»

Sebastião Póvoas — Portimão

Um eléctrico chamado Soares

O dr. Mário Soares demonstrou à nação mais uma das suas raras qualidades: sabe andar de eléctrico. Se bem se lembram, já no I Governo Provisório o dr. Soares tinha demonstrado uma outra qualidade, igualmente rara: o saber comer pastéis de «cabalhau» num **snack-bar**, na difícil posição de pé.

É claro que o dr. Soares procura a máxima discrição nestas suas incursões pelos «hábitos» do populacho. Ainda há dias saiu de uma casa vulgar, o palácio de Belém, onde tinha ido fazer uma visita a pessoas pouco conhecidas, o general Costa Gomes e o almirante Pinheiro de Azevedo, quando foi durpreendido, ao entrar no eléctrico, pelos fotógrafos que não deixam cair no anonimato a coragem socialista do dr. Soares ao enfrentar o cheiro do povo.

M. Araújo — LISBOA

AS PEQUENAS POUPANÇAS E A ABERTURA DA BOLSA

Por SÉRGIO RIBEIRO

. Uma das primeiras decisões da Junta de Salvação Nacional, no que respeita à vida económica, ainda em Abril de 1974, foi a de encerrar a Bolsa. Foi, mesmo, uma decisão prévia pois era evidente que nada poderia ser feito com uma Bolsa a funcionar embalada pelo ritmo que trazia.

Passaram meses, o «processo» foi vencendo escolhos, o caminho para o socialismo ia-se definindo, as prioridades impunham-se, e muita coisa ficava para trás. Embora de tempos em tempos se conseguissem fazer lembrar. A Bolsa encerrada e as consequências que daí advinham para «pequenas poupanças» que antes se tinham entusiasmado (quando não drogado) com a especulação bolsista e para-bolsista de antes 25 de Abril, pode apresentar-se como exemplo.

Quando um dia se fizer a história destes meses, o papel do V Governo, de que acabamos de ouvir a notícia da sua extinção terá talvez o justo relevo. O primeiro Governo não de coligação partidária, o primeiro Governo que não era também a sua própria oposição, foi um Governo de trabalho, que ao seu nível de actuação no processo revolucionário ultrapassou o que se poderia esperar por maior confiança e optimismo que merecesse. E em que condições de «ambiente» o fez!...

A Bolsa foi das questões agarradas e para que se procurou solução governativa rápida. Assim, a 20 de Agosto, tendo em vista particularmente «as pequenas poupanças que se aplicaram em fundos de investimento (como o Fides) ou em sociedades de promoção imobiliária (de entre as quais se pode destacar a Torralta)», foi decidido criar um grupo de trabalho interministerial — Planeamento e Coordenação Económica, Finanças e Comércio Externo — para no prazo de 30 dias apresentar trabalho, após análise da questão, de nenhum modo fácil pois a essas pequenas poupanças a proteger juntam-se interesses capitalistas largamente interpenetrados pelo capitalismo internacional, e ainda a complexificação resultante da nacionalização da banca que estava largamente comprometida, louca euforia que caracterizou a economia portuguesa dos últimos anos do fascismo. E esperavam-se propostas e soluções.

Entretanto, esclarecia o Conselho da Revolução que as transações de títulos, efectuadas durante o encerramento da Bolsa, portanto após 29 de Abril de 1974, não tinham validade, o que lançou forte confusão pois essa decisão só poderia ter efeito relativamente a títulos nominativos, e apareceu um tanto insolitamente ao lado da acção de um Governo que pegava nos problemas e avançava executando como era sua função.

A 27 de Agosto, o ministro das Finanças e o governador do Banco de Portugal dão uma conferência de Imprensa e nela informam que a Bolsa de Obrigações deveria abrir a 15 de Setembro, isto é, daqui a dias. Esta decisão apareceu ligada à de uma semana antes, e pode ter levantado dúvidas relativamente aos títulos quer de fundos de investimento quer de promoção imobiliária que tinham interessado as pequenas poupanças. Estas dúvidas tinham ainda razão de ser pois, na conferência de Imprensa, não se esclareceu que a decisão de abertura da Bolsa não colida com o trabalho desencadeado para que houvesse propostas e medidas relativamente a outros títulos que não obrigações. Contingências de se estar a trabalhar a ritmo acelerado, a resolver problemas a nível de Governo ultrapassada a difícil operacionalidade a que nos habituaram.

As decisões de 20 teriam a ver com situações do passado que é necessário encarar e resolver, enquanto as de 27 visam sobretudo o futuro, para o previsto confronto com dificuldades a surgir, para a criação de novas condições. Enquanto o que se poderia esperar do tal grupo de trabalho, em toda a sua complexidade, seria a de resolver ou minorar situações criadas às pequenas poupanças pelo termo de operações bolsistas, a abertura da Bolsa, anunciada a 27, procuraria mobilizar meios para a actividade futura através do exclusivo lançamento de obrigações.

As obrigações, que seriam os únicos títulos a motivarem actividade próxima da Bolsa, pois as soluções para «Fides» e Torralta até poderiam vir a ser extrabolsistas — e esperamos bem que o fossem, dadas as conexões e interligações — seriam propostas alternativas para a mobilização e aplicação de poupanças de modo a financiar investimentos, criar empregos, ajudar aos encargos de retorno de colonos.

E agora? A situação portuguesa provoca perplexidades difíceis de vencer, mesmo por quem a todo o momento se repete que é uma revolução que está a viver. Mas também é indispensável repetir-se, e repetir aos outros — particularmente a alguns muito claramente, e referirmo-nos a uns tantos responsáveis militares — que estamos a viver uma contra-revolução.

O grupo de trabalho apresentará — a quem? — o resultado do que possa ter feito? E a Bolsa abrirá no dia 15? E se assim acontecer em que «estado de espírito» se fará a mobilização de poupanças?

. «Destabilizar» pode traduzir-se por impedir a resolução de problemas do passado e obstrução à procura de meios para enfrentar situações futuras e desenvolver acções que sejam caminho para a frente.

CÓRSEGA

A LONGA HISTÓRIA DE UMA PEQUENA ILHA

Por PAUL SILVANY

. Ainda jovem, Napoleão Bonaparte começou a escrever a história da Córsega. **«As características da Córsega»**, observava ele, **«ditavam-lhe a liberdade. A sua posição central, o número dos portos que possui, a fertilidade do seu solo, são próprios para um grande comércio. Por que razão é que o seu povo nunca foi livre nem comerciante? Armarem-se os vizinhos contra ele é uma fatalidade inexplicável. Foi presa da ambição destes e vítima da sua política e da sua obstinação. Os romanos só puderam possuir a Córsega tornando-a sua aliada. Enxames de bárbaros desembarcaram na ilha, tomaram conta dos campos, incendiaram casas. O seu povo tremeu perante a hidra feudal, mas só durante o tempo que lhe foi necessário para a conhecer e para a destruir se curvou a cabeça perante a aristocracia ligúrica, se grandes forças o mantiveram durante vinte anos submetido ao despotismo de Versalhes, quarenta anos de uma guerra obstinada causaram espanto à Europa e confundiram o inimigo».**

A onda de violência que alastrou pela cidade corsa de Bastia teve o seu início com a ocupação de uma cave por parte de um grupo do ARC (Acção para o Renascimento da Córsega), movimento autonomista posteriormente posto fora-da-lei pelas autoridades de Paris. Vários mortos e um estado de crescente tensão — eis o balanço dos incidentes que sobressaltaram a ilha natal de Napoleão. Na telefoto: elementos do comando que se apoderou da cave vigia o exterior. (Telefoto UPI-Telimprensa).

A guerra de quarenta anos começara em 1729. Dirigia-se contra a República de Génova que teve de apelar para outras potências, a fim de tentar vencer os corsos. A França deu por duas vezes o seu concurso aos genoveses (1739, 1764), ocupando duas praças fortes, mas evitando, da segunda vez, penetrar no interior, onde em 1755 Pascal Paoli fundara uma república independente e organizara o país na base de uma constituição democrática (o direito de voto era mesmo reconhecido às mulheres).

OS DOZE MIL HOMENS DE PAOLI

A 15 de Abril de 1768, Génova cedia a Luís XV os seus direitos sobre a ilha, que se sentia incapaz de reconquistar. Meses depois as tropas reais desembarcavam em força, e, ao fim de uma campanha de um ano, asseguravam a posse da ilha. Os doze mil homens de Paoli tinham levado a cabo um combate heróico e desesperado contra os trinta e cinco mil homens do corpo expedicionário.

A 9 de Maio de 1769 a independência corsa era perdida em Ponte-Novu: **«Fizeram uma parede com os seus mortos, para terem tempo de efectuar uma retirada necessária. Depois os feridos juntaram-se aos mortos para reforçar a parede»**, escreveu Voltaire, acrescentando acerca de Paoli: **«Estabelecer um Governo regular num povo que não o queria, reunir sob as mesmas leis homens divididos e indisciplinados, formar, ao mesmo tempo, tropas, organizar e instituir uma espécie de universidade que poderia suavizar os costumes e policiar a 'barbárie', fazer-se amar fazendo-se obedecer, não era certamente de um homem vulgar. Não pôde fazer o bastante, nem para tornar a Córsega livre, nem para nela reinar plenamente, mas fez o suficiente para ver claro.**

Faltava saber se os homens têm o direito de vender outros homens, mas, diz ainda Voltaire, **«é um problema que não se examina nunca nos tratados»**.

De 1769 a 1789, a Córsega é «país de conquista». A pátria francesa que quer lembrar-se de que a ilha foi francesa entre 1552 e 1559 (pelo Tratado de Cateau-Cambrésis, Henrique II entrega-a a Génova), esquece as atrocidades da pacificação. Um dia a insígnia tricolor vem substituir a insígnia flor de lis. **«Do seio da nação que um tirano governava, saltou uma faísca»**, escreve ainda Bonaparte. **«Esta nação esclarecida, poderosa e generosa foi livre e quis que nós o fossemos com ela. De futuro temos os mesmos interesses, e as mesmas preocupações. Já não há mar**

Continua na pág. 18

Nacional

MOEDAS COMEMORATIVAS DO "25 DE ABRIL"

Conforme oportunamente noticiámos, a Imprensa Nacional-Casa da Moeda abriu concursos para projectos de moedas comemorativas do «25 de Abril» (este concurso em substituição de um outro, anulado) e de medalhas comemorativas do «Simpósio do Ano Europeu do Patrimonio Arquitectónico» que vai realizar-se no Algarve em Outubro próximo e do Centenário da Sociedade de Geografia de Lisboa, que ocorre este ano.

Por dificuldade de reunião dos membros do juri, muitos dos quais se encontram ausentes de Lisboa, não é possível à INCM cumprir a data estabelecida para a divulgação dos resultados, a primeira das quais prevista para dez do corrente mês de Setembro.

Assim, pede-nos a Administração daquela empresa pública que informemos os interessados e o público em geral de que, em breve, anunciará as novas datas em que os resultados dos três concursos serão dados a conhecer.

SINDICATO DOS ESCRITÓRIOS

"COMO É POSSÍVEL UMA VOTAÇÃO SECRETA REPETIDA TREZE VEZES?"

Há uma semana, a lista vencedora no Sindicato dos Escritórios convocou parte dos empregados para uma reunião cujo objectivo era eleger uma comissão de trabalhadores. Os cinco elementos desta comissão acabaram por suspender 13 empregados que constituiam a Secção de Apoio a Delegados Sindicais, o Gabinete de Imprensa, a Secção de Informação do Trabalho e ainda uma dactilógrafa.

Conforme noticiámos, na passada sexta-feira, os elementos suspensos reuniram-se com os órgãos da Informação a fim de clarificarem a situação tendo então afirmado: «Enquanto nós somos suspensos, a direcção e a comissão de trabalhadores apressa-se a readmitir fascistas anteriormente saneados por colaboração activa com a Legião Portuguesa e a Acção Nacional Popular».

Neste caso, segundo nos disseram, encontram-se Fonseca Santos, ex-legionário condecorado, e António Pimentel, militante activo da ex-ANP.

Em contrapartida, os 13 elementos suspensos afirmam que a única acusação que, com verdade, lhes poderá ser dirigida diz respeito à «defesa intransigente e abnegada dos interesses dos trabalhadores de acordo com o programa de acção sindical da direcção cessante, o qual foi aprovado em 7 de Maio de 1974 por seis milhares de associados, e que agora termina, a vigência.»

Apesar de todo o trabalho sindical desenvolvido e de um passado de luta contra o fascismo que a maioria dos suspensos possui, os elementos afastados exigiram que lhes fosse feito um rigoroso inquérito, por pessoas insuspeitas que prove, publicamente, que uma só vez que fosse tivessem atraiçoado os interesses dos sócios do Sindicato.

O FANTASMA DA 5ª DIVISÃO

As acusações dirigidas contra os elementos suspensos continuam pelo que os elementos voltaram a esclarecer algumas das acusações que lhes foram dirigidas e divulgadas por certos órgãos de Informação. Em primeiro lugar, todos os elementos negam ter trabalhado para a 5.ª Divisão, não porque o facto constituisse um atentado aos seus princípios, mas porque não se reveste de qualquer parcela de veracidade.

Na verdade, o que aconteceu é que a Secção de Reprodução do Sindicato imprimia documentos da 5.ª Divisão sob a responsabilidade do chefe da referida secção, Silva Costa. Foram mesmo utilizados fundos do Sindicato nas Campanhas de Dinamização Cultural do M. F. A. Os trabalhadores incriminados aproveitam a oportunidade para esclarecer o público sobre a existência de picaretas e outros instrumentos de trabalho na sede do seu Sindicato e que foram objecto de várias especulações.

De facto, na altura do 28 de Setembro, o Sindicato mobilizou cerca de cinco mil pessoas destacadas para a Calçada de Carriche. Durante o 11 de Março essas mobilizações voltaram a repetir-se. Assim, os sindicalistas pensaram que para fazer face aos ataques possíveis da reacção em acontecimentos semelhantes alguns instrumentos de trabalho, como as picaretas, poderiam revelar-se úteis.

Actualmente encontram-se paralisadas as Secções de Apoio aos Delegados Sindicais, assim como o Gabinete de Imprensa e de informação no Trabalho, o que é altamente prejudicial para muitas centenas de trabalhadores que através dessas secções viam defender os seus interesses contra o patronato. Nenhum dos treze suspensos teve oportunidade de explicar os processos aos novos dirigentes. Segundo nos informaram, a actual lista vencedora não esclarece convenientemente os trabalhadores que se dirigem ao Sindicato a fim de conseguirem uma ajuda para os seus problemas. Os trabalhadores suspensos repudiam, igualmente, o clima de policiamento que actualmente se verifica no Sindicato. Com o pretexto de que os suspensos podem efectuar um assalto à sede as actividades dos sócios são rigorosamente vigiadas.

Quanto ao prosseguimento do inquérito, os trabalhadores desconhecem quem o vai executar. Foram contudo informados de que a decisão futura sobre o seu caso será tomada, por voto secreto, em assembleia geral. Perante o que os trabalhadores se interrogam: «Como é possível que uma assembleia com milhares de pessoas, no Pavilhão dos Desportos, possa efectuar uma votação secreta, individual, repetida treze vezes?»

EPAL

EMPRESA PÚBLICA DAS ÁGUAS DE LISBOA

CONCURSO PÚBLICO PARA ADJUDICAÇÃO DA EMPREITADA DE CONSTRUÇÃO CIVIL DA ESTAÇÃO PILOTO DE TRATAMENTO DE ÁGUA DO RIO ZÊZERE

(Albufeira do Castelo do Bode)

ANÚNCIO

Faz-se público que no dia 14 de Outubro pelas 15 horas, na sede da Empresa Pública das Águas de Lisboa, na Avenida da Liberdade, 24, se procederá ao concurso público para adjudicação da empreitada em epígrafe.

As propostas serão remetidas sob registo e com aviso de recepção ou entregues contra recibo na Secretaria dos Serviços Técnicos da Empresa, até às 17 horas do dia 13 de Outubro de 1975.

O Processo de concurso estará patente todos os dias úteis, excepto aos Sábados, durante as horas de expediente, na sede da Empresa, onde poderá ser examinado e obtida cópia.

Lisboa, 8 de Setembro de 1975

Pela EMPRESA PÚBLICA DAS ÁGUAS DE LISBOA

O Presidente da Comissão de Fiscalização

(Eng.º João Bau)

DECORAÇÃO

AUMENTE O VALOR DO SEU DINHEIRO COMPRANDO NO NOVO ARMAZÉM DE ARTIGOS DE DECORAÇÃO

TECIDOS, ALCATIFAS, PAPEIS PINTADOS E TUDO PARA DECORAÇÃO

— VENDAS DIRECTAS —

ALIE O SEU BOM GOSTO AO VALOR DOS NOSSOS ARTIGOS VISITE-NOS

BENTO, RATINHO, LDA.

R. dos Douradores, 72, 1.º Dt.º — Tel. 322686 — LISBOA

A COMISSÃO INTEGRADORA DOS SERVIÇOS DE SAÚDE LOCAIS DO CONCELHO DE VILA VELHA DE RÓDÃO.

necessita com a maior urgência para os Serviços Hospitalares do Concelho de Vila Velha de Ródão de: **UMA ENFERMEIRA OU AUXILIAR DE ENFERMAGEM.**

BATAS ESCOLARES

ALTAMENTE ESPECIALIZADOS

TINTURARIA GUANABARA - Dep. Confecções

Av. João XXI, 5-D — R. Infantaria 16, 55-C — Lisboa

Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Metalúrgica e Metalo-Mecânica do Distrito de Lisboa

ELEIÇÃO PARA OS CORPOS GERENTES DO SINDICATO PARA O PERÍODO DE OUTUBRO DE 1975 A 31 DE DEZEMBRO DE 1977

(MESA DA ASSEMBLEIA GERAL, DIRECÇÃO E CONSELHO FISCAL)

CONVOCATÓRIA

Nos termos do Artigo 76.º dos Estatutos, convoco todos os sócios deste Sindicato, no pleno gozo dos seus direitos sindicais, para a Assembleia Eleitoral a realizar no dia 4 de Outubro.

Informam-se todos os sócios do Sindicato que, de harmonia com o Artigo 87.º dos Estatutos, funcionarão, entre as dez horas e as vinte e duas, Mesas de Voto, nos seguintes locais:

SEDE EM LISBOA
Calçada de Santos, 3, 2.º-Esq.º — Lisboa

DELEGAÇÃO DE VILA FRANCA DE XIRA
Rua Serpa Pinto, 136, 2.º — Vila Franca de Xira

DELEGAÇÃO DE TORRES VEDRAS
Rua Miguel Bombarda, 23 — Torres Vedras

DELEGAÇÃO DE SACAVÉM
Praça da República, 66-A — Sacavém

Lisboa, 11 de Agosto de 1975.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
José António Coelho Pinheiro

CÂMARA MUNICIPAL DO BARREIRO

REPARTIÇÃO TÉCNICA

CONSTRUÇÃO DO C. M. DA FONTE DO FETO AO LIMITE DO CONCELHO

ANÚNCIO

Faz-se público, de harmonia com a deliberação de 28 do corrente mês, que está aberto concurso público para adjudicação da empreitada acima mencionada.

Base de licitação ..... 356 386$00
Depósito provisório ..... 8 910$00

Alvará de empreiteiro ... subcategoria da 4.ª categoria e na classe correspondente ao valor da proposta.

As propostas devem ser apresentadas no prazo de vinte dias, contados a partir do dia seguinte ao da publicação deste anúncio no «Diário do Governo» e a sua abertura terá lugar na primeira reunião da Câmara que se seguir ao termo do prazo fixado, pelas 21,30 horas.

O programa de concurso e o caderno de encargos estão patentes todos os dias úteis durante as horas de expediente na Repartição Técnica desta Câmara.

Barreiro, 30 de Agosto de 1975.

Pela Comissão Administrativa,
Hélder da Silva Nobre
Medeiros

Nacional

Ora diga-nos

QUE É PODER POPULAR?

. Contra a social-democracia, contra o reformismo dirigido pelas cúpulas sem que a vontade popular seja tomada em linha de conta, ergue-se uma directriz que aponta o caminho de todos os explorados: democracia popular, órgãos populares de poder que permitam aos oprimidos tomarem em mãos os seus próprios destinos. Mas qual é o significado que o trabalhador da rua atribui à expressão «poder popular»?

. — *Chegámos a um ponto em que já não percebo nada disto. Não devia ter havido eleições. Deviamos ter continuado quatro ou cinco anos com os que fizeram o 25 de Abril, sem partidos porque assim todos mandam e não se percebe nada.*

Esta é a opinião do jornaleiro António Manuel Campino, de 46 anos, há um ano e tal sem trabalho. Enquanto não se resolve esta situação anómala, António Campino ajuda a mulher que tem uma barraca de jornais e revistas próximo do elevador da Bica. O desempregado apontou o muro colorido com cartazes de várias organizações políticas e perguntou:

. — *Vê aquilo ali? Não há trabalho, não se faz nada pelo País, mas há dinheiro para gastar em papéis desperdiçados pela paredes de Lisboa.*

António Manuel Campino

Próximo da banca do jornaleiro fica a venda ambulante de Trindade Pereira Correia, viúva, de 66 anos. Um sorriso bem disposto e uma imensa simpatia precederam a fala:

. — *A gente trabalhar sossegada, sem que nos ameacem, será isto poder popular? No tempo do outro senhor, quase tudo o que ganhava era para pagar as multas à Polícia. Depois do 25 de Abril é diferente. Deixam-me estar aqui sem me perseguirem. Já consegui deixar a barraca onde vivia e tenho uma cama. Ninguém me diz nada, ninguém me ralha e eu com os meus 120 quilos não posso andar para aí a mexer-me de um lado para o outro.*

Trindade Correia

António Fernandes

António Vaz Fernandes, chegou há dois anos a Lisboa e trabalha desde então como varredor da Câmara Municipal, com o ordenado de quatro mil e setecentos escudos. Não pôde continuar na escola mas sabe ler e escrever.

— *O povo deve fazer as coisas se elas não estão a andar bem. Mas eu dessas coisas de revolução não percebo nada. Acho que devia haver união entre uns e outros. Essa coisa de uma pessoa ruim com as outras é que não vale a pena. Somos todos de carne e osso.*

PARA MINAR A REVOLUÇÃO

SERVIÇOS SECRETOS DE PAÍSES ESTRANGEIROS INTRODUZEM DROGA EM PORTUGAL

. Desde o princípio de 1974 a Janeiro de 1975 o consumo de droga em Portugal aumentou cerca de 400 por cento segundo dados recolhidos junto de fonte bem informada. Tal incremento deve-se não só às razões habituais que levam ao consumo de droga, como especialmente a factores de ordem política hoje já perfeitamente detectados.

Um dos métodos de penetração da C.I.A. no Chile para provocar a desagregação social, o descrédito do Governo de Allende e, consequentemente, obter facilidades em determinados meios para o recrutamento de agentes provocadores e fontes de informação, foi a distribuição de droga a baixo preço ou mesmo gratuita. Em Portuugal o processo está a ser usado, quase a papel químico, mas com um à vontade impressionante que leva muitos dos nossos camaradas da Imprensa estrangeira a comentarem com frequência que Portugal o processo está a

Quem trava a droga que neste momento supera já de longe os perigos e os inconvenientes do alcoolismo? Até agora não temos conhecimento da existência de qualquer autoridade dispondo de meios técnicos, possibilidades materiais e determinação para actuar contra esta inquietante ameaça capaz de, em poucos anos, conduzir a juventude portuguesa a uma situação catastrófica de destruição moral e física.

Segundo as fontes de informação a que recorremos a própria Polícia Judiciária, a quem o assunto tem sido entregue, está completamente coartada, em meios e pessoal, para um mínimo de actuação necessária.

Sabe-se que, em determinados meios nocturnos e não só, a distribuição e consumo de droga atingiu valores inacreditáveis, dado o à vontade e facilidade com que os passadores actuam. Neste momento as redes internacionais que trabalham no País, às quais estão ligados alguns serviços secretos estrangeiros, dispõem já de uma extensão e poder que só o combate por pessoal determinado, bem equipado e com forte apoio, poderá obstar a ameaça que dia a dia mina a nossa juventude e ao mesmo tempo a prometida revolução agora em fase de grande comprometimento.

As redes de distribuição atingem já escolas, liceus, e até mesmo, determinadas repartições públicas.

Porquê a total inoperância governamentai neste campo que abre as portas à miséria, à corrupção e à destruição física da juventude?

. É hoje conhecido que antes do 25 de Abril a ineficácia da máquina estatal era devida aos grandes interesses de altas individualidades bem conhecidas do anterior regime, associadas ao negócio. Sabe-se ainda que a própria máquina poderosa da ex-P.I.D.E./D.G.S. estava condicionada na sua actuação, limitando-se a simular perseguições a pequenos distribuidores quando estes não fossem aliados dessas altas individualidades.

Porquê ainda hoje este estado de coisas?

. Na região de Lisboa são conhecidos muitos antros da burguesia — certas «boites», bares etc. — como centros importantes de consumo e distribuição.

Da mesma origem soubemos também que uma grande parte da droga tem sido trazida por militares e retornados das ex-colónias. Pergunta-se: quem nos nossos aeroportos e cais de desembarque dispõe de meios técnicos e pessoal para detectar o tráfico de droga?

. Esses equipamentos, sem dúvida caros mas indispensáveis valem bem a saúde e o futuro da juventude de um país que se quer novo. Justificam alguns sacrifícios e que se desviem algumas verbas de aplicação menos prioritária. A supressão de certas despesas supérfluas da burocracia estatal daria para a montagem de um sistema mínimo de combate à droga.

A própria posição estratégica do País, ponto de encontro e de passagem da navegação da Europa e das Américas, chama para nós a atenção dos traficantes como alvo ideal para a colocação das suas redes de recepção, passagem e distribuição.

Perante esta situação concreta não é possível cair-se em situações de conformismo. Por razões políticas e sociais, exige-se das autoridades, e do M.F.A. que nos trouxe a perspectiva de um país novo, uma acção enérgica neste campo. A luta será difícil num campo destes dada a grande corrupção do meio em que tem que travar-se, e a dificuldade em obter das vítimas a denúncia de quem as arrasta para o vício. Neste momento a extensão da rede e o seu poder são de tal forma que só uma acção com cobertura militar, ou mesmo totalmente militar, as poderá fazer recuar.

Muito provavelmente só mesmo as forças militares poderão intervir de uma maneira eficaz pois não estamos a ver quem mais possa fazê-lo. Segundo outras informações recolhidas, o Copcon já em tempos esboçou uma certa acção repressiva neste campo e julgamos mesmo que chegou a fazer uma ou outra intervenção com êxito em casos de droga, e parece que a prisão de alguns elementos distribuidores ficou a dever-se aos militares. Entregues posteriormente às autoridades que até ao momento podem instruir os processos (Polícia Judiciária) os implicados foram soltos passado algum tempo.

Não será de atribuir também poderes de instrução dos respectivos processos às forças militares que actuarem tanto mais que, muito deste tráfico, vai entroncar com estruturas contra-revolucionárias já bastante desenvolvidas?

. Este é o nosso alarme e se as autoridades responsáveis quiserem ter uma ideia da situação nada mais lhes resta do que contactar com alguns dos médicos que frequentemente têm chamado a atenção para esta gravíssima ameaça.

A Federação Sindical Mundial vai ajudar o povo português

. PRAGA, 10 — (F. P.) — Os representantes de onze centrais europeias, filiadas na Federação Sindical Mundial, reuniram-se em Praga, sede da FMS, para examinar as medidas imediatas a tomar para «tapar» o caminho ao fascismo e salvar a democracia em Portugal».

Pierre Gensous, secretário-geral da FSM, informou hoje os jornalistas das propostas decididas nesta reunião, entre as quais:

. O prosseguimento dos contactos iniciados entre a FSM, por um lado, e a Confederação Internacional e a Confederação Mundial do Trabalho, por outro lado, para conjugarem as suas iniciativas. A FSM decidiu enviar, neste mesmo sentido, cartas à Confederação Europeia dos Sindicatos e à Internacional Socialista.

A possibilidade de se actuar junto do Conselho Económico Europeu a favor dum auxílio ao desenvolvimento económico de Portugal sem ingerências e sem condições políticas.

O desenvolvimento, em todas as centrais sindicais filiadas, de actividades de solidariedade com os trabalhadores portugueses e o lançamento duma grande campanha de informação acerca da situação em Portugal.

A intensificação do auxílio activo aos trabalhadores portugueses emigrados na Europa.

A reunião das onze centrais sindicais votou, a concluir, uma declaração em que se compromete a intensificar a mobilização internacional para:

. Estabelecer oposição a qualquer intervenção estrangeira, exigindo o respeito da soberania nacional de Portugal.

Forçar os Governos a nada fazerem que possa encorajar ou auxiliar a reacção em Portugal.

Auxiliar o desenvolvimento económico de Portugal semingerências e sem condições políticas.

MINISTÉRIO DO EQUIPAMENTO SOCIAL E DO AMBIENTE
SECRETARIA DE ESTADO DA HABITAÇÃO E URBANISMO

FUNDO DE FOMENTO DA HABITAÇÃO

ANÚNCIO

CONCURSO PÚBLICO PARA A CONSTRUÇÃO DE 503 FOGOS EM CHELAS — ZONA N.º 2

1 — Faz-se público que se encontra aberto concurso para a realização das seguintes empreitadas em Chelas — Zona N.º 2

Empreitada N.º	Descrição N.º de Fogos	Preço base	Caução	Prazo (Dias)
18/A/75	382	147 612 634$50	3 690 315$90	720
18/B/75	58	16 013 800$00	400 345$00	360
18/C/75	63	17 139 100$00	428 477$50	360

Será condição para admissão do concurso, o ser possuidor dos alvarás de 1.ª subcategoria da categoria I para empreiteiros de Obras Públicas e da categoria única para os industriais de construção civil, e da classe e subclasse correspondentes ao valor da cada proposta apresentada.

2 — O processo do concurso pode ser consultado todos os dias úteis, às horas normais de expediente, na Divisão de Construção — Avenida Columbano Bordalo Pinheiro, n.º 5-1.º — Lisboa.

3 — O acto público do concurso realiza-se pelas 15 horas e 30 minutos do dia 14 de Outubro de 1975 no mesmo local, 8.º andar.

4 — As propostas deverão dar entrada na Secção de Expediente Técnico no mesmo lical, 1.º andar, até às 17 horas do dia 13 do mesmo mês e ano, ou até uma hora antes do acto público do concurso, se enviadas pelo correio sob registo, podendo os interessados obter cópias de todos os processos de concurso, através do Sector de Heliografia no r/c. do mesmo edifício, e sendo da inteira responsabilidade dos interessados, a verificação e comparação das cópias com os elementos dos processos patenteados.

Fundo de Fomento da Habitação, Setembro de 1975.

O DIRECTOR DOS SERVIÇOS DE PRODUÇÃO
Serafim de Oliveira Engenheiro

Nacional

Na fábrica Cabos D'Ávila:

DOCUMENTO ANÓNIMO EXIGE O PATRÃO EM LIBERDADE

Os patrões «em liberdade». Esta parece ser a nova palavra de ordem da reacção. E os casos começam a repetir-se assustadoramente. Depois do que aconteceu na empresa nortenha Manuel Gonçalves, surge agora o da fábrica Cabos D'Ávila.

O patrão, Manuel D'Ávila, foi preso no passado dia 5 de Agosto por ligações à L. P. e à P. I. D. E. / D. G. S.. Anteontem, porém, apareceu na fábrica um documento anónimo dirigido ao Presidente da República em que se pede «a libertação imediata do sr. Manuel Diogo Delgado D'Ávila, administrador industrial da empresa».

Consideram o (s) autor (es) do documento que se «desconhecem as verdadeiras razões da sua prisão». Claro que afirmam não «pretender ilibar de quaisquer culpas o patrão», mas consideram «desumano manter na prisão, por tempo indefinido e sem qualquer prévio julgamento qualquer pessoa sobre a qual podem recair algumas suspeitas».

E começaram a recolher-se assinaturas. O processo começou a agravar-se, e, esta manhã, alguns trabalhadores impediram a entrada de dois ou três indivíduos que tinham andado a recolher assinaturas. Foi uma decisão de base e a que a comissão de trabalhadores esteve completamente alheia. Outros trabalhadores, cerca de 20 (a empresa tem 830), decidiu solidarizar-se a ficar de fora dos portões.

Esta manhã a comissão de trabalhadores reuniu-se imediatamente com uma representação de trabalhadores que tomou a iniciativa de impedir a entrada aos outros trabalhadores. Discutiram durante toda a manhã as razões que levaram a tomar tal atitude. E neste momento decorre um plenário de trabalhadores para uma decisão final.

Não pretende a comissão de trabalhadores ou mesmo aquela delegação que tomou a iniciativa qualquer medida de perseguição contra qualquer trabalhador e muito menos qualquer despedimento. Quer apenas chamar a atenção dessas pessoas para o perigo de manobras divisionistas e o aparecimento de documentos anónimos.

QUEM É O PATRÃO!

A comissão de trabalhadores não deixou de dar alguns elementos, a nosso pedido sobre o patrão, agora preso, e que segundo tal documento «apenas podem recair algumas suspeitas».

Pois algumas não são «apenas suspeitas». O sr. Manuel D'Ávila era comandante de terço da Legião Portuguesa, patente essa que comprou, gabando-se aos trabalhadores de que agora «já era comandante».

Outro dos elementos da referida comissão acrescentou que há documentos comprovativos que o sr. Manuel D'Ávila enviava mensalmente um recibo de cinco mil escudos para a P. I. D. E. / D. G. S. Esta com alguns «serviços», prisão de trabalhadores. Quando da greve de 1969 naquela empresa, a P.I.D.E. actuou bem. Os alentejanos e os portuenses foram os alvos preferidos. Sobretudo os primeiros. Despediram mais de uma centena de alentejanos e, após a greve ter terminado, ainda continuou durante muito mais tempo a «caça aos alentejanos», pois tinham sido eles dos mais activos na luta dos trabalhadores.

E POR TRÁS DISTO?

Ainda se está para descobrir. Para conseguir captar aderências ao documento, utiliza-se a táctica de amedrontar com o desemprego, o patrão faz sempre muita falta etc.

Claro está que a culpa de tudo o que se passa na empresa é da Comissão de Trabalhadores. «Social-fascista» como lhe chamam num documento também anónimo. Escrevem mesmo num deles: «Mostremos do que somos capazes! A nossa voz há-de calar para sempre a voz dos sociais-fascistas e dos traidores. Eles planeiam lançar-nos na ruína e na miséria, mas nós saberemos dar-lhes a resposta que merecem». E ao contrário da «docilidade para com o patrão, comandante da L.P., pedem a Morte para a Comissão de Trabalhadores social-fascista». Opções, que esta tarde, no plenário, os trabalhadores discutem.. e escolhem.

EM ÉVORA

GRANDES AGRÁRIOS MANIFESTAM-SE MAS OS SOLDADOS ESTÃO COM O POVO

Soldados protegeram da fúria dos grandes agrários alentejanos que se manifestavam em frente do Quartel General de Évora pelo «cumprimento da lei da Reforma Agrária» e «fim das ocupações selvagens» um grupo de contramanifestantes que exigiam a aplicação do princípio «a terra a quem a trabalha», segundo revela a agencia A.N.I.

Os incidentes, que não tiveram graves consequências, verificaram-se ontem ao fim da tarde, durante um encontro entre uma comissão de grandes agrários alentejanos e o comandante da Região Militar do Sul, brigadeiro Pezarat Correia. Este encontro foi apoiado por uma manifestação que reuniu cerca de duas centenas de grandes proprietários agrícolas.

Segundo declarou àquela agência noticiosa um dos membros da comissão, foi exigida uma definição da situação nos campos, de forma a saber-se «quem irá semear este ano». O brigadeiro Pezarat Correia teria declarado estarem as autoridades conscientes da situação, não acrescentando, no entanto, nenhuma resposta concreta para as reivindicações dos agrários.

Os contramanifestantes, em número aproximado de oito dezenas, com predominância de jovens, gritavam estribilhos como «A terra a quem a trabalha», «Morte aos fascistas» e «Ofensiva popular». A tensão crescia e verificavam-se já os primeiros confrontos físicos quando uma força de soldados saiu do quartel para proteger os contramanifestantes. Entretanto, o director do Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas, Filipe Casinhos, refugiou-se no quartel para se furtar à fúria dos agrários. Três de entre estes também ali penetraram, mas conduzidos pelos soldados, a fim de prestarem declarações.

NÃO ENTENDEM A LEI DA REFORMA AGRÁRIA

Entretanto, as direcções dos Sindicatos Agrícolas de Évora, Beja, Santarém, Portalegre, Faro e Lisboa reuniram-se para exigir às entidades competentes que tomem medidas concretas que permitam o avanço da Reforma Agrária.

Analisando a situação, aqueles Sindicatos que não reconhecem força representativa das comissões de trabalhadores, concluíram que os órgãos directivos da classe trabalhadora não foram consultados para a elaboração da Lei da Reforma Agrária. Por outro lado, verificam um «atraso insuportável» nas culturas, pois nos anos anteriores, por esta altura, os agrários já tinham «os alqueives feitos».

Tendo em conta tudo isto, as direcções dos Sindicatos referidos exigem a rectificação da Lei da Reforma Agrária, de forma a que os trabalhadores a possam compreender para a porem em prática. Querem ainda que seja aberto um crédito num banco a designar em prol da Reforma Agrária e que se dê uma forma jurídica às comissões de trabalhadores quando estas entrarem nas explorações colectivas. Por fim, reivindicam medidas rígidas contra os agrários que não estão interessados na produção» e a elaboração de uma lei «em prol dos trabalhadores no sentido do asseguramento de produção».

O PLENÁRIO DA P.M.

Os militares da P.M., que esta manhã realizaram um plenário para o qual foram convidadas comissões de moradores, comissões de trabalhadores e representantes dos órgãos de comunicação social mantêm-se firmes nas posições assumidas quanto à defesa da revolução para as classes trabalhadoras e à recusa aos embarques para Angola em «virtude de os mesmos se inserirem num contexto político»

Trabalhadores do "Actualidades" vão criar mais empregos

Os trabalhadores do semanário «Actualidades», cuja publicação continua suspensa, mantêm as instalações ocupadas, enquanto preparam a reestruturação do jornal, depois de terem saneado o director, Silva Nobre, e o chefe de redacção, Pais Salvação.

Neste momento, os 14 trabalhadores encontram-se a braços com dificuldades resultantes da falta de pagamento dos salários e das dívidas acumuladas, cujo montante atinge cerca de três mil contos (2 894 988 escudos). Segundo elementos que divulgaram, em comunicado distribuído à Imprensa, às dívidas de impressão, que somam 1676 contos, acrescem os mil contos por pagar aos antigos proprietários do jornal e 218 988 escudos de dívida à I.B.M.

«Para bem servir o País», preparam o relançamento do semanário, em novos moldes, prevendo a criação de novos postos de trabalho e «o saneamento alguns da devotada camarilha que se recreava com o sacrifício dos trabalhadores». Entretanto, dão a conhecer à opinião pública os factos que os levaram a tomar uma posição decidida:

. «Os trabalhadores do «Actualidades», ao ocuparem as instalações do jornal e sanearem o director, não tomaram a atitude apenas por dívida de salários e supressão de regalias. Mês a mês foram verificando o aumento da insolvência, facilitando a perda, definitiva, de duas dezenas de postos de trabalho, enquanto o director vivia como um nababo, de Jaguar pessoal, whisky permanente, refeições de alta burguesia, em resumo, uma ostentação muito comparável aos altos mentores do capitalismo português.

«O aspecto político naturalmente que se integrava em íntimo parentesco com os gastos esplendorosos e o comportamento moral classifica-se de simplesmente indecoroso. O oportunismo regulava a orientação do jornal. Comunista ou fascista pouco interessava. Tinham influência, unicamente, os proventos que da tomada de posição adviessem. O escândalo, a ameaça, a grande arma. O «Actualidades» obedecia a paradoxos, contrastes, montureiras desregradas de podridão social. Como fontes de receita, claro, a alimentar a vaidade incomensurável de um indivíduo dissoluto, incompetente, asmianalfabeto, que se alcandorara a situação de privilegiado que olhava misericordiosamente os escravos...»

. O ex-director do «Actualidades» é ainda acusado de dividir os trabalhadores para poder «manobrar à vontade», de utilizar a publicidade e o dinheiro do jornal para fins pessoais e de ser um «déspota, mentiroso e jornalisticamente incapaz».

Apoio popular à manifestação dos S.U.V.

. A manifestação marcada para esta tarde, às 19 horas, na Praça General Humberto Delgado, de apoio ao brigadeiro Corvacho e à luta contra a reacção nos quartéis, tem vindo a ter o apoio de vários partidos e outras organizações revolucionárias, como a L.U.A.R. que, a propósito, dimanou um comunicado dirigido ao camarada soldado e no qual se lê: «Apoia com a tua presença, na próxima 4.ª-feira, às 19 horas, na Praça Humberto Delgado, o teu camarada soldado que dentro dos quartéis luta pela emancipação de todos os trabalhadores, fardados ou não».

Também a Organização Revolucionária de Bancários (O.R.B.) decidiu solidarizar-se com a S.U.V. (Soldados Unidos Vencerão) e aderir à manifestação desta tarde sob as palavras de ordem: «Trabalhadores, soldados, moradores, assembleias populares», «Morte ao E.L.P. e a quem o apoiar», «Reaccionários fora dos quartéis», «Portugal não será o Chile da Europa», «Soldados, sempre, sempre ao lado do povo» e «Operários, camponeses, soldados e marinheiros unidos venceremos».

Também o conselho municipal da Câmara Municipal do Porto, na sua reunião de ontem, deliberou expressar o seu apoio aos soldados, sargentos e oficiais revolucionários e patriotas, apelando para o povo do Porto e para as organizações populares, no sentido de se juntarem a esta manifestação, afirmando que os órgãos do poder popular estarão sempre ao lado dos militares progressistas.

ESTUDANTES EM PLENÁRIO

Realiza-se amanhã na Reitoria da Cidade Universitária um plenário dos estudantes de Lisboa.

Trata-se duma iniciativa do Comité Revolucionário dos Estudantes de Direito e da Direcção Provisória da Associação de Direito, e vai tratar-se da situação político-militar e das medidas imediatas a tomar pela juventude estudantil.

«As últimas medidas tomadas pelos órgãos do poder representam um grave risco para a Revolução Portuguesa» — diz um panfleto desde ontem a circular por toda a cidade.

A sessão é à noite e começa às 21 horas.

Nacional

O repórter de serviço

Por NUNO GOMES DOS SANTOS

E AGORA?

O repórter esteve de serviço no 25 de Abril de 1974. Um outro serviço. Digamos: fardado, o repórter esteve de serviço no 25 de Abril.

Ainda fardado, o repórter esteve de serviço no dia em que foi desmascarado o golpe Palma Carlos e quando nascia, depois, o II Governo Provisório. De si para consigo, o repórter disse: foi um salto em frente.

No 28 de Setembro, o repórter esteve de serviço como repórter. À porta do Palácio de Belém, viu sair e entrar Costa Gomes, viu grandes movimentações de militares, soube, «in loco», que a «maioria silenciosa» não daria espectáculo. E assitiu, depois, à tomada de posse do III Governo Provisório.

No 11 de Março, o repórter esteve, também, de serviço. Misturado com os populares, esteve no RAL1, depois do assalto. Soube da derrota da reacção, foi atrás de Spínola até Badajoz, cumprindo a sua missão de informar e, depois, congratulou-se com o IV Governo, com a Assembleia do M. F. A., com a criação do Conselho da Revolução e viu que tudo isso era um salto em frente.

Mais tarde, ouviu pela primeira vez em público pedir-se a demissão de Vasco Gonçalves, assistiu à queda do IV Governo e à tomada de posse do V. E pensou que o prosseguimento da Revolução ainda estava assegurado. Disse: mais um salto em frente.

Cinco Governos. De cada vez que um dava lugar a outro, o repórter sabia que se avançava. Cada novo Governo correspondia, sempre, a um avanço, a mais um passo em frente no caminhar de uma Revolução lenta, hesitante, demorada, boicotada dentro e fora do País.

O repórter continua de serviço. À espera. É que vem aí um VI Governo e, pela primeira vez desde o 25 de Abril de 1974, a dúvida assalta-o: será o quê?

Antes, não havia dúvidas: era um salto em frente.

E agora?

I.N.A.T.E.L.: NOVOS CRITÉRIOS PARA SERVIR MASSAS TRABALHADORAS

«Herdeira» da F.N.A.T., a I.N.A.T.E.L. (Instituto Nacional para Aproveitamento dos Tempos Livres) empenha-se na sua afirmação como um organismo inteiramente ao serviço dos trabalhadores, preparando, para tal, a sua definição social, que sairá dos novos estatutos que serão consignados depois de discussão entre a actual Comissão Administrativa e todos os sindicatos do País.

Com centros de férias na Albufeira, Costa da Caparica, Foz do Arelho, Termas de São Pedro do Sul e Entre-os-Rios, a I.N.A.T.E.L. procede à sua ocupação segundo novos critérios que vão desde a revisão das taxas de utilização (estabelecida consoante o rendimento mensal do utente) até ao aumento da disponibilidade de lugares para trabalhadores (metade da lotação dos centros, em cada turno de ocupação de 15 dias, para os trabalhadores de salários mais baixos).

Toda esta nova política de ocupação é acompanhada de um melhor aproveitamento do tempo de férias, o qual beneficia, além das camadas mais jovens, especialmente os trabalhadores rurais e os pescadores.

ACTIVIDADES CULTURAIS E DESPORTIVAS

O aproveitamento dos tempos livres nestes Centros possa pellla estabelecimento de actividades de natureza cultural, a cargo não só dos seus utentes mas também, por vezes, de animadores pagos pela I.N.A.T.E.L.. Exibição de filmes, reuniões e debates, constituem alguns dos aspectos desta actividade que, no caso do Centro da Albufeira, engloba ainda uma iniciativa denominada «circuito do peixe» na qual põe os mais jovens em contacto directo com a problemática piscatória desde a captura até à venda do pescado ao consumidor.

Quanto à actividade desportiva, esta envolve jogos na praia, ginástica e natação.

O CENTRO DE ALBUFEIRA

Criado em 1960 pela F.N.A.T. com 28 quartos, este Centro conta hoje com 600 quartos, número que, embora elevado, ainda não satisfaz a procura. Para além destas instalações, existem hoje um refeitório, onde 130 empregados servem 1.800 refeições diárias, um bar, uma cozinha, uma zona de abastecimento, loja para vendas de jornais, livros e cosméticos, e posto de correio.

A zona de dormitórios, dividida em quartos e camarates, (estas últimas para menores de 11 anos de idade), situa-se num piso mais elevado do que as instalações atrás mencionadas, e conta ainda com um terraço, em vias de acabamento, onde se projectam filmes e as crianças se entregam a actividades de pintura e elaboração de cartazes.

Presentemente, no Centro de Albufeira, procede-se ainda à construção de um novo edifício para onde será transferido o actual refeitório e que será equipado com mais 83 quartos.

RECEITAS

Para a manutenção de todos estes Centros de Férias, a I.N.A.T.E.L. vai buscar fundos a receitas provenientes da Previdência, do Totobola e de alguns sindicatos. Recorre ainda à cotização anual dos seus associados, sendo de destacar que esta, para melhor ir de encontro aos interesses dos trabalhadores, se divide por mais escalões: um, de 30$00, incide sobre os trabalhadores rurais e os pescadores; outro, de 60$00, distribuie-se pelos restantes utentes.

Todos estes esclarecimentos foram prestados à Informação por elementos da actual comissão administrativa, no decurso de uma visita ao Centro de Albufeira, realizada no passado fim-de-semana, e que será completada, no próximo sabado, com uma deslocação ao Centro de Férias da Costa da Caparica.

O ALENTEJO — PONTA DE LANÇA DA REVOLUÇÃO

O povo, quer queiram, quer não, ganha consciência das suas dificuldades, dos seus problemas e dos perigos que se deparam ao processo revolucionário em curso, rumo ao socialismo. Um dos pontos do País onde essa consciência mais se agudiza, neste momento, é o Alentejo. O Alentejo dos pobres, das classes trabalhadoras exploradas até mais não, não só de há 48 anos para cá, mas há séculos, pelos senhores do capital que nos sombrios anos do fascismo se apoderaram das suas melhores e mais vastas terras de cultura.

E é precisamente por isso, que os trabalhadores alentejanos melhor aprenderam a lição. E às tentativas de sabotagem económica, que se têm apresentado sob diversas formas, contrapõem a sua vontade férrea de vencer, trabalhando incansavelmente para salvar este Portugal da grave crise económica em que se encontra.

Esses trabalhadores, pela fome e humilhações por que passaram, e passam, estão decididos a não ceder um passo na caminhada, por isso não permitirão o mínimo recuo no processo que, com suas próprias mãos encetaram.

O Alentejo é, com efeito, a ponta de lança da revolução — do povo para o povo. Lá não se espera pelas leis, avança-se decididamente, para a consolidação do que o 25 de Abril proporcionou às classes trabalhadoras. A prática do associativismo da organização de classe, é já um facto, reforçado pela unidade e pela identificação dos interesses e objectivos. Por outro lado, a produção agro-pecuária intensifica-se.

As condições socioeconómicas pouco ou n a d a mudaram; trabalhadores há que não recebem salários há largas semanas; mas tudo isto não constitui obstáculo para os corajosos camponeses. Armados de compreensão, ânimo e determinação, eles aprenderam que o futuro está nas suas mãos e que só o seu esforço pode libertá-los da miséria em que se encontram.

E avançam, conscientes de que não se pode fazer tudo num dia. Avançam, porque apesar das inúmeras dificuldades e privações o futuro será melhor.

J. F.

3.º e 4.º anos em estudo no I.S.C.S.P.

Prosseguiu esta manhã no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, à Junqueira, em Lisboa, a série de reuniões de alunos e professores para análise e discussão dos planos de estudo do 2.º ciclo de licenciatura (2.º e 3.º anos). Segundo o programa oportunamente divulgado, a reunião desta manhã versou o tema Estudos Regionais e Urbanos. De tarde, a partir das 15 horas, começa outra reunião para tratamento de Questões Agrárias.

A série de reuniões teve início ontem, com uma discussão em torno do projecto de plano de estudos relativo à especialização em Desenvolvimento Económico e Cooperação, de manhã. De tarde tratou-se de Instituições Sociais e Políticas.

Estão previstas ainda duas reuniões de Curso: a do Curso de Administração, amanhã, às 18 horas, e a do Curso de Economia sexta-feira, às 10.

Os planos de estudos devem ficar aprovados até 15 do corrente, data em que poderão abrir as inscrições no 3.º ano. Fins de Outubro, devem começar a funcionar as especializações, já acessíveis aos alunos habilitados com o 3.º ano de Economia. Segundo o CD da escola, algumas especializações admitirão alunos com formação diferente.

ESTALEIROS NAVAIS: NACIONALIZAÇÃO COM INDEMNIZAÇÕES

Acaba de ser publicado no «Diário do Governo» o decreto-lei que nacionaliza a Setenave de Setúbal, e os Estaleiros Navais de Viana do Castelo.

Integrado na política de controlo estatal dos sectores-chave da economia portuguesa, que já noutros sectores está sendo aplicada, o diploma manda que tais nacionalizações sejam feitas sem prejuízo do direito dos actuais accionistas privados a serem indemnizados. Os termos destas indemnizações não estão ainda legalmente estipulados, cabendo a sua definição a posterior regulamentação.

Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Metalúrgica e Metalo-Mecânica do Distrito de Lisboa

PLENÁRIO DE ZONA

CONVOCATÓRIA

CCT Vertical da Indústria METALÚRGICA

Convocam-se todos os trabalhadores da Indústria Metalúrgica e Metalo-Mecânica abrangidos por este Contrato Colectivo, para Plenário a realizar nos seguintes locais:

DIA 9 DE SETEMBRO
Sacavém — às 20.30 horas
Pavilhão Desportivo Atlético Clube de Moscavide
Av. João Pinto Ribeiro — junto ao Quartel de Beirolas — Moscavide

Torres Vedras — às 18.30 horas
Clube Artístico e Comercial
Rua Álvaro Galvão — Torres Vedras

DIA 10 DE SETEMBRO
Lisboa — às 20.30 horas
Salão Voz do Operário
Rua Voz do Operário — Lisboa

ORDEM DE TRABALHOS

Ponto único:
Contrato Colectivo de Trabalho:
Informação sobre as negociações.

NOTA. É necesária a apresentação do cartão de sócio do Sindicato. Brevemente serão marcados mais Plenários noutras zonas do distrito.

Lisboa, 5 de Setembro de 1975

A COMISSÃO DIRECTIVA

Nacional

CÂMARA MUNICIPAL DO BARREIRO

REPARTIÇÃO TÉCNICA

CONSTRUÇÃO DO C. M. — 1028 - 1 — DO ALTO DA MALHADA (COVAS DE COINA)

ANÚNCIO

Faz-se público, de harmonia com a deliberação de 28 do corrente mês, que está aberto concurso público para adjudicação da empreitada acima mencionada.

Base de licitação 832 549$50
Depósito provisório ..... 20 813$70

Alvará de empreiteiro 1.ª categoria da 4.ª categoria e na classe correspondente ao valor da proposta.

As propostas devem ser apresentadas no prazo de vinte dias, contados a partir do dia seguinte ao da publicação deste anúncio no «Diário do Governo» e a sua abertura terá lugar na primeira reunião da Câmara que se seguir ao termo do prazo fixado, pelas 21.30 horas.

O programa de concurso e o caderno de encargos estão patentes todos os dias úteis durante as horas de expediente na Repartição Técnica desta Câmara.

Barreiro, 30 de Agosto de 1975.

Pela Comissão Administrativa,
Hélder da Silva Nobre Madeira

AGÊNCIA DE VIAGENS

SOC. COM. OREY, ANTUNES, S.A.R.L.

4, Praça Duque da Terceira — LISBOA-2

Tels. 36 22 66 / 36 93 46

— **LONDRES**, 8 maravilhosos dias na velha capital inglesa. Saídas semanais.
— **AÇORES e MADEIRA**, 8 ou 15 dias. Saídas frequentes.
— **ROMA**, 8 dias, visitas guiadas. A cidade que não mais esquecerá.
— **CURSOS DE INGLÊS EM INGLATERRA**, incluem transporte, estadia e aulas.
— **CRUZEIROS NO RENO**, viagens de sonho.
— **FERRIES** para Inglaterra e Norte de África. Comodidade e rapidez.
— **MARROCOS**, a sua viagem deste ano
— **TURISMO INTERNO**
— **PASSAPORTES**

CURSOS

Estão abertas as matrículas até 23/9/75 para os cursos de Perfuração / Verificação. Sistemas: IBM e UNIVAC. Início dos cursos 24/9/75. As inscrições são limitadas.

EXTERNATO CONTINENTAL
T. 364272-R. do Arsenal, 100-1.º

AS CERVEJAS NA MADEIRA

TRABALHADORES DEFENDEM OS PATRÕES E OPÕEM-SE À NACIONALIZAÇÃO DA EMPRESA

Trabalhadores da Empresa de Cervejas da Madeira não querem a nacionalização da empresa. Em plenário, cerca de três centenas de trabalhadores (maioria esmagadora) decidiram não aceitar quaisquer tentativas de nacionalização. Motivo: dão-se muito bem com os patrões e acham que o seu afastamento seria nocivo ao desenvolvimento da empresa.

Trata-se, porventura, do primeiro caso no País. Pela primeira vez, desde que foi desencadeado o processo de nacionalizações, os trabalhadores de uma empresa levantam-se na defesa do capital privado.

Recorda-se que o capital da Empresa de Cervejas da Madeira está dividido em quatro partes, sendo uma da Sociedade Central de Cervejas, outra da família Tavares, outra da família Malheiro Araújo e uma última da família Miles. Esta família Miles é constituída por ingleses há muito tempo radicados na Madeira e subscreve a maior parte do capital. Aliás, o principal administrador da empresa é justamente Anthony Miles.

A posição agora assumida pelos trabalhadores deverá ser justificada ainda hoje através de um comunicado.

Entretanto, consta que os trabalhadores gostam muito dos seus patrões (um dos operários até foi sujeito a uma operação de transplante de rim, que a empresa pagou) e põem em dúvida que as coisas corram melhor com a nacionalização. Além disso, corre com insistência que a empresa paga bem e distribui gratificações por altura do balanço e no fim do ano.

Em contacto com um representante dos trabalhadores, foi-nos dito que «não aceitamos de forma nenhuma a nacionalização» e que já anteriormente, quando a hipótese foi posta, tinham enviado um telegrama à presidência da República dizendo da sua posição. Do Comércio Externo haviam então recebido um ofício esclarecendo que as nacionalizações do sector ocorreriam apenas no Continente. Agora, porém, verificava-se o propósito das entidades oficiais aplicarem na Madeira, e no sector cervejeiro, o Decreto-Lei 4/74. E «isso não pode ser!»

. No convencimento de que «a nacionalização vai emperrar tudo», vai travar o desenvolvimento da empresa (diz-se que os proprietários têm planos para aumentar a fábrica e a produção) os trabalhadores não hesitam em pôr-se ao lado das famílias Araújo, Tavares e Miles.

Acontece na Madeira. Os trabalhadores não dispensam patrões.

MACHICO

"Se o brigadeiro Azeredo é reaccionário deverá ser o povo a julgá-lo"

—afirma o padre José Martins

. O que organizamos não foi um Tribunal Popular mas apenas um interrogatório em câmara aberta. Os rapazes fizeram autocrítica e confessaram que as inscrições nas paredes (pró-Independência) estavam relacionadas com os engenhos explosivos que continuam a rebentar na Madeira.

A palavra é do padre José Martins Júnior, recentemente afastado da presidência da Câmara Municipal de Machico sob a acusação de ter organizado um Tribunal Popular.

Contestando que se tivesse deslocado a Lisboa para tentar conseguir a demissão do governador do distrito, brigadeiro Carlos Azeredo, o padre Martins explica-se: «Vim a Lisboa para apresentar um relatório sobre o problema e saber de que lado está o Governo central — se é pela Independência ou contra ela». E adianta: «Se o brigadeiro Azeredo é reaccionário, compete ao povo julgar.»

. Voltando à questão do Tribunal Popular — que o padre assegura não ter passado, afinal, de um interrogatório — interessará sublinhar que um dos jovens, de nome Marco Paulo, confessou publicamente que as inscrições feitas pelo grupo nas paredes (do género Viva a FLAMA, Independência, etc.) estavam, de facto, relacionadas com o rebentamento de petardo que vêem alarmando a população: Não obstante, nenhum inquérito foi feito, a nível oficial. As autoridades ter-se-iam limitado a condenar a organização do pretenso Tribunal Militar.

A propósito, o padre Martins recorda que Tribunal Popular poderia chamar-se, talvez, com certa propriedade, não a este caso mas a um outro, em que participou há cerca de dois meses no concelho do Caniçal. Então sim, o Povo julgou um patrão metido no negócio de vimes e ele, patrão, sentiu-se obrigado a confessar publicamente que explorava os trabalhadores.

— **Desta vez, foi um simples interrogatório.**

Um interrogatório que levou a confissões importantes que pelos vistos, não interessam aos tribunais comuns.

Português da C.G.T. visita Aveiro

. Um emigrante português que, em França, é membro da Comissão Executiva da C.G.T., departamento do Loiret, visitou o distrito de Aveiro para observar e colher informações sobre emprego, vida sindical e comissões de trabalhadores.

Durante a sua visita a União dos Sindicatos de Aveiro (Intersindical) manteve contacto com Dias António, o emigrante português a que vimos fazendo referências, pedindo-lhe que envidasse todos os esforços a fim de prosseguir em França os cursos de formação sindical para trabalhadores portugueses, iniciativa que já obteve bons resultados em ocasiões anteriores.

Dias António foi ainda solicitado para divulgar, junto dos emigrantes, e mesmo dos trabalhadores franceses menos esclarecidos, os avanços conseguidos até agora pelo processo português.

Contrato Colectivo Vertical do Comércio Retalhista

Comunica-se a todos os trabalhadores abrangidos por este Contrato que se realiza novo plenário, no próximo dia 12, sexta-feira, às 21.30 h., no salão da Voz do Operário, com a seguinte ordem de trabalhos:

— CONTINUAÇÃO DA APRECIAÇÃO E APROVAÇÃO DO PROJECTO DO C.C.T.

É indispensável a tua presença e participação !

De contrário, não poderá haver novo Contrato Colectivo !

Todos os trabalhadores à assembleia, independentemente da sua profissão, pois o Contrato é vertical !

Os Sindicatos Outorgantes

(do Comércio, Metalúrgicos, Cobradores, Rodoviários, Telefonistas, Electricistas, Construção Civil, Marceneiros, Têxteis, Contínuos e Porteiros)

AOS COMERCIANTES E PARTICULARES

MOBILIÁRIO EM AÇO E MADEIRA

MÁQUINAS, UTENSÍLIOS E APARELHAGEM

P.A ESCRITÓRIOS

E ADORNOS E UTILIDADES **PARA RESIDÊNCIAS**

IMPORTANTE

LEILÃO

Por motivo de encerramento de importante emprese serão vendidos todos os bens, pela maior oferta e sem base de licitação

AMANHÃ, 5.ª-FEIRA, DAS 15 ÀS 20 HORAS

NO N/ SALÃO REFRIGERADO DA

Av. Casal Ribeiro, 17 — LISBOA

CONFORME ANÚNCIOS DISCRIMINATIVOS
NOS JORNAIS DA MANHÃ

NOTA IMPORTANTE: Chamamos a atenção para a alta classe, categoria e estado dos bens a vender e que estarão

Em exposição só AMANHÃ, das 10 às 13 hs.

SOC. DE LEILÕES
AV. DUQUE DE LOULÉ, Nº 1
Tels. P.P.C. (9 Linhas)
AFRA FILHOS, Ld.ª

BANDO ARMADO ROUBA 440 CONTOS EM CASCAIS

. Armados com pistolas metralhadoras e tapando os rostos com mascarilhas pretas, três indivíduos não identificados assaltaram, ao fim da tarde de ontem, os escritórios da firma J. Pimenta, em Cascais, levando 440 contos que se encontravam depositados no cofre-forte, ainda aberto àquela hora. O funcionário de serviço, Luís Filipe Castal Carinhas, residente em Lisboa, na Rua Conde Redonda de Arnoso, foi obrigado a deitar-se no solo, de barriga para baixo, e a manter-se quieto e calado, sob pena de o matarem.

Os assaltantes afastaram-se do local num automóvel Ford-Capri de cor verde, cujo guarda-lamas direito da frente se mostrava amolgado.

Nacional

PERGUNTA O P.C.P.:

O que quer o P.P.D. que a Revolução lhe faça?

. «O que quer o P.P.D. que a Revolução lhe faça», pergunta o P.C.P., numa nota emitida a propósito das declarações feitas pelo ex-secretário-geral do Partido Popular Democrático, Francisco Sá Carneiro, em duas entrevistas recentemente publicadas, uma no «Jornal Novo» e outra no semanário «Tempo». A nota do P.C.P. constitui uma denúncia não só do significado político das declarações de Sá Carneiro mas também do comportamento político do P.P.D., onde, aliás, parece óbvio que as declarações de Sá Carneiro se inscrevem. Corre com certa insistência nos meios políticos que Sá Carneiro vai voltar ao lugar onde Emídio Guerreiro o tem substituído ultimamente. Com Emídio Guerreiro ou com Sá Carneiro, à frente, no entanto, parece previsível que as posições políticas do P.P.D. não vão alterar-se senão no sentido de um maior afastamento das forças progressistas empenhadas no desenvolvimento revolucionário do processo político português. Essa a convicção que parece latente também no presente texto do P.C.P.

O P.C.P. começa por recordar afirmações feitas por Emídio Guerreiro e Graça Moura, essas mesmas que terão sido do pretexto e vão ser objecto de uma decisão anteontem tomada pelo C.S.R. Um e outro falaram dos militares e sobretudo do M.F.A. em termos violentos. O P.C.P. vem dizer que o que Graça Moura e Emídio Guerreiro disseram «é, pura e simplesmente, o apelo público à subversão contra-revolucionária, à insurreição de bandos armados contra o Estado democrático, à guerra civil».

Seguidamente, a nota analisa as declarações de Sá Carneiro e acusa este dirigente de atacar «violentamente todas as conquistas históricas da Revolução Portuguesa: as liberdades democráticas, a descolonização, as nacionalizações, a Reforma Agrária. «Sá Carneiro e o P.P.D.», diz o P.C.P., «colocam-se fora do processo revolucionário português, levantam-se contras as principais e históricas conquistas destes 16 meses». E o P.C.P. sublinha o facto de as posições de Sá Carneiro não serem contra apenas o M.F.A. e o P.C.P., mas também contra o próprio P.S. e o grupo dos «nove». Diz o P.C.P. sobre Sá Carneiro: «Se o anticomunismo é a sua linha mestra e o P.C.P. o alvo principal, o dirigente P.P.D. já nem poupa o próprio P.S. e Mário Soares — a quem aliás reconhece, agradecido, «o mérito e a utilidade» de terem desencadeado a campanha anticomunista que a reacção também tem aproveitado. Agora o chefe do P.P.D. acusa o P.S. de ter em tempos idos praticado a unidade com os comunistas, de ser (horror dos horrores!) «marxista» em trechos vários do seu projecto de Constituição e de admitirem ainda aquilo que para o P.P.D. é já «inconcebível», uma aliança com o P.C. O próprio grupo dos «nove», que Sá Carneiro identifica com o P.S., e o seu documento, são alvo da condenação do terrível Sá Carneiro — porque foram do M.F.A. porque participaram no processo de descolonização e porque no seu documento têm, diz ele, «uma linha marxista subjacente».

«Traindo o Pacto com o M.F.A. e os partidos, o P.P.D. mantem-se contudo fiel em Spínola», diz ainda o P.C.P. sublinhando o facto de Sá Carneiro vir agora lembrar a proposta que fizera em 4 de Julho de 1974 e da qual constava a atribuição de muitos mais poderes ao então Presidente da República. E, a terminar a nota o P.C.P. pergunta: «Aonde vai o P.P.D. arranjar as 50 000 armas de que precisa? Ou já as arranjou? Na sua visita a Espanha, ao encontro de quem vai o sr. Sá Carneiro? Como pode um partido destes pretender fazer parte de um Governo revolucionário? Como se pode interpretar que o P.S. continue a defender a participação do P.P.D. no novo Governo da Revolução? O que quer o P.P.D. que a Revolução lhe faça?»

ELEIÇÕES NOS SEGUROS

Debate público aquece luta entre as duas listas

. Um debate público amanhã, na sede do Sindicato dos Trabalhadores de Seguros do Sul, abre, por assim dizer, a campanha das duas listas que se candidatam aos corpos directivos da classe.

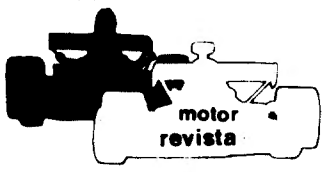
Os candidatos pela lista B, em comunicado agora divulgado, assinalam estar «coerentes com a orientação dada à sua campanha», enunciando no mesmo texto pontos programáticos que constituirão a «verdade da sua luta», por forma a «responder a provocações e oportunismos de qualquer espécie» — o que não estava nas suas previsões de combate.

Os trabalhadores reforçam a sua posição assinalando que repudiam «a tentativa de identificação demagógica e oportunista da linha sindical e política com a dos actuais corpos gerentes», realçando que o seu programa resultad de todo um processo de discussão colectiva, independente e aberta.

O debate de amanhã, na sede do sindicato e a quem podem assistir sócios e representantes dos órgãos da Informação, para além da «prova dos nove», que promete, possibilitará, ainda, clarificar posições e inclinar o «fiel», num primeiro embate, para a lista mais coerente.

CONSELHO MUNICIPAL DO PORTO

. PORTO, 10 — O Concelho Municipal do Porto, na sua reunião extraordinária de ontem, deliberou por unanimidade realizar uma sessão pública na Praça Humberto Delgado, amanhã, às 19 e 30, com a seguinte ordem de trabalhos: discussão dos motivos que levaram a actual Comissão Administrativa a pedir a demissão.



ASSEMBLEIA CONSTITUINTE

TRAVAR A REVOLUÇÃO

. O recuo das forças revolucionárias tem um espelho visível em S. Bento. Se nos primeiros artigos, já aprovados, da Constituição se definia com alguma clareza a construção de um país socialista, a intenção agora, nitidamente, é de voltar atrás.

O deputado Sousa Pereira do M.D.P./C.D.E., denunciou-o ontem, de certo modo, ao fazer a declaração de voto do seu partido acerca do texto da Comissão dos «Direitos e Deveres Económicos, Sociais e Culturais».

Lembrando o artigo 2.º, já aprovado, «a República Portuguesa é um Estado democrático, baseado na soberania popular (...) e que tem por objectivo assegurar a transição para o socialismo mediante a criação de condições para o exercício democrático do poder pelas classes trabalhadoras», Sousa Pereira denunciaria que «esquecendo este último objectivo o texto da Comissão não garante, com suficiente energia, a defesa das conquistas fundamentais do povo português, verificando-se mais a preocupação de conter e regular o ritmo da Revolução do que lhe criar os meios materiais (económicos e de organização social) que lhe garantam o seu rápido avanço».

Ainda relativamente à proposta «Direitos e Deveres Económicos, Sociais e Culturais», aquele deputado diria que a proposta aprovada (cariz P.S.) «responde à pergunta: que direitos?, responde menos mal à pergunta: «com que meios?», deixando no entanto sem resposta a pergunta: «liberdades, para quê e para quem?»

. Outro exemplo ocorrido ontem da travagem que as forças conservadoras pretendem imprimir à revolução foi denunciada pelo representante do P.C.P. na mesma comissão. Hilário Teixeira recordaria que «a consagração legal da unicidade é uma conquista revolucionária dos trabalhadores portugueses e como tal tutelada pelo Pacto entre o M.F.A. e os partidos que participaram nos trabalhos desta Comissão», tendo denunciado a sua ausência no texto aprovado e informando que contra a unicidade sindical votaram o P.S., o P.P.D. e o C.D.S.

O mesmo deputado daria conta da rejeição, pelo mesmo leque de forças, da «norma proposta pelo P.C.P. no sentido de limitar o acesso a cargos públicos e de direcção a indivíduos gravemente comprometidos com o regime fascista ou condenados por corrupção».

Outro facto elucidativo: o P.C.P. propôs o seguinte aditamento ao artigo 27.º: «é proibida a utilização da religião ou dos estabelecimentos, instituições ou cerimónias religiosas para fins de política partidária ou anticonstitucionais». Votaram contra o P.P.D. e o C.D.S. O P.S. absteve-se.

Quanto ao mais, Aquilino Ribeiro (P.S.) falou de Angola. Não fez análise política, económica e social do problema. Limitou-se à lamúria acerca dos retornados. Para os defender?... São cerca de trezentos mil votos. Um deputado do P.P.D. veio dizer que dos Açores apenas se diz que o povo é reaccionário e não se fala dos seus problemas. Américo Duarte apareceu, após alguns dias de ausência. Veio atacar a lei censória do C.R. e denunciar, nomeadamente, a não satisfação das reivindicações dos soldados aliás referidas no Documento do Copcon.

E.A.

EXPERIMENTAL DE CASCAIS OCUPA SEDE DO C.D.S.

Com o apoio de organizações e partidos políticos, grupos amadores, comissão de moradores e a população progressista daquela vila, a Companhia Experimental de Cascais ocupou a antiga sede do C.D.S. (ex-Ginásio Cultural), situada nas traseiras do supermercado Pão de Açúcar, a fim de a transformar num centro cultural.

O centro, de acordo com um comunicado distribuído à Imprensa, estará aberto às seguintes realizações: espectáculos, criação de cursos para trabalhadores, desenvolvimento do teatro amador, criação de uma biblioteca, preparação de um conservatório regional, criação de uma discoteca teatral e cedência para todas as actividades das companhias de teatro independente e de todas as actividades culturais da zona de Cascais.

A partir das 21 horas de hoje realizar-se-ão ali sessões de canto livre, bem como ensaios do grupo de teatro amador do concelho de Cascais.

Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Metalúrgica e Metalo-Mecânica do Distrito de Lisboa

PLENÁRIO DE ZONA

CONVOCATÓRIA

CCT Vertical da Indústria METALÚRGICA

Convocam-se todos os trabalhadores da Indústria Metalúrgica e Metalo-Mecânica abrangidos por este Contrato Colectivo para Plenários a realizar nos seguintes locais:

DIA 11 DE SETEMBRO

Mafra — às 20.30 horas
Teatro de S. Jerónimo

Cacém — às 20.30 horas
Bombeiros Voluntários
Largo da República
Agualva

DIA 12 DE SETEMBRO

Oeiras — às 20.30 horas
Bombeiros Voluntários de Oeiras

Vila Franca de Xira — às 20.30 horas
Casa do Povo

ORDEM DE TRABALHOS

Ponto único:

Contrato Colectivo de Trabalho:
Informações sobre as negociações.

NOTA: É necesária a apresentação do cartão de sócio do Sindicato. Brevemente serão marcados mais Plenários noutras zonas do distrito.

Lisboa, 8 de Setembro de 1975

A COMISSÃO DIRECTIVA

Nacional

A HISTÓRIA DA VELHA FONTE

Há anos, ali no Bairro de Caselas, uma fonte antiga vertia sua água de fronte de um velho edifício onde a D. Aurora dava aulas. Uma professora velhinha, uma casa velha, uma fonte antiga.

Depois, o tempo foi passando e com ele passaram estas coisas: a D. Aurora, a casa velha, a antiga fonte foram, sucessivamente, desaparecendo.

Quanto à D. Aurora, nada de espantar. Finou-se, a senhora, coisa muito comum em gente de tão prevecta idade quanto a sua. A casa velha onde dava aulas desapareceu, também, vítima de uma lei não menos inexorável que a da vida: foi abatida. Sacrificou-se a sua velhice a uma paisagem nova.

E a fonte? Bom, a fonte é que podia não ter desaparecido. Isto é: a água continuava a jorrar, nenhuma lei da natureza, nenhum passar dos tempos a impedia de nascer, quotidianamente. A fonte (a água) continuava viva. Mas, qual parte integrante da trilogia composta pela D. Aurora, pela velha casa e por si própria, a fonte desapareceria também.

Aqui termina a poesia (a vida). A velha casa deu lugar a um espaço mais ou menos verde onde os miúdos pontapeavam uma bola e se sonhavam artistas do pontapé. A D. Aurora deu lugar a uma recordação de professora velha daquelas «que já não há». Mas a fonte, desapareceu, não deu lugar a nada. A lei da vida, da renovação das coisas, substituiu tudo: a casa e a velha, nos lugares e na memória. Tudo, menos a fonte.

Encerrada por disposição camarária, há anos que vivia (apesar de tudo vivia) sepultada sob cinco metros de terra batida. Até que um dia, um grupo de pessoas se lembrou de a devolver à vida. Palavra puxa vontade (e enxadas. E picaretas), veio a tropa dar «uma mão» e eis que a fonte, com seu primitivo bebedouro, com sua bica fresca, aí está a descoberto.

Depois, a análise a destruir os sonhos: «Água bacteriologicamente pura»? Sim senhor. Mas os nitratos, em quantidade exorbitante, tornam-na prejudicial à saúde, «não aconselhável como alimento, sobretudo de crianças».

Agora, o povo de Caselas quer a água tratada. Parece que é possível. «Vamos lá a ver...», dizem.

A D. Aurora, se fosse viva, havia de gostar de ver isto!

NUNO GOMES DOS SANTOS

SOARES EM BONA AMARO DA COSTA NA ÁUSTRIA

Os políticos portugueses que estavam na oposição (ainda estarão?) passeiam-se pela Europa em procura de auxílio, pedindo insistentemente aos seus irmãos ideológicos que intervenham nos assuntos internos portugueses.

Assim foi anunciada em Bona que o dr. Mário Soares se deve encontrar no domingo com os seus colegas sociais-democratas do Governo e do respectivo partido alemão, no sentido de, com eles, discutir a actual situação em Portugal.

Está também prevista a sua participação num comício em Francfort, juntamente com o «leader» do S.P.D., Willy Brandt.

Entretanto, foram desmentidas pelo secretário-geral do Partido Socialista as afirmações que lhe foram imputadas pelo jornal brasileiro «Gazeta Mercantil» na sua edição da passada terça-feira.

Segundo o referido periódico, Mário Soares teria afirmado que «foi um erro grave dos primeiros Governos revolucionários terem perdido a confiança das multinacionais e que a única actividade que não tinha diminuído era a de emissão de papel moeda».

Entre outras afirmações que não foram desmentidas, salientam-se as que se referem às actividades políticas dos refugiados das colónias, qualificadas de reaccionários pelo dirigente socialista e comparáveis às mantidas pelos retornados da Argélia, durante o consulado no general De Gaulle.

Em Salzburgo, na Austria, os conservadores europeus reuniram-se para estudar a situação neste «velho continente».

A reacção portuguesa estava representada pelo dr. Amaro da Costa, vice-presidente do C.D.S.

A situação política e social do nosso País foi motivo de atenta análise por parte dos dirigentes conservadores, tendo Amaro da Costa protestado contra a marginalização a que o seu partido é sujeito em Portugal e, também, contra o facto de ter sido proibido pela Assembleia Constituinte portuguesa o uso de siglas partidárias com referências religiosas. Para Amaro da Costa o Partido Socialista Português vê no C.D.S. o seu principal concorrente eleiitoral.

No final da reunião foi aprovada uma recomendação no sentido de se fazer pressão sobre os partidos socialistas europeus para que estes impeçam que o P.S.P. entre numa colligação com os comunistas, cuja presença num Governo de coligação é considerada nefasta.

Segundo Whitelaw, do Partido Conservador inglês, «Soares devia tomar o poder sem os comunistas».

A conferência, que foi organizada pelo Partido Popular Austríaco, teve como resultado final a aprovação de uma série de decisões no sentido de institucionalizar uma Internacional Conservadora, no género daquela que foi constituída pelos partidos sociais-democratas. (R/FP)

SEDE DO P.C.P. CAUSA APREENSÃO

Um abaixo-assinado subscrito por um número razoável de moradores foi recentemente entregue ao governador do distrito do Funchal. Pedia-se ali a transferência, para outro sítio qualquer da cidade, da sede do Partido Comunista Português.

Na origem do insólito pedido o receio puro e simples, de que a sede do P.C.P. venha a ser incendiada, ou coisa assim, e os moradores próximos fiquem prejudicados. As instalações daquele Partido encontram-se na Rua da Carreira.

Respondendo à pretensão dos moradores, vizinhos do P. C. P. o brigadeiro Carlos Azeredo acabou por lhes dizer que «o seu pedido não era viável.»

C.N.N. 13 DIAS DE GREVE

A greve dos trabalhadores da Companhia Nacional de Navegação — Sector Mar, entra hoje no 13.º dia.

Representantes dos trabalhadores declaram que «o Governo não dá solução» tendo-se limitado (o Gabinete de Angola) a pedir-lhes que resolvessem questões relacionadas com navios surtos nos portos angolanos.

Presume-se que sejam elevadissimos os prejuízos causados por uma greve cujo termo não se vislumbra.

"CINCOFER" NASCEU [A]

COOPERA[TIVA] EM ALCÁC[ER]

- encomendas de Londres e ap[rovação]

O que é isso de Cincofer, ali no Bairro de S. João e a dois passos — para quem vai de Lisboa — de Alcácer do Sal? «Trata-se de uma Cooperativa da Indústria de Confecções da Revolução» — explicaram-nos algumas das senhoras da Comissão de Trabalhadores da empresa-cooperativa, que labora desde o passado 1 de Agosto, ainda sem estatutos que a habilitem a tal, mas com indícios que a levem a isso. Cooperativa de confecções (casacos, calças, camisas e outras coisas mais que é necessário, como se discutia em reunião a que assistimos, multiplicar porque os encargos são muitos e a produção é fundamental) que não foi ocupada, antes montada num extenso edifício térreo que esteve para ser uma fábrica de plásticos de um conde alemão, que, «irritado» com o 25 de Abril, encomendou bilhete para retornar ao seu País. E Arnaldo Rodrigues, entre a Textáfrica (Vila Pery) e Alcácer do Sal, ainda em S. Domingos de Benfica, não hesitou para se instalar no Bairro de S. João como técnico de confecções. Foi assim que ele nos apresentou.

«Não tinha dinheiro» — começou por dizer-nos aquele homem que esbraceja dinamismo (e loquacidade) nos seus gestos — «embora tivesse ideias. Mas soube que havia aqui uma possibilidade, como nunca dantes me fora proporcionada, de levar por diante os meus propósitos de fundar uma empresa de fabricação de confecções, e abalancei-me a isto. Claro que se não fosse um amigo da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Alcácer eu não tinha ficado, porque, na altura, estava mais inclinado por Moçambique. Mas fiquei» — suspirou, para nos dizer, em seguida, que já viveu em terras alemãs e francesas e tem vinte anos na profissão.

Com todo esse tempo de tarimba e 56 máquinas que lhe pertencem, em pouco mais de trinta dias mudou o nome à firma, que já foi «Mode France» (influência gaulesa) e hoje já não o é. Em Alcácer, onde a reportagem do «DL» acidentalmente contactou com pessoas por outras questões, há quem aprecie a coragem deste homem e não são poucos os que ficaram surpreendidos com estas alterações onomásticas ou transformações titulares. A explicação para tudo isso também nos foi fornecida pelo Arnaldo Rodrigues, que já foi estabelecido em S. Domingos de Benfica e joga em Alcácer do Sal, por enquanto com 40 trabalhadoras, o seu futuro. Seu e de todas aquelas mulheres que deixaram alfaiatarias ou o trabalho «modistico» em casa pelo Bairro de S. João num espaço mais amplo e rasgado por outras perspectivas.

NEGOCIAÇÕES COM LONDRES

Decorria uma reunião entre trabalhadores — o que acontece amiúde na CINCOFER — a que estivemos presentes, aguardando tempo e horas para nos inteirarmos de todos os pormenores, porque uma cooperativa, quando não o é somente de nome para o ser de facto, é sempre assunto de interesse público. «Teremos sempre prejuízo enquanto fizermos, como até agora, 44 calças e 16 casacos» — lembrou Arnaldo Rodrigues, que propôs, num prazo que forçosamente terá de ser curto, «uma centena de calças e 44 casacos». Estes números, que parecem enfadonhos como referência, consubstanciam o grande passo que terá de ser dado de modo a que a cooperativa adquira um certo equilíbrio e possa fazer face aos gastos que se lhe adivinham.

«Há que ir buscar o dinheiro e, para isso, há que vender. Para nós, pelo menos por agora, tal operação não nos parece difícil, mas é necessário que produzamos. Jogamos tudo na produção, porque há encomendas e compromissos a cumprir. Mas o nosso fabrico é pequeno, e terá de ser aumentado», também referiu o homem que não quer que as trabalhadoras o tratem ou admitam como patrão — que o não é — e que a todas trata por «camaradas». À reportagem do «DL» Arnaldo Rodrigues assinalou o facto de não faltarem, ali, matérias-primas que nos mostrou e vincou uma vez mais que a grande batalha que a cooperativa — que espera um modelo de estatutos ido de Lisboa para o aplicar às condições da empresa, o que se espera que tal possa vir a acontecer ainda esta semana como, de resto, o primeiro ordenado que se prevê seja amanhã (quinta-feira) distribuído. Se este é um pormenor que nos foi referido e que não pode passar no olvídio, outros há

Nacional

'ARA VESTIR GENTE

TIVA DE VESTUÁRIO

ÇER DO SAL

Texto de JÚLIO RODRIGUES

Fotos de JOSÉ TAVARES

poio à Revolução

que ouvimos naquela reunião onde, designadamente, em jeito de troça de impressões e estímulo para um aceleramento produtivo, também se falou de agulhas e preços, porque grão a grão... E é bem tempo de poupanças, de austeridade.

Negociações que agora decorrem com um empresário londrino podem ser, a um prazo mais curto, a promoção da cooperativa no estrangeiro, porque vender e exportar para a Inglaterra, para Kings Cross ou Trafalgar Square e Manchester Street são ourelas que ficam, pesam e prestigiam. O «mister» inglês que visitou a firma, seguindo indicações fornecidas por casas comercuais de Lisboa, levou amostras para a Velha Albion e prometeu dar uma resposta «muito em breve». E Arnaldo Rodrigues acentua que «é sempre produto que sai, mas é muito importante que entrem divisas. Dinheiro para nós», sincopou, «que trabalhamos, e dinheiro para o País que pesará nas nossas trocas comerciais».

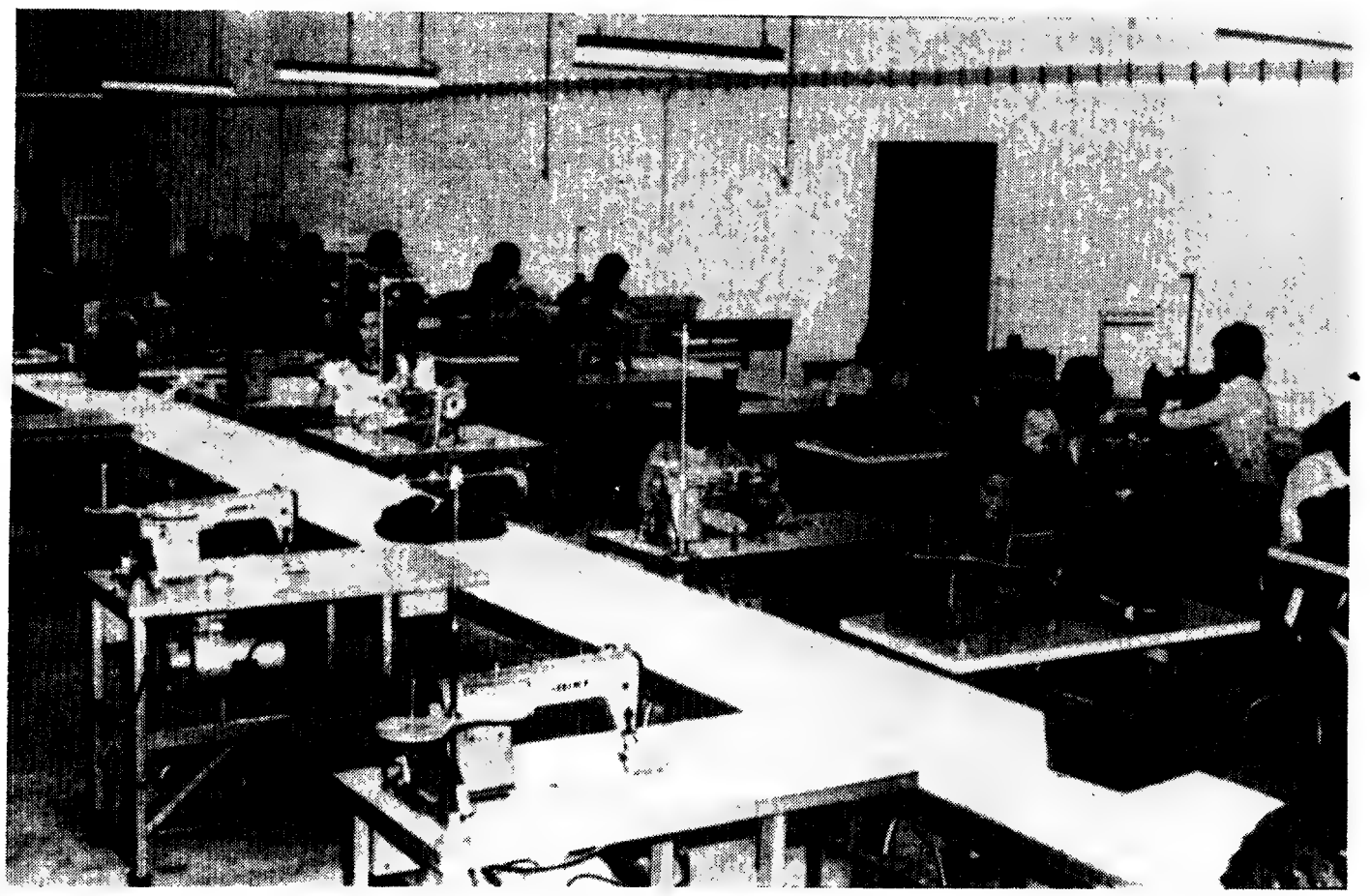
CRIAR MAIS POSTOS DE TRABALHO

Dois homens e 40 mulheres é, neste momento, o pessoal da cooperativa que daqui a dois ou três meses pode muito bem atingir o número de 100 trabalhadores e, mais tarde, duas centenas. Esse é o maior escopo da comissão de trabalhadores, constituída por quatro mulheres, e do coordenador de serviços, digamos assim, apostados em criar, também e por isso mesmo, mais postos de trabalho. Se isso vier a suceder, então não serão, quer na primeira, quer na segunda fase, 100 calças por dia e 44 casacos o produto braçal de todos, mas muito mais. Uma questão se poe: não será sonhar alto na actual conjuntura socioeconómica do País, mesmo que esses projectos estejam em mente lá mais para diante? E Arnaldo Rodrigues que nos fala: «Não, de forma alguma. Naturalmente que isto terá de avançar com método, com calculismo, com progressivo aumento de produção e a criação de outros mercados de escoamento. Mas também vê», ainda nos disse a esse propósito, «o que não será esse empresário inglês de roldão encomendar aí umas centenas de peças de um instante para o outro?».

Retornamos ao industrial britânico para referir que se o material agradar ao fleumático pessoal da «Scoopy», lá teremos umas dez mil peças a sair mensalmente do País, que corresponde a não sei quantas libras e me parece dinheiro para não substimar: a qualidade, o cliente, a produção e o estímulo. E, então, a cooperativa vingará mesmo numa capacidade e num valor de transacções que, por ora, difícil se torna calcular.

As mulheres, que muito bem se parecem entender e já criaram um espírito de equipa assinalável, na sua maioria jovens e casadoiras, estão seccionadas e compartimentadas em tarefas que se completam de acordo com as máquinas — que para algumas são «estranhos bichos» — e as suas aptidões. Os salários rondam os 4 mil «paus» por ora, susceptíveis de serem aumentados quando a produção e a venda o permitirem.

Mulheres, também, dominam a comissão de trabalhadores, que é uma forma de dizer que exercem nessa qualidade as atribuições que lhe foram delegadas pelas suas camaradas, tendo já demarcado posições, embora sem, ainda, não dispôr do controlo da produção de forma executiva. O seu papel neste espaço de trinta e poucos dias restringiu-se ao campo eminentemente consultivo, conquanto no referente à admissão de pessoal (ou despedimento) e à aquisição de material tudo lhes passe pelas mãos e tenha de merecer o seu veredicto. Arnaldo Rodrigues é, no entanto, quem autentica os cheques e outras formas de pagamento ou encomendas, mas espera-se que a partir de um destes dias parte desses privilégios lhes caibam, designadamente o controlo da produção e aspectos subjacentes. E Maria Irene Onça, Custódia Bicha, Rosa Costa e Joaquina Cantarino, as «quatro mosqueteiras da comissão», depois de muitos pormenores que nos referiram, salientaram que o «acordo verbal», por enquanto, com a firma inglesa, «parece altamente vantajoso, porque as suas condições são mesmo fabulosas».



No entanto, para além desse pormenor que é tido como salvatério, outros há que importam referenciar, nomeadamente o facto da cooperativa dispor de uma carteira de encomendas, devidamente comprovada, de cerca de 5 mil contos, o que, não obstante, de pouco valeu quando o impulsionador se dirigiu a uma instituição bancária no sentido de contrair um empréstimo substancial a fim de desenvolver ainda mais a cooperativa que, na altura, ainda em embrião era firma.

NÃO QUIS SER PATRÃO

Para «arregimentar» todas aquelas trabalhadoras de Alcácer, Arnaldo Rodrigues, que é de Pombal e pouco relacionado com o temperamento e as realidades do Alto Alentejo, publicitou nesse sentido e não teve dificuldades em consegui-lo. Da sua antiga firma levou 56 máquinas, que hoje, acrescidas de mais 24, entretanto compradas e para as quais parece já ter angariado um pequeno crédito, através do Instituto de Pequenas e Médias Empresas, formam um estendal que impressiona para uma cooperativa de produção, mesmo de vestuário.

No banco a cooperativa tem, para já e das confecções trabalhadas que foram vendidas para Lisboa, Setúbal, Grândola, Alcácer, Estremoz e Caldas da Rainha, cerca de 70 contos. Um milhar deles estão ali investidos pelo Arnaldo Rodrigues, e outros três mil, também ali «depositados», são a dívida, neste momento, da cooperativa. Além disso há todos os meses a renda do espaçoso prédio ainda inacabado e pejado de máquinas onde quarenta mulheres, quando em laboração, conferem força, determinação e esperança, ocupando-se 12 de calças (100 pares) e 18 de casacos (que podem e devem ser calças diariamente «tratadas»), e as restantes das outras peças de vestuário também ali confeccionadas.

Para um homem que investiu confiantemente e se prontificou, em diversas reuniões a repartir os lucros anuais, bem como a elaborar estatutos de acordo com a genuinidade operacional de uma cooperativa, o vestuário «é uma coisa imprescindível» — são palavras suas — para a vida de toda a gente. Tão «necessária», acrescentou, «como a alimentação e os sapatos».

E, optimista, aquele coordenador e técnico de confecções, fez cálculos, estudou rendibilidades, consultou pessoas e amigos que lhe garantiram, como especialistas no ramo com casas comerciais de porta aberta em Lisboa e Setúbal, colaborar na iniciativa prometendo dar-lhe prioridade no processo de compras. «Mas», salientou-nos, «para que isso marche, temos de fabricar em qualidade e em quantidade, o que se agora é difícil, pode muito bem ser uma realidade quando todos tivermos adquirido um certo ritmo e uma maior convivência de equipa». «Porque dinheiro», aditou, «que é coisa que não temos na medida das nossas necessidades mais imediatas, já nos foi prometido por um dos bancos de que já fui cliente e para o qual os encargos de quantos aqui trabalham são idênticos». «Nessa altura teremos alcançado plenamente o espírito e os objectivos que presidem a esta cooperativa de produção, que são o de fabricar mais e melhor e todos teremos a nossa quota».

Por enquanto — o que não é pouco — trabalha-se muito na Sincofer e encomendas não faltam. Para cooperativa já o primeiro passo foi dado, e quando a «massa» (1500 contos) vierem do Banco e todos apuserem a sua assinatura na dívida-empréstimo, já com as exportações para Londres em pleno, talvez possamos dizer que em Alcácer do Sal nasceu uma cooperativa que os trabalhadores não ocuparam e estão solidários com o primeiro coordenador que «não quis ser patrão».

MOBÍLIAS

Se pretende comprar, visite a nossa exposição de mobílias e móveis soltos de vários estilos, jogos maples, lustres, quadros a óleo e enorme variedade de peças decorativas.

GALERIA ACTUAL

Av. da República, 12
(Defr. est. Metro Saldanha)

Estrangeiro

BAHREIN: FIM DA EXPERIÊNCIA DA DEMOCRACIA PARLAMENTAR

O conflito que há quase um ano opunha os dirigentes do Bahreir aos parlamentares do arquipelago acerca das prerrogativas da Assembleia Nacional transformou-se em grave crise institucional. Depois de se ter demitido, o Primeiro-Ministro, que é irmão do emir reinante Issa Bel Salmane El Khalifa foi reconduzido nas suas funcões, com uma equipa ministerial cujos membros principais continuam a ser os mesmos Posteriormente, o xeque Issa decretou a dissolução da Assembleia Nacional, depois de ter ordenado umas cinquenta prisões.

Este golpe de força assinala o malogro da experiência da democracia parlamentar, tentada logo a seguir à independência do Bahrein, em Agosto de 1971, pela dinastia dos Khalifa. A família real, que desde 1782 preside sem interrupção aos destinos do arquipélago, desejava modernizar as estruturas políticas herdadas do período colonial. Contudo, queria manter o «processo de democratização» em limites bem definidos: a Constituição, adoptada em Dezembro de 1973, por uma assembleia em parte eleita pelos trinta mil eleitores do Bahrein (numa população de cerca de duzentos e cinquenta mil habitantes) deixou intactas as prerrogativas do emir reinante, que continua a ser a mais alta autoridade do Estado. Reina por intermédio de um governo nomeado por ele, mesmo e cujos postos principais são confiados a membros da sua própria família. Além disso, tem o direito de opor o seu veto a toda a decisão da Assembleia que ele considere contrária aos interesses do Estado.

Os dirigentes pensavam que a Assembleia seria uma simples câmara de registo, destinada a conferir um verniz democrático à monarquia hereditária dos Khalifa. As eleições legislativas de Dezembro de 1973 estragram-lhes os cálculos, pois deram a vitória aos candidatos progressistas e nacionalistas. Os dez candidatos do Bloco Popular de Esquerda, apoiado pela Frente Nacional de Libertação (FNL), de inspiração comunista, foram todos eleitos.

Não tardou que a câmara se tornassse ingovernável, dado que cerca de metade dos seus quarenta e quatro membros pertença à oposição. O governo só podia contar com os seus catorze ministros — membros oficiosos da Assembleia — e com a meia dúzia de deputados do bloco religioso. A prova de força tornou-se inevitável a partir de 28 de Outubro de 1974, quando o emir reinante promulgou, vinte e quatro horas antes da abertura da segunda sessão da Assembleia, uma «lei sobre a segurança do Estado», que autorizava o ministro do Interior a manter os «suspeitos» em detenção durante três anos sem os mandar comparecer em tribunal. Esta lei, imediatamente qualificada de «celerada» pela oposição, envenenou as relações entre os executivo e a Assembleia, que se recusou obstinadamente a ratificá-la, apesar das múltiplas diligências do governo. O emir Issa decidiu o problema, pondo fim à experiência parlamentar.

Esta medida só pode agradar aos dirigentes da Arábia Saudita, que nunca dissimularam a sua hostilidade contra a via parlamentar escolhida pelo Bahrein. Os dirigentes de Manama dificilmente podem, aliás, opor-se às pressões exercidas por Riade, na medida em que a economia do Bahrein é pesadamente tributária da assistência da Arábbia Saudita, cujo petróleo bruto alimenta as refinarias do emirato em condições particularmente vantajosas.

Após o malogro da experiência de democracia parlamentar no Bahrein,, o Koweit fica a ser o único Estado do Golfo dotado de um parlamento livremente eleito. A «democracia à koweitiana» inquieta igualmente as autoridades de Riada, que, segundo informações provindas de Beirute, exprimiram recentemente o seu vivo descontentamento após a campanha promovida por certos jornais koweitianos contra o projecto de tratado de defesa comum dos países do Golfo, actualmente em discussão. De então para cá, as autoridades do koweit decretaram medidas de censura — a liberdade da Imprensa era total até então — impondo restrições aos jornalistas estrangeiros e proibindo a entrada de jornais libaneses no Koweit.

© «Le Monde»

Por favor, use o cinto de segurança — dizem estas duas jovens alemãs aos nossos leitores, que porventura não tenham ainda compreendido as vantagens do uso do cinto de segurança, para quem anda de carro nestes tempos em que as mortes por acidentes de viação são uma tragédia do dia a dia. Na Alemanha Federal, o uso do cinto de segurança passa a ser obrigatório a partir de 1 de Janeiro de 1976. Durante este ano, por toda a Alemanha se promoveu uma gigantesca campanha tendente a incrementar o uso do cinto. A designação genérica da campanha fala por si: Cinto, o teu salvador. Contudo, só 15 a 18 por cento dos anteriores recalcitrantes se renderam à evidência. Isto, mau grado o apoio que uma locutora da TV, Karin Ludwig na foto (à direita), deu ao ministro Federal do Trânsito promotor da campanha. Karin é muito popular, no seu país: é ela que todas as semanas lê nos pequenos écrans, os resultados da lotaria.

PROIBIDA A CIRCULAÇÃO DE DINHEIRO NO CAMBOJA

As fronteiras provinciais do Camboja estão fechadas, e toda a circulação entre as províncias é interdita, mesmo aos soldados. Só os camions, que distribuem o arroz e a gasolina podem passar. A distribuição de alimentos é organizada pelos administradores provinciais, e não há dinheiro em circulação.

São estas algumas das constatações feitas no Camboja no decurso de uma estadia de vinte horas, que me levou de Khong-Lek, na fronteira ocidental da Tailândia, até ao campo administrativo da provincia, situado no arredor nordeste de Battambang, perto da cidade de Sisophon.

A minha viagem começou em Khong-Lek, quando fui preso um pouco rudemente a uns 3 quilómetros de Poipet e a 4 a Leste da cidade fronteiriça tailandesa de Aranyaprathet. Depois de me terem tido durante mais de uma hora dentro de um camion, resolveram mandar-me para o campo administrativo de Battambang. Lembraram-me por várias vezes que eu podia ser executado, visto serem essas as ordens. Mas eu não tinha arma e possuo um passaporte de Sri-Lanka (um país considerado «muito amigo» pelos Khmers vermelhos), o que talvez me tenha salvo a vida.

Durante toda a minha estadia os quadros não me pareceram especialmente tensos. Não vi sinais de resistência e ninguém parecia recear qualquer ataque.

No campo administrativo, pude falar com um responsável de alta categoria, de nome Pouvong, que afirmou ser um dos três oficiais administrativos da província de Battambang.

Depois de me ter interrogado acerca dos motivos da minha «visita», Pouvong aceitou responder a algumas perguntas sobre a actual situação do país. **Não há actualmente governo central, na realidade não o haverá nos próximos seis meses**, declarou ele através de um intérprete que falava inglês. Acrescentou que o vice-primeiro ministro Kieu Samphan enviara um emissário às províncias dez dias antes de partir para Pequim a fim de se encontrar com os dirigentes chineses e com o principe Sihanouk. Fizera saber que o país seria administrado como república com o príncipe Sihanouk como presidente.

Os administradores provinciais são encarregados de distribuir a alimentação. Os camions fazem viagens regulares para distribuir o arroz que é diariamente comprado em Pouvong em Khpng-Lek. As compras efectuadas no dia da minha viagem consistiam em mil sacos que continham, cada um deles 50 quilos.

Cada saco é comprado por 580 bahts (tailandeses), isto é, 29 dólares, a contrabandistas que os trazem da Tailândia, fugindo aos controlos alfandegários.

O carburante para motores Diesel é comprado do mesmo modo — 6 bafits o litro, quando só vale 2 bafits e meio na Tailândia. Pouvong disse que os Khmers compram 200 000 litros por dia.

Os responsáveis encarregados das compras utilizam dinheiro americano e tailandês. Vi, por exemplo, nas mãos de Pouvong, um espesso maço de notas de 100 dólares. Como lhe perguntasse qual a razão porque os Khmers recebiam tanto dinheiro americano, disse-me simplesmente que tinham o bastante para comprar arroz e gazolina durante meses ou mesmo anos.

Em contrapartida, o camboja no médio não tem o direito de ter nada. Disseram-me que se alguém fosse descoberto com dinheiro, seria executado. Esta interdição é válida para os riels, a moeda do antigo regime. Quando estava no campo de Battambang vi maços de velhas notas de 500 riels, utilizados para acender o lume com que se cozinhava.

Parte da alimentação armazenada em Battambang é enviada diariamente para Sisophon e dia sim dia não para Phnon-Penh.

Assisti em Sisophon a uma dessas distribuições. Numerosas pessoas trabalhavam nos campos. Algumas eram manifestamente originárias da cidade. Provava-o a falta de geito com que mexiam nas alfaias.

A província de Battambang (ou, pelo menos, a parte que atravessei), está em plena estação de sementeira. De cada lado da estrada podem-se ver arrozais luxuriantes. Toda a gente, mesmo os quadros, deve cultivar arroz. Mas Pouvong disse-me que só daqui a dois anos é que o Camboja poderá alimentar a sua população com arroz local. **A alimentação é partilhada, mesmo com os nossos piores inimigos. Mas eles devem trabalhar connosco para que o país se torne forte,** acrescentou Pouvong.

Segundo este responsável, o país deveria manter-se fechado em si mesmo durante muito tempo. **Quisemos organizar contactos comerciais com a Tailândia. Quisemos lançar uma mensagem, mas os tailandeses não deram resposta. Precisávamos de arroz. Estávamos prontos a comprar todo o arroz que a Tailândia quisesse vender. Mas a Tailândia ficou muda e começámos a comprar aos contrabandistas,** declara Pouvong. Vi uns vinte desses contrabandistas durante os quinze minutos que passei na ponte fronteiriça de Khong-Lek. Emergiam das águas do rio, com sacos ráfia envoltos em celofane e cheios de arroz ou de gasolina. Tinham vindo ao longo do rio para evitar a fronteira e a polícia tailandesa. O último controlo é, de resto, situado a 1 quilómetro da ponte; a fronteira é, pois, muito permeável.

© LE MONDE

PROGRAMA DA UNESCO PARA 1975:

A promoção do livro e dos meios de comunicação

A Unesco inscreveu no seu programa de 1975-76 a promoção do livro. A ideia, força subjacente ao conjunto das actividades do sector da Informação e que recebeu o mais vasto apoio internacional consiste em favorecer, nos Estados membros, a elaboração e o estabelecimento de políticas nacionais da comunicação e da informação integradas nos planos de desenvolvimento. Por isso se sublinha a necessidade de dar prioridade às actividades práticas e aos programas concretos de auxílio aos Estados membros, nomeadamente nos campos da planificação e formação profissional.

A Confederação Geral da Unesco entendeu que era tão necessário e urgente criar condições materiais que permitam que todos exerçam efectivamente o seu direito à informação como promover a elaboração das declarações de princípios. Além disso pronunciou-se a favor de uma acção tendente a corrigir os desequilíbrios que caracterizam actualmente as trocas de informação entre os países desenvolvidos e os países em vias de desenvolvimento e bem assim entre os países de regiões em desenvolvimento. Os protocolos, visando alargar o alcance do acordo de Florença sobre a importação de objectos de carácter educativo, científico ou cultural, irão no mesmo sentido.

Tratando-se de estabelecer ou reforçar meios de informação, a Conferência Geral sublinhou a importância de que, a nivel intermediário, se revestem a Rádio e a Imprensa rurais. Esta nova tendência do programa favorável a sistemas mais ligeiros e mais práticos foi particularmente bem acolhida pelos vários países em vias de desenvolvimento.

O programa de promoção do livro, que se inscreve no prolongamento do Ano Internacional do Livro 1972, recebeu um apoio unânime. Dois novos centros regionais de desenvolvimento do livro estão em vias de criação nos países árabes e na África ao Sul do Saará. Estes centros virão completar os três que estão já a funcionar na Ásia e na América Latina.

A actividade mais nova que caracteriza o programa do sector da informação é a organização da primeira conferência ministerial regional sobre as políticas de comunicação, que se realizará na América Latina este ano e que será seguida por outra, daqui a dois anos, na Ásia.

De mencionar igualmente a criação de agências de Imprensa em países em vias de desenvolvimento, o lançamento, em cooperação com as competentes organizações das Nações Unidas, de uma acção que visa remediar as graves consequências da crise mundial do papel, e a encorajar a criação, nos países do Terceiro Mundo, de centros nacionais e regionais de documentação, de experimentação e de produção, destinados a facilitar o desenvolvimento dos sistemas e dos métodos de comunicação.

POPULAR OBRA LITERÁRIA CRITICADA NA CHINA

HONG-KONG, 10 (F.). — A recente campanha ideológica contra a popular obra literária chinesa «Hsui Hu Chuan», escrita há 600 anos (traduzida em francês sob o título «À Beira da Água»), foi orientada pelo próprio presidente Mao Tsé-Tung — revela o «Diário do Povo».

No seu editorial, citado pela Rádio de Pequim, captada em Hong-Kong, o órgão do Partido Comunista da China declara que todos os quadros a todos os níveis deveriam seguir «as recentes instruções do presidente Mao», procedendo a um estudo crítico dessa obra.

O «Diário do Povo» refuta as especulações segundo as quais o presidente Mao teria utilizado na sua juventude o «Hsui Hu Chuan» como seu livro de cabeceira.

Descrevendo o actual movimento de crítica como um novo «combate ideológico de primeira importância», o jornal pede aos quadros chineses que se não deixem influenciar» pelos elementos capitulacionistas».

Do mesmo modo como o fez ultimamente o órgão teórico «Bandeira Vermelha», também o «Diário do Povo» qualifica de «traidor à Revolução camponesa» o herói do livro, espécie de «Robin dos Bosques» chinês, ao aceitar «a amnistia no final da sua carreira de renegado».

SEGUNDO CÍRCULOS BASCOS

Praça de touros como prisão perto de San Sebastian

MADRID, 10 (R) — A Polícia deteve tantas pessoas nas recentes manifestações de protesto e greves em Espanha que se viu obrigada a utilizar uma praça de touros e um armazém para instalar os presos, segundo disseram ontem círculos nacionalistas bascos.

As manifestações foram em protesto contra as penas de morte proferidas há duas semanas contra dois guerrilheiros nacionalistas bascos acusados de terem morto um polícia.

Os referidos círculos disseram que 124 pessoas estiveram detidas de uma só vez na praça de touros de Tolosa, próximo de San Sebastian.

Um armazém foi utilizado como prisão na cidade de Ataun.

As referidas fontes acrescentaram que a maior parte dos detidos foram mais tarde postos em liberdade depois de interrogados.

Os dois condenados à morte, José António Garmendia e Angel Otaegui, estão a aguardar o resultado de um apelo que foi apresentado ao Supremo Tribunal Militar.

Fontes nacionalistas bascas disseram que cerca de 300 presos políticos em 13 cadeias espanholas continuavam a greve da fome, iniciada há duas semanas, em protesto contra o julgamento dos dois homens.

Alguns reclusos em Madrid e Segovia tinham interrompido a greve mas estavam preparados para a recomeçar caso o apelo contra as penas de morte não fosse aceite.

Os mesmos círculos disseram ainda que cinco padres que aderiram à greve da fome em Zamora haviam sido informados pelas autoridades de que poderiam ser acusados nos termos de uma lei antiterrorismo decretada há duas semanas.

Segundo a lei, qualquer pessoa que mostre simpatia por terroristas é punida com multa ou prisão.

EXPLOSÃO NUM TÚNEL

SAN SEBASTIAN, 10 (FP) — Um engenho explosivo rebentou na noite passada num túnel da linha de caminho-de-ferro Madrid-Irun, a uns 60 quilómetros a sul de San Sebastian, causando apenas estragos ligeiros. Duas outras bombas de relógio ligadas à primeira foram despoletadas.

Por outro lado descobriram-se ontem à noite três cargas explosivas de oito quilos cada uma, na estrada Madrid-Irun, a 20 quilómetros de San Sebastian, as quais foram despoletadas pela Guarda Civil.

MAIS DETENÇÕES

BILBAU, 10 (FP) — A Polícia de Bilbau anunciou a prisão em 27 de Agosto, de três jovens militantes da organização nacionalista basca E.T.A. que transportavam material de propaganda num automóvel.

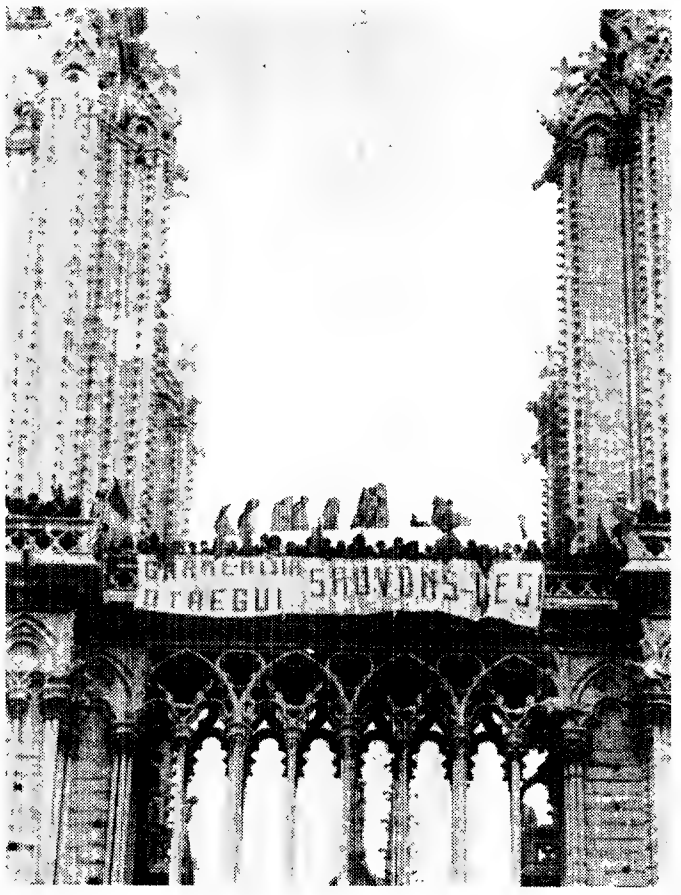
As declarações destes três presos teriam permitido a detenção de uma mulher de 41 anos cuja identidade não foi revelada pela Polícia.

Os referidos jovens são: AngelMaria Almazan, operário, de 25 anos de idade, Jose Ignacio Gardiazabal Garytu, estudante, de 22 anos e Jose Goicoecha Mendizabal, estudante, de 18 anos.

CATEDRAL OCUPADA

COLÓNIA (Alemanha Ocidental), 10 (FP) — Uma centena de jovens alemães e espanhóis ocuparam a noite passada a catedral de Colónia, numa manifestação de protesto contra a pena de morte imposta a dois bascos há dias julgados em Espanha.

Os jovens entraram pacificamente no templo, sentaram-se nas bancadas e ali permaneceram, numa silenciosa atitude de protesto.



Durante uma recente manifestação, em Paris, contra a condenação à morte dos bascos José António Garmendia e Angel Otaegui, elementos da extrema esquerda ocuparam as torres da catedral de Notre Dame, durante duas horas (Foto Keystone)

Restabelecida no Alabama a pena de morte

MONTGOMERY (Alabama), 10 (ANI) — Com um rotundo «espero ver algumas electrocuções neste Estado», o governador George Wallace assinou ontem a lei que restaura a pena de morte no estado do Alabama.

A nova lei restabelece a pena capital para determinados agravantes.

Em conferência de Imprensa após a assinatura da nova lei, Wallace afirmou:

. «Creio que esta lei é necessária, pois existem neste Estado alguns criminosos, brancos e negros, que deveriam ser electrocutados».

Os legisladores negros tentaram por todos os meios impedir a aprovação da lei, afirmando que será principalmente utilizada contra os negros, embora Wallace afirme que será aplicada sem discriminação pelos juízes e os juris do Estado, salientando que entre estes se encontram cidadãos brancos e negros.

Marcha dos automobilistas sobre Ajaccio no dia 14

AJACCIO, 10 — (F.P.) — Os autonomistas corsos decidiram organizar uma marcha sobre Ajaccio, no próximo domingo, dia 14, a fim de obterem a libertação das pessoas presas depois da ocupação de uma cave vinícola, em Alerim, e dos recontos de Bastia, há 15 dias.

A comissão «anti-repressão», constituída por várias organizações autonomistas, partidos de esquerda e movimentos socioprofissionais corsos, lançou esta palavra de ordem, salientando, a propósito, num comunicado, que «lança um ultimato ao Governo francês» e «exige a libertação imediata de todos os patriotas presos, a suspensão de todos os processos e a retirada imediata de todas as forças de ocupação, incluindo a Legião Estrangeira».

O comunicado afirma que, depois dos acontecimentos de Aleria e de Bastia, se registaram incidentes entre soldados da Legião Estrangeira

PORTO RICO É OBSTÁCULO Á NORMALIZAÇÃO WASHINGTON-HAVANA

WASHINGTON, 10 — (Por Anita de Calers da F. P.) — O apoio dado por Cuba aos separatistas porto-riquenhos constitui um obstáculo importante à normalização das relações entre Washington e Havana.

Este pacto foi posto em relevo entre estas duas capitais.

«A causa da independência de Porto Rico não é negociável com os Estados Unidos» — declarou o presidente Cubano Osvaldo Dorticos, no final do foro internacional de simpatizantes do movimento separatista que se celebrou em Havana.

Em Washinngton, o secretário de Estado Henry Kissinger, afirmou, pelo seu lado, que a celebração deste foro em Havana constituia uma «ingerência absolutamente injustificada nos assuntoss internos dos Estados Unidos».

A campanha lançada por Cuba nas Nações Unidas a favor da independência do Estado livre associado de Porto Rico foi já por diversas vezes denunciada pelos Estados Unidos. Tal campanha constitui um dos obstáculos à aproximação entre Washington e Havana do mesmo modo que a confiscação dos bens norte-americanos.

Contudo, em Washington atribuiu-se pouca importância ao movimento separatista de Porto Rico, uma facção marginal considerada sem futuro.

Recorda-se que, em 1972, quando o povo da ilha foi chamado a pronunciar-se sobre a questão, apenas 4 por cento votaram pela independência, contra 44 por cento que optaram pela incorporação de Porto Rico como 51.º Estado da federação, e 52 por cento que se pronunciaram pela continuação do «statuo quo».

Além disso, os nacionalistas estão divididos em dois partidos hostis: o Partido Socialista Popular, de tendência comunista, dirigido por Juan Marri Bras e o Partido Independente Porrto-riquenho, do social-democrata Ruben Berrios.

SOARES E CUNHAL

Continuação da pág. 1

por elementos ligados à facção Melo Antunes «descobriu-se» que a quarta linha seria a do Presidente da República, Primeiro-Ministro e general Fabião. Uma linha por onde pode vir a passar a chave para muitas questões que ora se põem.

Contrariamente ao habitual o dia de ontem foi de relativa acalmia em Belém e S. Bento. O almirante Pinheiro de Azevedo, que a meio da tarde foi a S. Bento onde esteve alguns minutos em contacto com Vasco Gonçalves, limitou-se a receber representantes da U.D.P. e do P.P.M. durante a manhã e uma delegação da Intersindical à tarde. Em S. Bento há a registar uma visita de grande significado: o prof. Rui Luís Gomes, reitor da Universidade do Porto e um dos nomes mais respeitados da ciência e cultura nacionais encontrou-se com Vasco Gonçalves, com quem debateu a actual situação política. O encontro, classificado por um porta-voz como «de cortesia», foi muito cordial, sendo de realçar que Rui Luís Gomes foi um dos oitenta intelectuais que recentemente subscreveram um manifesto pelo avanço da Revolução e contra todas as manobras que pretendam entravar a mesma. Mário Ruivo também se deslocou a S. Bento mas apenas para dar seguimento a assuntos relacionados com o seu Ministério, que abandonará quinta-feira. De resto, todo o V Governo Provisório continua, a pedido de Costa Gomes e Pinheiro de Azevedo, em funções, mantendo a máquina administrativa activa do País em funcionamento.

O texto termina por afirmar que os trabalhadores «não podem permitir o fascismo, imposto pelas armas, mas também não vão admitir que venha de pantufas».

U.D.P.: UMA QUESTÃO DE PRINCÍPIO

Na sequência da entrevista com o Presidente da República, general Costa Gomes, e o Primeiro-Ministro indigitado para o VI Governo Provisório, vice-almirante Pinheiro de Azevedo, a União Democrática Popular que se fez representar por um militante que não pertencia à comissão central do partido, considera «útil comparecer de modo a melhor conhecer e compreender a extensão da crise geral que o País atravessa».

E, no comunicado que a propósito divulgou, dando conta dos pontos discutidos durante o encontro, em que o seu representante, defendendo a linha de actuação do partido, centrou a sua intervenção sobre os dois aspectos que reproduzimos, salienta que «a autoridade que não reprime a ameaça vinda do chefe fascista do P.P.D. quando este fala em armar cinquenta mil homens e promete medidas disciplinares para os soldados da P.M. que justamente se recusam a intervir nos assuntos internos dos povos de Angola, não interessa à U.D.P.; a autoridade que se pretende afirmar não dando o mínimo sinal de querer pôr termo ao coro de vozes da reacção que todos os dias se fortalece, mas avança leis no sentido de amordaçar toda a voz que se erga em apoio das lutas dos soldados e marinheiros, irmãos dos operários e camponeses não interessa à U.D.P.», e que para a U.D.P. é «sagrada e de princípio a defesa das reinvindicações dos operários e camponeses, soldados e marinheiros. Não é nos gabinetes que se une o povo contra o fascismo e para a revolução, mas nas fábricas, nos campos e nos quartéis. São os operários, camponeses, soldados e marinheiros, pequenos industriais e comerciantes o que se impõe unir na hora actual. Para a U.D.P. não há outro caminho.»

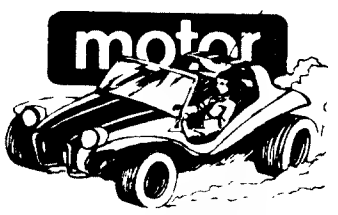
P.P.M.: TRANSFORMAR O C R EM CONSELHO DE ESTADO

Por seu lado, os representantes do Partido Popular Monárquico (P.P.M.) fizeram-se representar em Belém por Ribeiro Teles, Rodrigues Moctezuma e Borges Carvalho. A saída prestaram de bom grado declarações aos jornalistas, afirmando que o encontro com o Presidente da República e o indigitado Primeiro-Ministro tivera como finalidade dar a conhecer a posição do seu partido. Assim o P.P.M. entregou um documento onde dá conta das medidas que julga serem prioritárias, nomeadamente a anulação do Pacto M.F.A.-Partidos (que o P.P.M. nunca assinou), estruturação diferente da Assembleia do M.F.A., transformação progressiva do Conselho da Revolução em Conselho de Estado e funções fiscalizadoras a cometer a certos órgãos governamentais. O P.P.M. ofereceu ainda os seus ofícios para servir de medianeiro entre os partidos, já que não tem qualquer contencioso com nenhum deles. Os representantes monárquicos afirmaram ainda que o almirante Pinheiro de Azevedo lhes pediu um relatório sobre o que eles consideram o «monolitismo da Informação».

MELO ANTUNES, A 5.ª DIVISÃO E O COMUNICADO DO C.D.S.

Ainda que não tenha sido possível confirmar, em certos meios políticos, garante-se que o brigadeiro Charais, comandante da Região Militar Centro esteve ontem em Belém, onde teria mantido contactos cuja natureza se ignora. Melo Antunes foi igualmente à Presidência da República.

Entretanto, uma delegação da 5.ª Divisão foi recebida ao fim da manhã por Costa Gomes. Embora nada tenha sido adiantado sobre o motivo desta audiência julga-se que os oficiais da 5.ª foram a Belém entregar uma moção na qual os elementos daquele departamento militar declinam quaisquer responsabilidade na divulgação de documentos vindos a público que se encontravam nas suas instalações, recentemente tomadas pelos comandos.



Espectáculos

LISTA A DA ACTIVIDADE CINEMATOGRÁFICA:

Por um cinema independente

«Enquanto os interesses im... nas... não forem postos em... por forma conse... quente ... a intoxicação ... do povo português», declara o programa da Lista A, única concorrente às eleições para os corpos gerentes do Sindicato da Actividade Cinematográfica, a realizar no dia 27 de Setembro, segundo foi revelado numa conferência de Imprensa.

Declarando-se apartidária, es... resultou da aglutinação ... mos elementos tentáculos exploradores também ... exibição, com a apropriação ... numero avultadíssimo de salas de espectáculos». Aliás, a este propósito, a Lista A considera que o 25 de Abril não teve outra consequência que não a especulação dessa intoxicação pública através da distribuição de filmes que exploram os instintos primários do homem e os alienam dos reais problemas do povo».

Foram ainda os monopólios que ... onaram, ao nivel

...ementos da Lista A falam aos jornalistas

da anterior comissão directiva em exercício de outros trabalhadores dos vários ramos da actividade cinematográfica (produção, distribuição, exibição e laboratórios) propõe-se fundamentalmente lutar por «um cinema ao serviço do povo», entendido como «um cinema português independente, democrático e popular».

Entendendo que o «cinema é um reflexo da luta contra os imperialismos», a lista A dá especial relevo ao combate aos monopólios imperialistas «que dominam a distribuição em Portugal, não se limitando a esse domínio mas impondo os seus da exibição» que os trabalhadores fossem também inqualificavelmente explorados através do aproveitamento da prestação do trabalho a tempo parcial com as remunerações asseguradas pelo público, por intermédio das gorjetas».

Daqui se deduz que o pleno emprego é um dos objectivos a atingir pela nova direcção do Sindicato se for eleito). A realização desse objectivo passa pelo controlo de toda a actividade cinematográfica pelos próprios trabalhadores, gestão que se deve estender ao Instituto Português de Cinema. Recorde-se que a linha da anterior direcção do Sindicato da Actividade Cinematográfica se caracterizava por uma forte oposição à política seguida por este organismo, bem como pelo Ministério da Comunicação Social e pela Direcção-Geral da Cultura Popular. A Lista A retoma esta posição, acusando aqueles departamentos de praticarem «uma política de ... padrão» e propondo-se ... jar os elementos que o ... nam. A este propósito, foi pedido um inquérito ao Secretário de Estado da Cultura Popular cujos resultados ainda ... desconhecidos.

A Lista A retoma igualmente a luta contra qualquer ... do cinema que não se limite ... materializar «apenas os princípios gerais do controlo da actividade cinematográfica pelos trabalhadores», por entender que ... esses dese... qualquer ...

... e o desen... acção ... simultaneamente ... sócios e pa... do povo português, ... contactos com ... populares e cine... tende se uma troca ... riência e um contacto ... realidade capazes de proporcionar que a produção cinematográfica seja um reflexo da luta popular».

A Lista A esclarece que a defesa do controlo centralizado da actividade cinematográfica pelos trabalhadores através do IPC não é incompatível com o desenvolvimento das cooperativas de produção, e propõe-se apoiá-las.

Em matéria salarial e social, declara que se baterá intransigentemente pelo cumprimento das cláusulas do Contrato Colectivo de Trabalho, recentemente assinado.

Constituem esta Lista os seguintes nomes: mesa da assembleia-geral — Jaime Parra (distribuição), Teresa Tropa (TV) e Joaquim Simas (exibição); conselho directivo — Francisco Duarte (distribuição), Ezequiel da Costa Mira (laboratórios), Adão Rodrigues Pinto (laboratórios), Jacinto Marques Nobre (exibição), Fernando Pires dos Santos (laboratórios), Fernando Matos Silva (produção) e Fernando Amaral da Silva (produção).

Pelo Mundo

CANNES

O francês André Legenne conquistou o Grande Prémio do Presidente da República com o filme ... no 28.º Festival Internacional do Filme Amador de Cannes, que se realizou entre ... de Agosto e 6 de Setembro.

A Taça do Cen... Nacional de Cinematografia foi atribuída ao italiano ... Bonadies, com filme «E Verão Que O Festa», tendo sido considerado como melhor filme humorístico a película «Tense Moments» do canadiano José ...

O melhor documentário recaiu em «Negritude», do austríaco Hans Reindl e o melhor cenário foi para «Le Disque» do francês ... Marc Redard.

PECK

Depois de algum tempo em ... de produtor, ... Peck voltou à ... de protagonista de ... «Firmamark» ... origi...

A película ... dirigida por Richard ... Londres, Jerusalém ... a partir de 20 de Outubro ... no tema da profecia do livro das revelações com a vinda do anticristo.

ELVIS

Depois de uma permanência de quinze dias no Hospital Baptist Memorial para repouso e exames, o cançonetista Elvis Presley transferiu-se para a sua mansão suburbana de Graceland (Tennessee).

Por se encontrar exausto e a sofrer de uma ligeira hepatite, o artista teve de cancelar duas semanas de espectáculos em Las Vegas, de onde regressou no seu avião particular, acompanhado pelo seu médico assistente.

LOUCEIRO

O português Pedro Louceiro fez parte do quarteto de cavaleiros que, em Tijuana, (México), deu lide agradável a touros de Casablanca, dos quais só um, por manso, destoou.

Louceiro deu volta no que lidou «a solo» e foi ovacionado no trabalho a duo com Gaston Santos que tinha também dado volta no que rojeneou isolado.

Jorge Hernandez Andres (ovação «a solo» e Carlos Arruza (volta) cobraram palmas na lide colectiva.

RECONHECIMENTO

O centro de arte «Os Templários», fazendo-se intérprete dos artistas e dos cidadãos de San Felice Circeo, entregou dois troféus-símbolos de reconhecimento a destacados expoentes da arte: Goffredo Petrassi e Elsa de Giorgi. Quer o maestro Petrassi, quer a escritora-actriz realizadora Elsa de Giorgi, elegeram há tempos a localidade ... fez Anna Magnani, um local ideal de repouso ...

Ne... posse, entre outros, Alberto Moravia, Pier Paolo Pasolini, Alberto ... e Renato Rasce.

Embora, pela imagem, pareça tratar-se de uma cerimónia oficial que conta com a presença de Isabel II de Inglaterra, a verdade é que a foto nos mostra o actor Mickey Rooney e Huguette Funfroche, sosia de Sua Majestade, nos estudios de Billancourt (Paris), onde Yvan Chiffre está a rodar «Bons Baisers de Hong-Kong.

PROMOÇÃO

O antigo «astro» da televisão britânica Simon Dee, que chegou a ganhar duas mil libras (110 contos) por semana, iniciou uma nova carreira: motorista de autocarro em Londres, com o salário semanal de 51 libras (2850 escudos).

Dee que conta 40 anos, foi afastado da TV em 1970 e não conseguiu retomar a sua carreira de actor.

ROUBO

Os produtores de três filmes roubados o mês passado num laboratório de processamento nesta cidade, incluindo um de Federico Fellini, ofereceram uma recompensa de 30 milhões de liras por informações que levassem à sua descoberta.

Os filmes, ansiosamente aguardadospelosentusiastasde cinema, são a obra ainda incompleta de Fellini, «Casanova», Salo ou os 120 Dias de Sodoma», de Pier Paolo Pasolini, e «Génio», de Damiano Damiani.

Alberto Grimaldi, que financiou os filmes de Fellini e Pasolini, declarou que não pagaria qualquer resgate. A recuperação das 74 caixas de negativos roubados não era essencial uma vez que tinham sido feitas cópias relativamente boas de positivos existentes.

Disse que um indivíduo tinha telefonado para exigir um resgate, mas desligara antes de se poder verificar se a chamada era genuína ou não.

O roubo de mais ...

O ... de mais de dois mil metros de filme ... descoberto em ... de Agosto, num laboratório de revelações ... em Roma.

SINDICATO DOS FERROVIÁRIOS DO CENTRO

(Praça dos Restauradores, 78-3. —LISBOA)

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

CONVOCATÓRIA

Nos termos da alínea b) do Art. 31 dos Estatutos, convoco todos os sócios deste Sindicato no pleno gozo de todos os seus direitos sindicais para a Assembleia Geral Ordinária a realizar na Cantina de Lisboa-P., em 20 de Setembro corrente, às 16 horas, para discussão e aprovação do Relatório e Contas dos exercícios referentes aos períodos

Ano de 1974
Janeiro a Abril de 1975

Os trabalhos terão início à hora acima referida, com a presença de qualquer número de sócios, de acordo com os nossos estatutos

Lisboa, 10 de Setembro de 1975

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

(a) António Joaquim Gouveia

«Os cómicos» estrearam na passada semana uma adaptação livre de A Noite dos Assassinos do cubano José Triana, inaugurando a sua sala no Teatro do Bairro Alto (onde funciona igualmente o Teatro da Cornucópia). O horário do espectáculo é variável: às 21 e 15 de terça a sábado e às 18 e 30 aos domingos.

VEGH HOJE NA COSTA DO SOL

Hoje, dia 10, às 21,30 realizar-se-á no Auditório do Pavilhão de Congressos do Estoril, o último concerto do I Festival de Música da Costa do Sol.

Conforme tem sido divulgado, este concerto terá a intervenção da Orquestra Gulbenkian dirigida pelo violinista Sandor Vègh e a colaboração da pianista portuguesa Helena Sá e Costa.

O programa é constituído pelo concerto em Sol Maior para violino e Orquestra de Mozart, sendo solista Sandor Vègh, o Concerto da Coroacão n.º 2 em Re Maior, K.537 para piano e orquestra e «Divertimento para Cordas» de Bela Bartok.

Sandor Vègh, figura conhecida da vida musical, é o fundador do «Quarteto Vègh» que ele formou em Budapeste. Concertista mundialmente conhecido, actuou sob a batuta de Richard Strauss, Mengelberg, Krips, Fricsay, Ferencaik, tendo tocado com pianistas como Kempffi, Dohnangi, Serkin e Engei. Em 1962 criou o Festival de Musica de Cervo (Itália).

O concerto de hoje encerrará o I Festival de Música da Costa do Sol e simultaneamente o XIV Curso Internacional de Música que se tem vindo a realizar desde o dia 10 de Agosto, com grande frequência de participantes. O preço único para este concerto é de trinta escudos.

Televisão

CANAL DA CRÍTICA

MÁRIO CASTRIM

BULGÁRIA: O DIREITO À FELICIDADE

Como o «Diário de Lisboa» ontem assinalou, comemorou-se o «Dia da Liberdade» da Bulgária ou seja, o dia em que a Bulgária se libertou da ocupação nazi, com o auxílio da União Soviética. Isto aconteceu há 31 anos, numa altura em que a Bulgária contava apenas com uma grande riqueza: o seu povo.

O embaixador da República Popular da Bulgária veio ontem à Televisão falar aos portugueses da festa da sua pátria. Fê-lo com uma grande simplicidade mas também com um incontido orgulho. Assim, soubemos da grande diferença entre a Bulgária de há 31 anos e a dos nossos dias. É a diferença que separa a fome, da abundância, que separa a humilhação, da dignidade reconquistada. Este país que se encontra hoje nas primeiras filas do progresso, ao nível mundial, era há 31 anos, um país que vegetava na miséria.

Em muitos aspectos a Bulgária ultrapassou os países mais evoluídos. No campo da medicina, por exemplo, que cobre todo o território. Enquanto, na pátria de Jorge Dimitrov há 538 habitantes por cada médico, encontramos 580 na Alemanha Federal, 650 na Suiça, 770 em França, 800 na Suécia, 860 na Inglaterra, etc.. Para já não falarmos em Portugal (aproximadamente 1200), na Albânia, com 1700, ou na Turquia, com 2 260. No que diz respeito à distribuição de habitantes por médico, apenas a União Soviética, na Europa, ocupa posição mais favorável: 420. Quanto à mortalidade pré-natal, a Bulgária encontra-se em melhor situação, por exemplo do que a Suiça, a Holanda, a Bélgica, a França, a Inglaterra...

Não se pense que no âmbito das grandes conquistas sociais poderá a Bulgária levar grande vantagem pelo facto de ser um país grande e rico. Não seria motivo bastante, já que nós sabemos a miséria de um grande país rico como o Brasil ou como os países árabes. Mas a verdade é que nem esse argumento se pode invocar. A Bulgária pouco maior é que o nosso país (111 mil quilómetros quadrados) e conta com menor número de habitantes: 8 milhões e 500 mil habitantes...

A razão é outra. A razão chama-se socialismo. O poder nas mãos da classe trabalhadora, a abolição da exploração do homem pelo homem. O povo búlgaro quando, há 31 anos, se lançou à construção da pátria socialista, sabia que trabalhava para si próprio e não para os exploradores e parasitas. Esse foi o maior incentivo.

Esse, acrescente-se, e a solidariedade do campo socialista, particularmente da União Soviética. Foi, na realidade, uma ajuda preciosa a qual, só por si, desmente a noção imperialista dos «imperialismos». Enquanto o imperialismo reduz à miséria máxima os povos que explora, o internacionalismo proletário enriquece os povos com o seu auxílio. Utilizando os créditos e a técnica soviética, a Bulgária tornou-se mais próspera, mais livre, mais independente. Para isso, escusado será dizer, teve de suar e não foi pouco. Ha o caso daquele complexo petroquímico que devia ser pago à União Soviética em 16 anos. Pois bem: os operários búlgaros arregaçaram as mangas e ao fim de 10 anos o complexo petroquímico estava totalmente pago.

Como dizia aquele amigo: «Não há milagres, meu caro. Há calos nas mãos...»

UM LÍMPIDO E FELIZ FUTURO

A pequena intervenção do embaixador da Bulgária não nos forneceu — nem podia fornecer — uma informação exaustiva sobre as grandes conquistas do seu povo. Contávamos, para isso, com a apresentação do filme. E neste aspecto, devo dizer que o filme não foi mais eloquente.

Pensando bem, a resolução foi criteriosa. Os organizadores do documentário tiveram a preocupação de arredar todas as posições que «cheirassem a propaganda, a especulação. Preferiram dar ao nosso povo, com o qual entravam em contacto praticamente pela primeira vez, uma imagem física do país búlgaro. Foi, por assim dizer, um cartão de visita.

Cartão de visita engenhoso? Certamente. Percorrido, ao longo da narração, por um fio de humor que foi um permanente motivo de interesse (recordemos, a título de curiosidade, que é na cidade búlgara de Gabrov, que se organiza o festival internacional do humor) o documentário preocupou-se em dar nos uma panorâmica da variedade da paisagem, da grandiosidade das suas cidades, da beleza dos seus monumentos, da riqueza do seu folclore, do trabalho do seu povo. As montanhas cobertas de vegetação (quem passar alguns dias na Bulgária, quem for de Sófia até ao Mar Negro, vê árvores que chegam para o resto dos seus dias...); as centenas de quilómetros de praias maravilhosas; as planícies cobertas de trigo, de girassol, de rosas (espectáculo inolvidável, por exemplo, o Vale das Rosas...), as estações na montanha, para cura de repousoP os sanatórios, as estâncias termais, etc., etc., tudo isso passou diante dos nossos olhos numa cavalgada impressionante, numa impressionante corrida contra-relógio, nesta aventura de bem aproveitar os 60 minutos da hora para nos dar uma imagem da Bulgária.

Imagem incompleta, volto a dizer, pois faltou relacionar esta paisagem com o meio social, com as conquistas do povo búlgaro. Ao vermos as extensas praias do Mar Negro, falta saber que são povoadas de casas dos sindicatos onde os trabalhadores passam as férias a que têm direito real e não fictício. O mesmo acontece com as casas na montanha, com os tratamentos termais. Na Bulgária, tudo é pensado e realizado, com vista ao povo a que se destina. Na Bulgária, o povo é o dono da terra, da água, das fábricas, das escolas. Viram aquela maravilhosa estância à beira do Mar Negro chamada Areias Douradas? Pois lá encontrarão os jornalistas um arranha-céus, pertencente ao seu sindicato, onde poderão estar e repousar o tempo que quiserem.

Viram aquela outra cidade na margem do Mar Negro, um complexo turístico de excepcional interesse, onde cada hotel é uma obra de arte concebida segundo as tradições do renascimento búlgaro? Pois, em cada hotel de Albena, por pensão diária, não pagará um turista estrangeiro mais do que 144 escudos — ou seja: tanto como em qualquer pensãozeca provinciana do nosso país. Mas os cidadãos búlgaros não pagam senão metade dessa importância...

Quero dizer com isto que o «luxo» que ontem vimos não é para inglês ver, não é para «épater» o burguês estrangeiro. Ele destina-se mesmo ao serviço do povo bulgaro, está profundamente enraizado na vida social da Búlgária. Claro que os turistas estrangeiros são bem-vindos, e não se fazem rogados: nada mais de três milhões, no ano passado, numero com tendência para subir em flecha.

Os telespectadores não podem senão estar gratos pela apresentação deste «cartão de visita». Ele foi o sinal do que pode o trabalho ao serviço do povo, ao serviço da *Construção de um límpido e feliz futuro,* que o embaixador búlgaro desejou ao nosso país.

IMPRENSA NACIONAL CASA DA MOEDA

CONCURSO DE MOEDAS E MEDALHAS COMEMORATIVAS

A Imprensa Nacional — Casa da Moeda comunica que, por dificuldades de reunião dos membros do júri, adiou as datas estabelecidas para divulgação dos resultados dos concursos de moedas e medalhas comemorativas que recentemente abriu a todos os artistas portugueses; e que oportunamente informará das novas datas em que aqueles resultados serão tornados públicos.

SINDICATO DOS TRABALHADORES DO COMÉRCIO DO DISTRITO DE LISBOA

Sede: Av. da República, 27

COMUNICADO

Informam-se todos os sócios do Sindicato que ao abrigo do art.º 79, alínea 1 dos Estatutos dos Trabalhadores do Comércio, que se encontra a disposição desde o dia 5-9-75 na sede do Sindicato, Av. da República, 29 — durante 8 dias os cadernos eleitorais.

Mais se informa ao abrigo do mesmo artigo, alínea 2, que «da inscrição ou omissão irregulares nos cadernos eleitorais poderá qualquer eleitor reclamar para a Mesa da Assembleia Geral nos 3 dias seguintes aos da sua consulta, devendo este decidir da reclamação no prazo de 48 horas».

Os cadernos eleitorais encontram-se nos serviços de recepção com o seguinte horário:

das 9 às 12 horas
das 14 às 17,30 horas
das 19 às 22 horas

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA ELEITORAL
Artur Manuel Mendonça Rodrigues

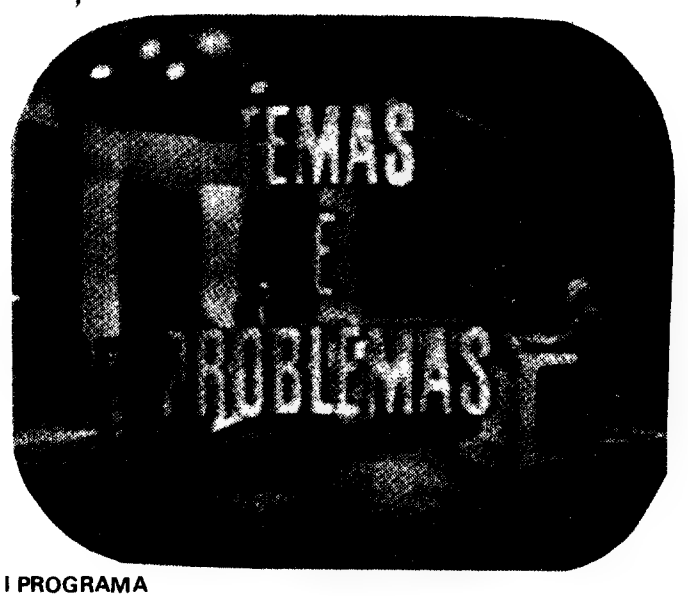
CENTRO DE PRODUÇÃO Teatro Maria Matos

A RTP apresenta todas as noites, às 21.30 h., e aos domingos também, às 16 h., a peça de Miguel Franco

«LEGENDA DO CIDADÃO MIGUEL LINO»

Desc. às 2.as Feiras
Não acons. a menores de 13 anos
Bilheteira Tel. 89 70 17
ABEP — Telef. 32 88 23

Hoje



I PROGRAMA

19.00 Abertura e **Telejornal** 1.ª edição
19.05 **História Vinda do Mar**
19.25 **«Os Robinsons Suíços»** série filmada 1.º episódio

A família Robinson que viajava de barco, naufraga e vai dar a uma ilha deserta onde é obrigada a adaptar-se ao meio ambiente para sobreviver.

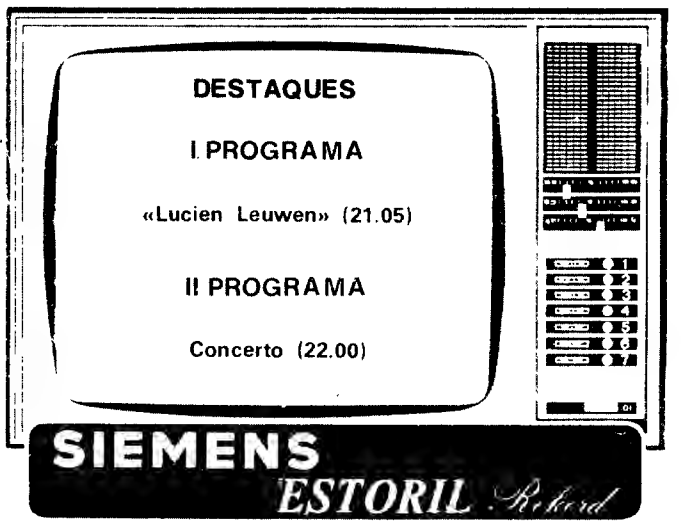
19.55 **Escrever é Lutar** — com Virgílio Martinho.
20.10 **Câmara Livre** — programa de Carlos Rodrigues.
20.25 **Vamos Jogar no Totobola** — prognósticos para o 2.º concurso da época.
20.30 **Telejornal** — 2.ª edição — noticiário do País e do estrangeiro.
21.05 **«Lucien Leuwen»** — série filmada — 1.ª parte — com Bruno Garcin, Nicole Jamet, Antonella Lualdi, Jean Martinelli, Jacques Monod e Mary Marquet. Realização de Claude Autant-Lara.

A acção decorre em Franca em 1832. Lucien Leuwen, filho de um banqueiro parisiense, e expulso da Academia Militar devido às suas ideias republicanas. Gracass à influência de seu pai é colocado no 27.º Regimento de Lanceiros aquartelado em Nancy. Aí conhece Mathilde de Chasteller, jovem viúva e aristocata. Lucien apaixona-se por ela e consegue penetrar na alta sociedade de Nancy, muitto pouco permeavel a estra-

21.30 **Temas e Problemas** do Departamento de Programas Políticos e Sociais.
22.00 **Programa Musical** uma hora de música ligeira ou erudita.
23.00 **Telejornal** — 3.ª edição
23.15 Fecho

II PROGRAMA

21.00 Abertura e série filmada **«Os Robinsons Suíços»** 1.º episódio
21.30 **Telejornal** em diferido a edição das 20 e 30 transmitida no I Programa.
22.00 **Concerto** «Brandeburguês» n.º 5, de Bach.
22.30 **«Callan»** serie de espionagem, com o actor Edward Woodward no protagonista.
23.00 Fecho



SIEMENS ESTORIL Rekord

Amanhã

I PROGRAMA

18.30. Formação de Professores; **19.00**. Telejornal; **19.05**. TV Infantil, **19.30** «Smith»; **20.00**. TV Palco; **20.30**. Telejornal; **20.30**. Telejornal — relatório sobre Salvador Allende; **22.00**: Histórias da TV Cubana «Adriana em Dois Tempos»; **22.30**: Telejornal.

II PROGRAMA

21.00: «Smith»; **21.30**: Telejornal; **22.00**: Serviço Especial»; **22.45**: Sabe...

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
CLÍNICA DE TELEVISÃO E ASTRONAUTA
COM RÁDIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIENCIA
Deslocação e orçamento grátis
Telefs. 72 27 86 - 83 42 71
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

Desporto

Boletim Boletim Boletim Bo

Homens livres

. A partir deste momento são livres as transferências de praticantes desportivos amadores. Assim, abre-se uma era de liberdade para jogadores de futebol, basquetebol e andebol, para os ciclistas o hoquistas, como para os nadadores ou praticantes de atletismo. No projecto de portaria (ainda provisório) o secretário de Estado dos Desportos e Acção Social Escolar foca *as liberdades e direitos fundamentais conquistados pelo povo português com o 25 de Abril* e, em face da recente regulamentação das novas condiçoes de contratação dos futebolistas profissionais (*com salvaguarda dos direitos fundamentais dos jogadores)* entende como urgente a revisão do estipulado para a transferência de atletas amadores, tornando-as imediatamente livres, para sete modalidades: futebol, basquetebol, andebol, ciclismo, hóquei em patins, natação e atletismo.

Era tempo (realmente) de alguma coisa andar para a frente em matéria desportiva: no balanço de cerca de vinte meses, esta foi uma das poucas medidas salutares que alteram o convencionalismo e conformismo em que se vivia no Desporto português antes do 25 de Abril. E que persiste, diga-se, na maioria dos seus aspectos...

Damas: capitão pode falar?

ESTRITAMENTE CONFIDENCIAL

Levanta-se o véu sobre o que poderá ocorrer durante a assembleia-geral dos associados do Barreirense, marcada para 6.ª-feira. Na agenda, temas fundamentais: o caso da indemnização de 15 contos a um árbitro (mais 250 escudos a um fiscal de linha) em face de distúrbios ocorridos no «Manuel de Melo», a multa de 6 contos (imposta pela Federação) e a obrigatoriedade de erguer uma vedação metálica em torno do recinto que é «casa» do clube mais popular do Barreiro. A propósito: a iluminação do terreno, prestes a ser inaugurada, importou em 360 contos.

ONTEM

Em Viareggio (Itália) novo êxito dos hoquistas portugueses no «Europeu»: terceiro jogo e 7-2 perante a Holanda. Jogaram e marcaram: Ramalhete (Castro), Rendeiro, Garrancho (1), Livramento (2), Chana (3), Cristiano (1) e Fernando Pereira. No topo da classificação estão os grupos de Portugal, Espanha e Itália, todos com o máximo de pontuação.

José Martins permanece no 3.º lugar da «Volta à Catalunha», após a tirada que ligou Playa de Aro a Manresa, ganha por Domingo Perurena. Ordem de chegada dos portugueses: Joaquim Sousa Santos (14.º), José Martins (18.º e último do primeiro pelotão), Mário Silva (41.º), Joaquim Moreira (46.º), José Sousa Santos (52.º) e Domingos Barbosa (53.º). Na tabela geral, José Martins está a sete segundos do francês Laurent, que é o «leader».

. «Supertaça»: mais uma invenção uefeira, tendente a conseguir alimentar o fogo sagrado das tesourarias dos grandes clubes com futebol profissional. Ontem, em Munique, primeira «mão» do previsto embate entre o Bayern (vencedor da «Taça dos Campeões Europeus») e o Dínamo de Kiev (triunfador na «Taça das Taças»). Resultado do jogo: 1-0 para os russos (tento de Blochin). As formações:

. Bayern: Maier; Orsmann, Schwarzenbeck, Beckenbauer e Duernberg (Roth); Zobel, Weiss e Wunder; Mueller, Rummenigge e Kapellmann.

Kiev: Rudakov; Konkov, Zuev, Fomenkov e Reshko; Troshkin, Damin e Slobodian; Kolotov, Buryak e Blochin.

A segunda «mão» disputa-se em Kiev, a 6 de Outubro.

HOJE

. Portugal confronta-se esta noite, em Itália, para o «Europeu» de hóquei patinado, com os representantes suiços.

No Estádio da Luz, o último jogo da ronda inicial do Campeonato Nacional de Futebol (1.ª Divisão) tem lugar pelas 21 e 30. Actuam os benfiquistas perante o Boavista. Isto é: os campeões nacionais e os vencedores da «Taça de Portugal» lado-a-lado.

PORTUGAL

. O União de Coimbra ainda terá de disputar fora do seu terreno os dois próximos jogos que estavam marcados para a cidade conimbricense, em face da interdição decretada pelo Conselho de Disciplina da Federação. Além disso, só poderá voltar a exibir-se em casa depois de ter vedação metálica em torno do relvado que utilizar.

No Beira-Mar, uma campanha em marcha: a luta pelos 10 mil sócios (mais sete mil que os actuais).

Parece que sempre vai avante o propósito de remeter de 17 a 28 deste mês, um grupo de bem intencionados ciclistas amadores à «Volta à Bulgária».

Serafim Bento, provavelmente o melhor pugilista nortenho do momento, fixou residência em Lisboa. Ainda de boxe: está em plena laboração o ginásio dirigido por David Ferreira, em Reboleira (Amadora). Qualquer dia damos lá um salto, para contarmos como é.

Face a carências financeiras de vária índole, poderá estar duvidosa a presença da equipa de andebol do Benfica em competições extrafronteiras para a «Taça dos Campeões Europeus».

Os futebolistas juniores do Benfica foram convidados para uma digressão à Austrália, em Março do próximo ano.

Mais um exemplo na linha de outros já aqui apontados, do mesmo sentido: os futebolistas seniores do Atlético do Cacém decidiram prescindir de todos os prémios que costumavam auferir após as exibições.

A Académica de S.Mamede declara que não pode dispor de 130 contos para as três viagens a Lisboa que lhe são necessárias no «Nacional» de Andebol: assim, ou aparece um subsídio para as deslocações ou desiste da prova.

O encontro Sporting-Beira-Mar disputa-se em Alvalade, no sábado à noite. O Feirense-Lourosa processa-se no mesmo dia (mas num rectângulo da região portuense) e o duelo Bombarralense-Alverca têm lugar às 16 horas, igualmente de sábado.

Por 110 contos ordenado mensal, o «internacional» Adolfo ingressou no Paços de Ferreira.

PERGUNTAS

. Como se sabe, a selecção de Andebol de Sete da INATEL vai à União Soviética, defrontar uma turma local. A viagem efectua-se a convite dos soviéticos, podendo interpretar como seja de retribuição pela visita que há tempos nos fez a selecção universitária daquele país.

Na altura em que recebemos os andebolistas russos foi a nossa equipa principal que os dirigentes acharam por bem colocar frente a essa grande potência do andebol. Agora, como o jogo se efectua lá, foi resolvido enviar uma equipa da INATEL: ou seja uma turma constituída por jogadores-trabalhadores.

Isto, dá-nos a ideia de que os andebolistas portugueses, que militam nas equipas da 1.ª Divisão, são todos «profissionais»: rapazes que fazem da prática do andebol o seu ganha-pão. Ora, toda a gente sabe que não é isso que se passa. E, assim sendo, apetece perguntar: porquê uma equipa da INATEL a fazer uma viagem até à União Soviétiva? Será que, num futuro próximo, serão esses jogadores que irão representar o nosso andebol nos torneios internacionais? Se assim for, absolutamente certa a viagem: sempre vão aprender alguma coisa. Mas (sinceramente) ainda gostaríamos de vir a saber a verdade que está pela banda escura desta digressão do andebol trabalhador português...

. Sem falar no técnico francês Geminiani e em Bruno Santos (correspondente de «A Bola» em França e delegado de Alvalade nas excursões de Agostinho e parceiros de aventura) qual foi o lucro (palpável, em matéria de fama ou proveito) que o Sporting tirou da sua equipa internacional de ciclismo?

EVENTUALMENTE CHOCANTE

Mesquita, guarda-redes que, do andebol belenense, saltou até às balizas nacionais, foi saneado pelos colegas de equipa, durante um plenário efectuado no Restelo. Outras resoluções tomadas pelos andebolistas «azuis»: tentarem o concurso do treinador Adelino Moura, obterem a colaboração de dois novos dirigentes para a secção (Eduardo Andrade e Esteves Martins) e concordarem com os motivos invocados por António e João Mendes para as suas saídas de Belém.

. De «Record», em relação ao encontro Vitória de Setúbal-Académico de Coimbra:

. «Cá fora tínhamos visto um espectador pregar um «tabefe» num polícia, sem que este tenha tido a coragem de lhe dar «voz de prisão». Convenhamos que isto ultrapassa todos os limites, mesmo levando em linha de conta todas as fortes razões de queixa que o povo de Setúbal possa ter da P.S.P.

«Uma forma de autoridade que não serve os interesses da população ainda tem, neste País outras formas mais correctas de se pôr em xeque.»

COMENTÁRIO

. O Liberdade Atlético Clube terá ultrapassado, no último fim de semana, uma das mais graves crises que conheceu: na recente Assembleia Geral, alguns sócios quiseram saber o que se passava, de verdade, na sede do clube, principalmente no que diz respeito às aulas do curso de alfabetização.

Segundo algumas vozes, as aulas desse curso não passavam de reuniões de índole política, contrárias (portanto) à ideia que levou à sua criação; falava-se na possível «compra» de diplomas da 4.ª classe, enquanto outras vozes argumentavam que a sede do Liberdade mais parecia o poiso de um partido político em função dos cartazes afixados nas paredes.

Colocados os problemas no local exacto, onde todas as dúvidas devem ser levantadas, chegou-se finalmente a um acordo, tendo as equações ficado esclarecidas: o curso de alfabetização era isso mesmo e, no que toca aos cartazes partidários, ficou resolvido que só quando a sala do clube fosse cedida a um partido cartazes anunciadores poderiam ilustrar as paredes.

Do «ouve-se» e «diz-se» entre dois cafés, os sócios do Liberdade escolheram a realização de uma assembleia geral para se esclarecerem: gesto certo que tem de ser contado para que sirva de exemplo.

OPINIÃO

. «Por todas as alminhas», um leitor do Montijo pede-nos, numa carta toda puxada ao sentimento, para fazermos «força junto da Comissão Central de Árbitros para não nomear o juiz Carlos Dinis para jogos em que, fora de casa, os rapazes montijenses sejam postos à prova». Diz, na missiva: «apanhamos castigos e perdemos sempre os jogos». Pois bem: damos a palavra a Carlos Dinis e à própria Comissão Central.

TELEFONEMA

Nem fomos nós que telefonámos: desta vez, foram os Bombeiros quem discaram o nosso número. E contaram: «Nós, os Bombeiros Voluntários de Lisboa, vamos organizar um torneio de futebol, entre as diversas corporações de Lisboa e arredores. Com esta iniciativa pretendemos apenas realçar um pouco mais a camaradagem que existe entre nós, já que, quando em actividade, todos revelamos um sentido de unidade muito grande. Vamos tentar mostrar que essa unidade que existe entre nós, quando estamos em qualquer sinistro, continua nas actividades do dia-a-dia. Daí a razão de ser deste torneio.»

. Pormenor interessante: durante a realização dos jogos deste «campeonato», haverá piquetes de bombeiros nos campos onde se realizam os jogos, para socorrerem os que se magoarem.

RARIDADES

. Um suíço (Heinz Hasler (38 anos) foi o triunfador na prova de 100 quilómetros marcha realizada em Unna (Alemanha Ocidental). A concorrente feminina melhor colocada foi Edith Holdener (24º posto na «geral»), com 9 h. 19m. 32s. gastos. Heinz lograra dispender somente 6h 44m. e 52s.

. Artur (Benfica) é agente de uma companhia seguradora. A exemplo de Messias, aliás...

Gomes, para já o melhor marcador do «nacional» de futebol da 1.ª divisão, ainda só jogou durante 38 minutos: e logo conseguiu três golos.

A respeito de xadrez: chega-nos a informação de que existe, no nosso país, uma sensacional colecção de selos que tem como tema-base aquela modalidade desportiva. Proprietário: José Manuel Silveira.

AGENDA

. Na noite de 13 do corrente será eleita a nova gerência da Casa do Benfica na Trafaria. Três dias mais tarde, um facto de importância mais «pesada»: a escolha dos futuros corpos gerentes do Sindicato dos Jogadores Profissionais de Futebol. Concorre uma única lista proposta pela direcção cessante) e, segundo parece, nela aparece somente um jogador do Sporting (o recém-recruta Vítor Gomes). Complemento desta informação: vai ser inaugurada, no Norte, uma delegação do Sindicato. Mais tarde, tocara a vez a Coimbra (segundo informa Bernardo, da direcção ainda ao leme do grupo).

. De 12 a 21 do corrente, em Vidago, há provas de golfe, com a habitual festa final no Palace da terra. No dia 19 tem lugar, na Associação de Voleibol do Porto, a assembleia-geral para eleição dos futuros corpos gerentes.

Há quem goste de certo estilo de festas mundanas. Pois então, aí vai a informação: a 13 e 14 do corrente, processa-se o «Rali Hípico Estoril-Sol» e a apresentação do cavalo de sela. Tudo (obviamente) no Estoril.

Regulamento novo no ténis de mesa: os clubes lisboetas vão discutir, na noite de 15 do corrente mês.

A MELHOR DO DIA

. Aconteceu na tarde de ontem, no Estádio da Luz: porta fechada aos representantes dos órgãos de comunicação social que pretendiam durante o treino da equipa dirigida por Mário Wilson, obter elementos e fotos que servissem para reclamar (gratuitamente, como sempre o têm feito...) o espectáculo aprazado para esta noite naquele recinto. A decisão (feliz ou desafortunada?) pertenceu ao sr. Romão Martins, que pertence ao corpo directivo do Benfica.

Interdição perfeitamente inédita, coloca o Benfica numa situação de dependência pura a propaganda das suas futuras actividades, exclusivamente do órgão privativo do clube que, provavelmente, chegará e bastará para os fins a ter em vista.

LÁ FORA

A U.R.S.S. triunfou no «europeu» de decatlo, através do atleta Leonid Litvnienko, que conseguiu 8030 pontos.

. O motociclista japonês Morio Sumiya faleceu ontem, ao sofrer um acidente no «Circuito Bugatti» (de Le Mans) quando realizava provas com uma máquina Honda, em treinos para a próxima competição «Bol D' Or».

John Walker (Nova Zelândia) consegue novo máximo mundial na corrida da milha, com o tempo de 3m 49,4 s, logrado em Gotemburgo.

Geral

Com toda a franqueza

Por **NEVES DE SOUSA**

Ninguém anda de costas

As colectividades desportivas portuguesas começam a acertar o passo pelas congeneres estrangeiras, criando departamentos de relações públicas que, a par de notificarem (a tempo e horas) todos os interesses na actividade do gremio de que são simpatizantes, ainda transportam na bagagem de trabalho a obrigatoriedade de canalisarem, para os órgãos de Comunicação Social, a detalhada informação que eles podem (gratuitamente) fazer irradiar até junto do grande público.

Evidentemente que, para o exercicio do cargo, não poderá ser qualquer pessoa a escolhida. É fundamental, para além de estar absolutamente dentro dos bastidores do clube, que quem vai actuar receba de todos os dirigentes e atletas desse emblema a melhor prova de compreensão, o mais directo apoio, a «gentileza» rápida de todas as noticias que podem (ou não...) transparecer nas páginas da Imprensa, nas imagens televisivas, nas ondas radiofónicas. Não mais se pode entender, numa epoca em que centenas de atletas altamente profissionalizados continuam entregues ao livre e omnipotente arbitrio de dirigentes perfeitamente amadores (e, o que é bem pior, eivados do dogmático vicio da prepotência) que os clubes tenham de socorrer-se (com boas-vontades ou obrigatoriedades) de iletrados em matéria de colocação, no papel como na voz, dos seus legítimos anseios, dos seus pedidos de apoio, das solicitações de esclarecimento que são o quotidinao mais comesinho em matéria desportiva. Cada um no seu lugar, dizem os franceses: pensamento certissimo (portanto) quando se terá de analisar, palavra por palavra ou gesto por gesto, pequeninos nadas ou grandes coisas feitos (ou cozinhados) por meros e puros diletantes.

Vem isto a proposito de um passo firme dado agora pelo Lisboa Ginásio Clube, ao instituir um «Departamento de Relações Públicas» e, simultaneamente, ao tornar público o seu primeiro comunicado. Nele se pode ficar a saber, com muitas semanas de antecedência, que a 1 de Outubro será inaugurado o novo ano lectivo da mais que (simplesmente) prestigiosa colectividade, que as inscrições para as diferentes actividades (bem como a marcação para as inspecções medicas) se iniciam a 15 do corrente e que, ate ao dia 20 deste mês, funcionará diariamente uma classe aberta de ginástica para homens (dirigida pelo prof. Delfim de Matos) com frequência gratuita para os associados do Lisboa Ginásio.

Duplo parabem: pelo nascimento de um departamento que, a tempo e horas, sabe o que faz e pelo que revela no sentido exacto da definição do que deve ser o desporto clubista, mormente atitude de abrir as portas aos sócios para, à sombra do simbolo que costumam aplaudir em diferentes circunstâncias, ali praticarem o que lhes é interdito em outras paragens financeiramente mais desafogadas.

Dinheiro domina futebol espanhol

MADRID, 10 (Por Francisco Berzal da UPI — Exclusivo da ANI em Portugal) — Trinta e três jogadores de nacionalidade estrangeira foram inscritos na recém iniciada temporada futebolística espanhola, segundo tornou publico a Real Federação.

A Argentina é o país de origem de 11 desses jogadores, seguida pelo Brasil (com sete), Uruguai (com cinco) e Portugal (com quatro), sendo os restantes do Paraguai, Peru, Jugoslavia, Holanda, Hungria e Alemanha Federal.

De todas estas inscrições, duas deram que falar, não só por se terem verificado à última hora como por respeitarem, sem dúvida, aos jogadores de maior prestigio de todos: os brasileiros Luis Edmundo Pereira e João Leiva («Leivinha»), contratados pelo Atlético de Madrid.

Com efeito, a Imprensa falou muito destes dois casos, pois o Atlético tinha anteriormente recebido os também brasileiros Ivo e Sena, que não ficaram (o primeiro por no exame médico se ter descoberto que padecia de uma lesão cardiovascular e o segundo porque o clube o transferiu para o Rayo Vallecano, da 2.ª divisão), na mesma altura em que a direcção dos «colchoneros» tratava a toda a pressa de contratar Pereira e «Leivinha».

Muitos pensaram que houve aqui manobra do Atlético e que Ivo não sofria de tal lesão. Neste ponto, interveio o médico do clube, dr. Ibañez, que, categoricamente, afirmou:

«Eu não me presto a manobras».

Quanto a treinadores, duas novidades apenas na primeira divisão: o alemão Hennes Weisweler (no Barcelona) e o paraguaio Heriberto Herrera (na Union Deportiva de Las Palmas).

Embora a procissão ainda vá no adro, tudo faz supor que a supremacia andará à volta das equipas mais poderosas: Real Madrid e Barcelona. O Real Madrid tem um orçamento para o exercício de 1975/76 de quase 476 milhões de pesetas e o Barcelona dispõe de 440 milhões. Ante este caudal de dinheiro, é difícil que os clubes modestos possam opor grande resistência, apesar do muito entusiasmo que os seus dirigentes e jogadores ponham na disputa do campeonato. Claro que é de contar sempre com o elemento surpresa: a surpresa do pobre que faça vergar a cerviz ao todo poderoso «Dom dinheiro».

NOVA PONTE SOBRE O LEÇA

PORTO, 10 — A construção de uma ponte sobre o rio Leça, que ligará o lugar da Azenha Nova (Gueifães) a S. Mamede de Infesta (Matosinhos) será posta a concurso, com base de licitação de 1 582 715$80, foi anunciado na reunião ordinária da câmara da Maia. As obras serão iniciadas a expensas daquele município, recebendo depois a comparticipação do Estado.

PONTAPÉ DE CANTO

ORLANDO DIAS AGUDO

EMISSORA

Nasceu um «caso» na Emissora Nacional: os relatores desportivos que há muito enriqueceram as transmissões de domingo à tarde (e não só) apresentaram uma série de reivindicações, que todavia não foram aprovadas por alguns delegados das comissões de trabalhadores.

Poderá parecer estranho que eu, servindo de uma mesma causa [illegible] mento de onda diferente, me escusasse a comentar o conflito, já que poderia ser influenciado [illegible] rivalidade por muito adivinhada mas nunca confirmada. Muito embora seja oficial do mesmo ofício, em regência ou microfone diferentes, a verdade é que sou o primeiro a lamentar que o conflito tenha surgido [illegible] hora a que escrevo este apontamento não tenha sido ainda resolvido a contento de todos.

Na cómoda posição de espectador neutral, pouco me importa analisar a justiça ou injustiça das reivindicações apresentadas, as razões ou sem-razões dos delegados (alguns) da comissão de trabalhadores. O que me interessa é que, profissionais dos pés à cabeça, deixaram de emprestar a sua colaboração às «Tardes Desportivas da Emissora», que assim deixou de poder contar com a alegria das suas vozes, na descrição do espectáculo desportivo por excelência.

Como trabalhador profissional desse espectáculo do som, a minha posição (se é que a alguém interessa) é apenas uma, aliás bastante bem definida: é de lamentar que um fosso tenha sido aberto nos bastidores da estação do povo, privando quem paga as taxas, dos relatos que interessam (pelo menos) a um milhão de portugueses.

Como concorrente, poderia muito bem congratular-me com a dissidência que transbordou as paredes do Quelhas e inundou a população desportiva do País; no entanto, como respeitador do mesmo público que sirvo, tenho de lamentar a situação criada e, daqui solicitar às duas partes em litígio um pouco de compreensão mútua: na certeza de que quem está a sofrer as consequências da cedência (ou não) de uns escudos mensais é o público, que continua a pagar as suas taxas.

Uma certeza: na onda da Emissora, as vozes dos Correias (Romeu e Fernando), do Nuno Brás, [illegible] outros que chega[illegible] (quase com[illegible] do de oportu[illegible] za) fazem al[illegible] do fenómeno [illegible]

Espero po[illegible] próximo domingo [illegible]

F.U.R. DIVULGA MANIFESTO

Continuação da pág. 1

chantagem económica e militar.

Atendendo à impossibilidade real de instauração em Portugal de um regime **estável** de dominação burguesa **através de formas «democráticas»** compreende-se facilmente a razão pela qual a ofensiva social-democrata contribuiu objectivamente para que a direita fascista se reorganizasse e **reconquistasse** posições.

Neste contexto a «solução» social-democrata para a crise actual acabará por desembocar inevitavelmente, no golpe fascista».

Em seguida, o Manifesto aponta:

«A escalada reaccionária tem-se traduzido nos seguintes aspectos principais:

1 — **No campo militar**

a) Avanço das forças de direita no seio do M.F.A., com vista à sua dissolução no contexto geral das Forças Armadas que tem, ainda hoje, a mesma estrutura de 24 de Abril de 1974.

b) Subalternização das ADU's e GDU's com vista à sua dissolução e restabelecimento de uma cadeia hierarquica de comando controlada pelos oficiais reaccionários».

«c) Dissolução ou neutralização de órgãos cuja actividade procurava defender os interesses das classes trabalhadoras. Veja-se o exemplo da 5.ª Divisão, cuja acção, apesar de erros cometidos, teve um saldo positivo, que é sistematicamente escamoteado.

«d) Isolamento e até, em alguns casos, saneamento dos militares progressistas e revolucionários com vista a aniquilar a componente militar das forças revolucionárias que se podem opor ao imediato avanço da direita.

«e) Preparação para o golpe militar reaccionário, a vibrar no momento em que a ofensiva institucional tenha atingido os seus objectivos.

«Os chamados «nove» e seus colaboradores, seja qual for o seu grau de coesão, funcionaram como polo catalizador de toda a direita (fascista e social-democrata) criando assim uma base para a ofensiva pollítico-militar reaccionária.

«2 — **No campo «civil»**

«a) Ofensiva política da social-democracia no sentido de repor a coligação P.P.D., PmS., P.C., com base nos resultados das eleições burguesas.

«b) Aproveitamento do justo descontentamento de sectores da pequena burguesia e do campesinato no sentido de os mobilizar contra o avanço do processo revolucionário.

«c) Tentativa de polarização destes sectores da população em torno das unidades militares de comando reaccionário no Centro e Norte do País.

«d) Abrir espaço à intervenção das forças terroristas do E.L.P.

«e) Lançamento de uma ampla campanha de desinformação atraves da Imprensa reaccionária, dos caciques locais, etc., destinada a lançar a confusão e a inquietação no seio das massas populares.

A adesão e o apoio dos trabalhadores às linhas gerais do projecto político subscrito por alguns oficiais do Copcon, assim como a adesão e o apoio manifestados em relação à iniciativa de criação da Frente de Unidade Revolucionária vieram demonstrar a disposição de largas massas para a revolução o que significa decerto a consciência de que para não perder é preciso avançar.»

Para que haja este avanço, a F.U.R. preconiza que «a unidade revolucionária e fundamental e inadiável».

«Na sua prática, a Frente de Unidade Revolucionária não se substitui à organização autónoma da classe operária e das massas trabalhadoras; o papel da Frente é o de contribuir para que os órgãos de poder popular cada vez mais se afirmem como fundamentais para a tomada do poder pelos trabapular cada vez mais se afirmem como fundamentais para a tomada do poder pelos trabalhadores e para o exercício do poder revolucionário do proletariado.

«A Frente de Unidade Revolucionária contribuirá também pela sua prática, para que se fortaleçam as alianças de classe de que o proletariado necessita para a tomada do poder e construção da sociedade socialista.»

Mais adiante a F.U.R. aponta os objectivos imediatos:

«1) A organização da sua auto-defesa, em particular através dos órgãos de poder popular, face aos ataques armados da reacção capitalista.

«2) A luta pelo saneamento de todos os fascistas e social-democratas golpistas das Forças Armadas.

«3) A luta pela total liberdade de reunião e organização dos soldados e marinheiros, única forma de as A.D.U. serem realmennte representativas, democcráticas e revolucionárias.

«4) A luta pela repressão exemplar sobre os fascistas e contra-revolucionários de toda a espécie e caciques locais, responsáveis pela onda de violência anti-comunista que se vem desenvolvendo em muitas zonas do País.

«5) A luta pela criação de tribunais populares capazes de exercerem sobre os contra-revolucionários a justiça de classe dos explorados e oprimidos.

«6) A luta contra o poder dos grupos económicos ainda existentes, pela nacionalização sem indemnizações e sob controle dos trabalhadores, das grandes empresas industriais e agrícolas, dos bancos e companhias de seguros estrangeiras no caminho para a apropriação colectiva dos meios de produção.

«7) A luta pela generalização do controle operário sobre a produção e pelo controle organizado do povo trabalhador sobre ttoda a economia.

«8) A luta pelo aprofundamento e generalização da reforma agrária que satisfaça revolucionariamente as necessidades e aspirações dos trabalhadores rurais e dos pequenos e médiof camponeses organizados nos seus órgãos de poder popular, nomeadamente os conselhos de aldeia.

9) A luta contra os despedimentos e pelo pleno emprego dos trabalhadores.

10) A luta contra a carestia de vida que atinge o povo trabalhador da cidade e do campo beneficiando em particular os intermediários parasitas.

11) A luta pela independência nacional face ao imperialismo e a qualquer bloco político-militar, baseada na aliança com os países anti-imperialistas e na solidariedade militante com os trabalhadores de todo o mundo.

Isso exige desde logo a saida de Portugal da N.A.T.O. e o fim do Pacto Ibérico.

12) A luta pela aliança revolucionária dos trabalhadores portugueses com o povo angolano, representado pelo seu único movimento de libertação, o M.P.L.A.

13) A exigência da dissolução da Assembleia Constituinte e a denúncia do seu carácter burguês.

14) A luta pela constituição de um Governo de Unidade Revolucionária.»

A F.U.R. está aberta aos militantes revolucionários não partidários, os quais terão o seu enquadramento no projecto, quer individualmente, quer em grupo. Quanto aos grupos, estes poderão constituir-se a partir do local de trabalho, local de residência, sector profissional e localidade, assumindo o carácter de «Comités de Apoio à F.U.R.». As adesões, individuais ou em grupo deverão ser efectuadas nos Secretariados Regionais, Distritais e Locais, que a F.U.R. constituirá, de acordo com as condições concretas de cada zona. Entretanto, quem quiser apoiar desde já, pode dirigir-se as sedes de qualquer das organizações políticas que constituem o Secretariado. Os primeiros objectivos apontados aos novos aderentes, são: Participação e apoio às iniciativas políticas da F.U.R., praticar os objectivos imediatos de luta, referidos no Manifesto, propaganda e recolha de fundos.

As organizações políticas empenhadas na construção da Frente de Unidade Revolucionária definem como um dos seus principais objectivos o de impulsionar o reforço a generalização e a coordenação dos órgãos de poder popular numa base que garanta a total autonomia de classe desses órgãos fundamentais para a tomada do poder pelos trabalhadores.

Neste sentido é absolutamente necessário garantir que a articulação entre as organizações partidárias que pertencem à F.U.R. e os órgãos de poder popular não divida ou enfraqueça estes órgãos, antes fortaleça a sua unidade.

De acordo com os princípios acima indicados **as relações a nível local ou regional entre os órgãos de poder popular e as formações políticas partidárias,** devem adaptar-se às condições concretas de cada zona, sugerindo-se, entre outras possíveis, **as seguintes formas de articulação (que terão de ser sempre decididas pelos órgãos de poder popular** e **respectivas estruturas de coordenação)**.

Geral

A LONGA HISTÓRIA DE UMA PEQUENA ILHA

Continuação da pág. 3

a separar-nos. Entre as bizarrias da Revolução Francesa, esta não é a menor: os que nos davam a morte como a rebeldes e são hoje protectores; são animados pelos nossos sentimentos».

A 30 de Novembro de 1789, na Assembleia Constituinte, Mirabeau declara que **«a sua primeira juventude (fora) manchada pela sua participação na conquista da Córsega».** A ilha foi declarada **«parte integrante do império francês».**

Os habitantes da Córsega serão regidos pela mesma Constituição que os outros franceses. Os insulares exilados por terem combatido pela liberdade podem regressar à ilha. Paoli é aclamado pela Constituinte, perante a qual se apresenta a 22 de Abril de 1790. **«Este dia é o mais belo da minha vida»**, exclama ele. **«Passei-o a procurar essa liberdade cujo nobre exemplo estou a ver. Deixei a minha pátria escrava, encontro-a livre. Que hei-de desejar mais?».**

De regresso à Corsega, Paoli é eleito presidente do Conselho Geral. Três anos depois é acusado pelos jacobinos perante a Convenção. Coloca então a Córsega sob protectorado inglês, mas é rapidamente afastado do poder e volta ao seu exílio de Londres onde morrerá em 1807. A Córsega volta a ser francesa em 1796.

UMA QUESTÃO QUE SE TORNA UM PROBLEMA

A queda do império aviva o sentimento antifrancês, tanto mais que Chateaubriand acusa: **«A Córsega é responsável perante a história do nascimento de Napoleão».**

Mas o regresso das cinzas, em 1840, depois a proclamação da Segunda República, consolidam os elos da ilha com a França. Em 1848 são pela primeira vez eleitos por sufrágio universal (quatro em cinco são sobrinhos de Napoleão), deputados e também o presidente da República (45000 votos em 49000 votantes escolheram o nome de Luis Napoleão Bonaparte). Os corsos, pode ler-se nos jornais da época, alimentam **«a louca esperança de dar por fim entrada no comum dos outros departamentos».**

No entanto, o triste fim do Segundo Império provoca novamente em França uma reacção anticorsa. Em 1871, George Clemenceau, jovem que mais tarde daria muito que falar, faz com que o clube positivista de Paris adopte uma moção tendente a dar de novo à Córsega a sua independência.

A proposta não terá, como é evidente, continuidade. Mas a «questão corsa» começará a ser posta logo no inicio da III República, perante a recrudescência do banditismo e o aparecimento dos hábitos eleitorais que farão escola.

Durante decénios reclamam-se soluções, enquanto Emmanuel Arene, eleito deputado de Ajaccio, inaugura a política da colocação dos insulares da ilha.

Em 1911 a questão tornou-se problema. O Governo envia à Córsega uma «grande comissão» Clemenceau-Delauney, a fim de definir as medidas próprias para lhe assegurar o desenvolvimento. Mas estala o primeiro conflito mundial. Toda a população válida da ilha, que então contava trezentos mil habitantes, está a combater; vinte e oito mil mortos, outros tantos feridos ou inválidos, e o resto, ou quase, que, tendo descoberto novos horizontes ou outras perspectivas, escolheu trabalhar no exterior.

Em 1921, quando se celebra o centenário da morte de Napoleão, assiste-se a manifestações exaltantes de dedicação à França. Será preciso chegar a 1939, com uma viagem de Deladier, então presidente do Conselho, para ver afirmar a permanência da presença francesa frente às reivindicações de Mussolini, e a 1943, com o levantamento dos patriotas (que fogem da Córsega, com o auxílio da Argélia, o primeiro departamento liberto) para ver manifestações semelhantes.

Mas, no plano económico, a situação degradou-se consideravelmente. Entre as duas guerras, os Governos sucessivos nada fizeram para deter o êxodo dos jovens, êxodo esse que, pelo contrário, favoreceram. O império colonial obriga a muitas coisas. As tendências autonomistas, que marginalmente se manifestaram, retomam vigor. Alguns corsos responderam mesmo favoravelmente às iniciativas da Itália fascista, que queria anexar a ilha. Mas sob a ocupação italiana (11 de Novembro de 1942 — 9 de Setembro de 1943), a colaboração foi um fenómeno muito limitado.

O REGRESSO À «CORSITUDE»

O regresso à «corsitude», a partir de 1971, concretizado pelas jornadas corsas de Corte, e pela Universidade de Verão, assim como pelos congressos autonomistas, fez com que o radical das esquerdas Nicolas Alfonsi, deputado de Ajaccio-Calvi, dissesse a 3 de Abril de 1975 perante a Assembleia Nacional: **«Depois de ter resistido durante séculos a todas as invasões — aragonesa, pisana e genovesa, entre outras —, a ilha e a comunidade corsa não puderam resistir à última, a mais perniciosa porque mais subtil, a de uma sociedade liberal que apregoa o deixar correr, a invasão perniciosa que, por assim dizer, aplainou a alma insular. O resultado de uma tal situação inscreve-se nos factos: uma baixa demográfica que faz passar a população de origem corsa de 250 000 a 120 000 pessoas, porque muitas vão procurar fortuna noutro lugar. O verdadeiro, o único problema, é esse: o da recusa de ver a situação degradar-se a ponto de pôr em perigo de morte uma comunidade original específica que resistira durante séculos a todos os assaltos. Resolver esse difícil problema é resolver a questão corsa».**

A análise continua exacta.

(Le Monde)

ELEIÇÕES NOS QUÍMICOS DO NORTE

PORTO, 10 — Decorrerão nos próximos dias 26 e 27 as eleições para a direcção do Sindicato Operário das Indústrias Químicas do Norte. Além da lista **A** concorre às eleições a lista **B** («por um sindicalismo de classe»), cujos elementos expuseram durante uma conferência de Imprensa as suas linhas de actuação caso consigam obter uma vitória. Propõem-se a Lista **B**, conforme foi anunciado, «acabar com os despedimentos, com as horas extraordinárias e exigir que o governo crie novos postos de trabalho com o capital que administra». Para isso, entende a lista **B**, que será necessário desenvolver acção constante dos operários de cada fábrica, dirigidos pela sua C.S.O. os quais terão o incondicional apoio da direcção eleita do sindicato.

Palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

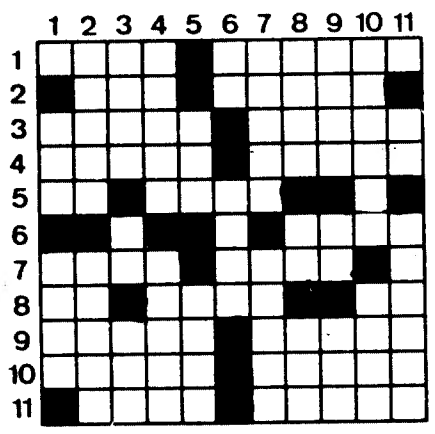
ROBLEMA N.º 11 181

HORIZONTAIS:

1 Óleo de sardinha (prov. minh.). Purificar.
2 O sustento. Curam.
3 Interjeição designativa de reprovação, desagrado ódio ouvingança. Mamiferos roedores.
4 Içara. Conduzirá para cá.
5 Isolado. Rã (pop.).
6 Serra de Portugal.
7 Vassourar o forno depois de aquecido. Soluça.
8 Preposição. Rezou. Bário (s.q.).
9 Nome de mulher. Amofinar.
10 Limpai metais. Continua.
11 Tosto. Cantigas.

VERTICAIS:

1 Conjunção. Move os remos.
2 Espécie de borboleta do género doritis, que habita as regiões montanhosas. Poisa no mar (o avião).
3 Palmeira da Amazónia. Crença. Rente.
4 Faleça. Rasgadas.
5 Rio da Suiça. Faisca.
6 Artigo definido. Corisco.
7 Abarrotada. Ródoa.
8 Encolerizar. Abreviatura que se usa em música. Prefixo que designa ar.
9 Creme. Apelido da mãe de Luís de Camões. Pequeno poema medieval narrativo ou lírico.
10 Frutos silvestres. Derrote.



Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

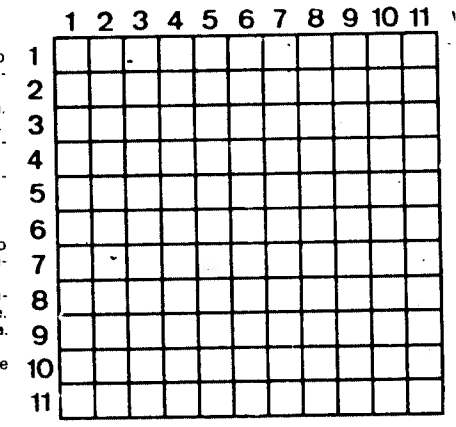
PRO. LEMA N.º 7340

HORIZONTAIS:

1 Vila, e sede de concelho (Aveiro). Freguesia do concelho da Feira (Aveiro).
2 Homem de baixa estatura. Cabo da costa de Portugal.
3 Ladeira. Substância carnuda de alguns frutos.
4 Item. Obrigou a. Medida itinerária do Japão.
5 Nome de fruto. Rezes.
6 Letra grega. Preposição.
7 Terceira letra do alfabeto arábico-persa. Vossa Alteza. Brisa. Pertences.
8 Ilha do arquipélago de Cabo Verde. Fluído aeriforme.
9 Rio de França. Em má hora.
10 Lição. Formar as abas a.
11 Freguesia do concelho de Torres Novas. Empregada.

VERTICAIS:

1 Circ. da província ultramarina da Guiné. Peixe da costa de Portugal.
2 Cobrira de nata. Um dos pontos cardeais.
3 Seguiam. Cobalto (s. q.). Divisão de uma casa.
4 Rompante (pro. e trasm.). Atravessai.
5 Antes do meio dia. Amofina.
6 Nome de letra.
7 Rio de Itália. Tartamuda.
8 Irascível. Invulgares.
9 Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho. Ilha francesa do oceano Atlântico. Rainha da Arábia também conhecida por Belkiss.
10 Obriga. Madeira.
11 Ecoais. Transpirara.



SOLUÇÃO DO ROBLEMA N.º 11 180

HORIZONTAIS:

1 Pá. NUNCA. Tl.
2 Errar. Opere.
3 Dr. Dá. Casar.
4 Iaras. Ag. Ta.
5 Usos. O. Anas.
6 Ti. Cio. Ar.
7 Ba. Cossa. Ab.
8 Ara. Ali.
9 RALO. Aras.
10 Lie. Nós. Mit.
11 Armei. Ocaso.

VERTICAIS:

1 PEDIU. Borla.
2 Arrasta. Air.
3 Rói. Além.
4 Nadas. Cró.
5 Uras. Coa. Ni.
6 Ois. AO.
7 Coca. Osa. Só.
8 Apaga. Ala.
9 Ês. Na. Irmã.
10 Tratara. Ais.
11 Lerás. BASTO.

PROVÉRBIO: Nunca o ralo pediu ao basto.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7350

HORIZONTAIS:

1 Saura. Marrã.
2 Apregoariam.
3 Rei. Iró. Aló.
4 Dr. Arama. Or.
5 Ama. Ela.
6 Pão. Ota.
7 Ao. Secar. Ta.
8 Cré. Soa. Aru.
9 Atro. Suar.
10 Ba. Ir. Ce. Cá.
11 Aleai. Croas.

VERTICAIS:

1 Sarda. Acaba.
2 Aper. Portal.
3 Uri. Aa. Er.
4 Ne. Amos. Oiã.
5 Agira. És. Ri.
6 Ora. Açor.
7 Maomé. Aa. CC.
8 Ar. Alor, Ser.
9 Ria. At. Au.
10 Ralo. Atraca.
11 Amora. Auras.

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado em alguns locais do Litoral Norte e pouco nublado nas outras regiões havia neblina ou nevoeiros locais e o vento era fraco

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	17º
P. DOURADAS	—
COIMBRA	17º
PORTALEGRE	20º
LISBOA	20º
FARO	24º
FUNCHAL	21º

TEMPERATURAS EXTREMAS

RÉGUA
Máxima **29,5º**

FIGUEIRA DE CAST. RODRIGO
Mínima **7,6º**

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar	15,8º
Atmosfera	17,2º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
7.04	**3,9 m**	0.20	**0,8 m**
19.30	**3,8 m**	12.42	**0,9 m**

Dia 11

7.54	**3,7 m**	1.07	**1,2 m**
20.26	**3,5 m**	13.36	**1,3 m**

Dia 12

8.54	**3,4 m**	2.04	**1,5 m**
21.37	**3,2 m**	14.45	**1,6 m**

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

A Norte do Sistema Sintra Montejunto Estrela: Períodos de céu muito nublado; vento fraco ou moderado de Noroeste; neblinas matinais na Faixa Costeira. A Sul do referido sistema céu pouco nublado ou limpo; vento fraco ou moderado de Noroeste

AMANHÃ

NASCER AS 7.14
OCASO AS 19.53

DIA 12 — DIA 20 — DIA 28 — DIA 5

BARS BOITES — Estabelecimentos típicos

DANCINGS

NINA Dancing com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13. T.** 364859/368197
YUKY STREAP-TEASE JAPONESA

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. **T. 26461/264526/264596/264621/264946**

HIPOPÓTAMO Conjunto Hipopotamo. Encerra aos domingos. **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. T. 48384.**

RÁDIO

EMISSORA 1.º Programa

17.00 Rádio estudantil
18.00 Música variada
19.00 Informação de trânsito — música variada
20.00 Jornal da noite
21.00 Mini-teatro
21.25 Música portuguesa
22.00 Música variada
22.30 Ambiente, por Afonso Cautela
23.00 Música variada
23.30 Cinema novo, por Maria Cristiana, Damas Nunes e Moreira dos Reis
00.00 Último jornal
00.30 Retrospectiva
01.00 Saída e encerramento dos Regionais e dos MF1 — música na noite
02.00 Música na noite
02.20 Temas de educação

2.º Programa

16.03 Música sinfónica
17.10 Música de câmara
18.00 Música do século XX
19.00 Obras para órgão, de Buxtehude
19.19 Orquestras de câmara
20.00 Jornal da noite
21.00 Passagem do MF 2 a Estéreo — música ligeira variada
22.00 Intercâmbio musical
23.35 Sonata em si bemol maior, K.333, para piano, de Mozart
00.05 Cantata op. 93, «Balada da Criança Desconhecida», de Prokofieff
00.30 Música de câmara
01.00 Fecho

Programa em FM 2 — 397 m — 755 KHz

20.30 Música sinfónica
21.00 Música coral sinfónica
22.17 Solos de piano
22.45 Obras sinfónicas de Mozart
23.35 Música de câmara
00.25 Música de cena
01.00 Fecho

RÁDIO CLUBE

Onda Média

16.04 Programa C.D.C.
18.05 Movimento
21.03 Rádio placard
21.30 Quando o telefone toca
22.30 Quando o telefone toca
23.06 Varatojo conta-lhe
23.30 No Mundo aconteceu
00.05 Alavanca
01.00 Madrugada
01.15 Teatro
06.00 Diário rural
07.03 Talismã

Modulação de Frequência

16.04 Programa C.D.C.
18.05 O nosso programa
19.05 Em órbita-1
20.30 Boa noite em FM
22.02 Clube à gô-gô
00.05 Em órbita-2
01.05 Banda sonora Sonipol
02.05 Perspectiva
03.03 Madrugada
06.00 Diário rural
07.03 Hora sete

RÁDIO RENASCENÇA

Onda Média, 233,2 m — 128 KHz; Modulação de Frequência de Lisboa, 93,2 MHz — emissão contínua

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

Rádio Graça

Das **06.00** às **10.00** e das **17.00** às **22.00**

Rádio Voz de Lisboa

Das **11.00** às **14.30**

Clube Radiofónico de Portugal

Das **14.30** às **17.00**

Rádio Peninsular

Das **22.00** às **02.00**

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO A-1

TODA A NOITE

ALCÂNTARA
Bairrão, R. Prior Crato, 25 (tel. 661321).
ALVALADE
Lusitana, Avenida de Roma, 18-A (tel. 725443); **Rio de Janeiro**, Avenida Rio de Janeiro 4-C (à Avenida dos Estados Unidos da América) (tel. 721409).
AVENIDAS NOVAS
Sá da Bandeira, Rua Marquês Sá da Bandeira, 36/42 (tels. 41961/54672).
BAIRRO ALTO
Pinharanda, Rua da Rosa, 94/96 (tel. 321534).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Ascenso, Praça Norte, 11-A (tel. 311216).
BAIXA
Silva Carvalho, Ruda dos Fanqueiros, 126 (tel. 326575).
CAMPOLIDE
Ronil, Rua Rodrigo da Fonseca, 153 (tel. 683438).
CAMPO DE OURIQUE
União, Rua Saraiva de Carvalho, 145-F (tel. 663643).
ESTEFÂNIA
Estefânia, Rua Pascoal de Melo, 90 (tel. 44438).
LUMIAR
Douro, Alameda das Linhas de Torres, 93-A/B (tel. 791131).
PENHA DE FRANÇA
Carrondo, Rua Padre Sena de Freitas, 10-A (tel. 842518).
PICHELEIRA
Merluz, Calçada da Picheleira, 140-B (tels. 720703-28395).
SÃO VICENTE
Santo António, Rua Leite de Vasconcelos, 72-C (tel. (862333).
XABREGAS
Conceição, Calçada de D. Gastão 30/32 (tel. 381279).

TURNO A-2

ATÉ ÀS 22 HORAS

ALMIRANTE REIS
Lusa, Avenida Almirante Reis, 199-A (tel. 41269).
ALVALADE
Zil, Avenida da Igreja, 9D/E (tel. 711780).
AVENIDA DA LIBERDADE
Galénica, Rua das Pretas, 12/14 (tel. 322588).
AVENIDAS NOVAS
Santa Maria, Av. 5 de Outubro, 238-A (à Feira Popular e Avenida 28 de Maio) (tel. 763016); **CARDEIRA**; Av. Duque d'Ávila, 32-C (esquina da Av. da República) (tel. 43495).
AMEIXOEIRA
São Bartolomeu, Avenida Paulo Jorge, 1 (às Galinheiras) (tel. 790969).
BELÉM
Gomes, Rua da Junqueira, 326 (tel. 638193).
BENFICA
Benfiluz, Estrada de Benfica, 444-A (tel. 782606).
CAMPOLIDE
Nova, Rua de Campolide, 297-C (tel. 687475).
CAMPO DE OURIQUE
Pinheiro, Rua de Campo de Ourique, 131-133 (tel. 68660).
CONDE BARÃO
Marcos do Nascimento, Calçada do Marquês de Abrantes, 36-A (tel. 664238).
OLIVAIS
Olivais, Rua Alves Gouveia, 19 (tel. 311237).
RATO
Soares, Avenida Álvares Cabral, 1 (tel. 684282).
PICHE
... leira, 140-B/C (T. 720703, 728395)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miramar, R. Ernesto Silva, 81 (T.212048)
PAÇO DE ARCOS
Pargana, Av. Eng. Bonneville Franco (T.2435147). Até às 22 horas
OEIRAS
Oeiras, L. Henrique Paiva Couceiro (T.2430485). Toda a noite
CARCAVELOS
Central. Até às 24 horas
PAREDE
Grincho, Av. da República, 87 (T.2471204). Toda a noite
ESTORIL
Marques dos Santos, R. Ferreira J.A., 15 (T.260116). Até às 22 horas
MONTE ESTORIL
Ostende, R. de Espinho, 1 (T.260391). Toda a noite
CASCAIS
A. Costa, R. Freitas Reis, 24-C (T.280214). Até às 22 horas; **Cordeiro**, Av. C.G. Guerra, 40 (T.280141). Toda a noite

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Dias, Av. Marquês de Pombal, lote 9 (T.934589); **Campos**, R. Elias Garcia, 185 (T.930072); **Clabel**, R. António Sardinha, 23-D (T.938551)
DAMAIA
Confiança, E. Militar, lote D (T.9710231)
VENDA NOVA
Girassol, R. Elias Garcia, 17-C (T.974161)
QUELUZ
Zeller, R. da República, 83 (T.950045); **Correia**, L. do Mercado, 3 (T.950906); **Serra e Pinto**, Av. D. António C. Sá, 50-E (T.957619)
MEM MARTINS
Rodrigues Rato (T.2912038)
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (T.980456)
SINTRA
Simões, Estefânia (T.2930832)
COLARES
Abreja (T.299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (T.234100)
ALHOS VEDROS
Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (T.202020)
ALMADA
Central, R. de Olivença, 11 (T.2750504)
BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, E. Nacional, 178-B (T.2040302)
BARREIRO
Normal, Av. Alfredo da Silva, 116 (T.2073035)
COVA DA PIEDADE
Rainha Santa, E. das Barrocas, 50-A (T.2494180)
MOITA
Silva Rocha, P. da República, 16 (T.239029)
MONTIJO
Moderna, R. Bulhão Pato, 60 (T.2310156)
SESIMBRA
Leão, Av. da Liberdade, 13 (TT.2233471)
SETÚBAL
Lisboa, R. Dr. Paulo Borba (T.22448); **Saião**, Av. da Portela (T.22709)
SEIXAL
Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (T.2218560)

PORTO

TURNO 15

ATÉ ÀS 22 HORAS

Foz, Rua Senhora da Luz, 380, Foz; **Alírio de Barros**, Rua de Costa Cabral, 240; **Gomes Carneiro**, Rua de Cedofeita, 348; **Magalhães**, Rua de Serralves, 566; **Nova de Monsanto**, Rua de Monsanto, 148; **Correia**, Praça Mousinho de Albuquerque, 50; **Corujeira**, Rua de S. Roque da Lameira, 1473; **Couto**, Largo de S. Domingos, 106; **Lapa**, Rua Antero de Quental, 211; **Luso-Francesa**, Rua Sá da Bandeira, 140.

A PARTIR DAS 22 HORAS

Correia, Praça Mousinho de Albuquerque, 50; **Corujeira**, Rua de S. Roque da Lameira, 1473; **Luso-Francesa**, Rua Sá da Bandeira, 140 e **Magalhães**, Rua de Serralves, 566

COIMBRA

Nazaré, R. Ferreira Borges, 135 (T.22605); **Santa Isabel**, Av. Sá da Bandeira, 28 (T.24916); **Salum**, R. Carolina Michaelis, 20 (T. 33120)

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

CAPITÓLIO
21.15 (18 anos)
«Mostra-Me a Tua Psicina»

A.B.C.
20.30 e 22.45 (18 anos)
«P'ra Trás Mija a Burra»

MONUMENTAL
20.30 e 22.45 (18 anos)
«Lisboa Acordou»

MARIA MATOS
21.30 (13 anos)
«Legenda do Cidadão Miguel Lino»

VARIEDADES
21.15 (13 anos)
«Adeus Valentina»

TEATRO DO BAIRRO ALTO
21.15 (13 anos)
«A Noite dos Assassinos»

LISBOA/Cinema

OLÍMPIA
21.15 (18 anos)
«O Maneta de Ferro»

MOSCAVIDE
21.15 (18 anos)
«Emmanuelle»

PARIS
21.00 (18 anos)
«Equilíbrio Instável»

PROMOTORA
21.00 (13 anos)
«Tensão em Nova York»

JARDIM
21.15 (18 anos)
«O 4.º Casamento»

LINHA DE CASCAIS

CASCAIS
Oxford
21.15 (18 anos)
«Equilíbrio Instável»

OEIRAS
Oeiras-Cine
21.15 (18 anos)
«O Comboio do Terror»

ESTORIL
Casino
17.00 e 21.15 (18 anos)
«A Vida Alegre de Colinot»

CASCAIS
S.José
21.15 (18 anos)
«A Freira de Monza»

LINHA DE SINTRA

SINTRA
Carlos Manuel
21.15 (13 anos)
«A Viagem»

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (18 anos)
«Escândalo de um Crime»

MEM MARTINS
Cine Chaby
21.15 (18 anos)
«O Que Nós Queremos é Dinheiro»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (10 anos)
«O Grande Duelo»

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.15 (13 anos)
«Zorro, o Vingador»

PORTO/Cinemas

BATALHA
2.15 (18 anos)
«Amar não Mata»

OLÍMPIA
21.15 (18 anos)
«Primos Carnais»

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos
«Tamanho Natural

RIVOLI
21.15 (18 anos)
«Frankenstein Júnior»

S.JOÃO
21.15 (13 anos)
«A Linda Pamela»

COLISEU
21.15 (18 anos)
«As Sobrinhas»

VALE FORMOSO
21.15 (6 anos)
«O Hotel da Barafunda»

ESTÚDIO FOCO
21.15 (10 anos)
«Spártacos»

TRINDADE
21.15 (10 anos)
«My Fair Lady»

JÚLIO DINIS
21.15 (18 anos)
«Os Galãs Atacam»

ESTÚDIO
21.15 (18 anos)
«A carga da Brigada Ligeira»

TERÇO
21.30 (18 anos)
«Malícia»

ÁGUIA DE OURO
21.30 (13 anos)
«Os Dois Bombeiros»

COIMBRA

AVENIDA
21.15 (13 anos)
«A Brigada Louca»

GIL VICENTE
21.15 (18 anos)
«Natalie Grançer»

TIVOLI
21.15 (18 anos)
«A Arena»

cinemas

BERNA
T. 776098 14.00, 16.30, 19, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
o filme de Norman Jewison
JESUS CRISTO SUPERSTAR
37.ª Semana
O mais espectacular filme dos últimos 10 anos

APOLO 70
T. 763319 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
BALBURDIA NO OESTE
AS 24 — Grupo D. M. 18 anos
O SOLITÁRIO DO RIO GRANDE

ROXY
T. 48560 14.00, 16.30, 18.45 e 21.15
Interdito a menores de 18 anos
Colorido
PECADOS EM FAMÍLIA
3.ª Semana

PATHÉ
T. 821933 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
A LINGUAGEM DO AMOR
Aviso ao público: Este filme contém cenas eventualmente chocantes
O MAIS OUSADO FILME SUECO SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL

ALVALADE
T. 897480 14.15, 16.30, 19.00, 21.15
Para todos
CARROCEL WALT DISNEY
3.ª Semana
Uma dança maravilhosa de desenhos animados

CINEBOLSO
T. 573407 14.30, 16.45, 19, 21.30
Interdito a menores de 18 anos
ACIDENTE

CINEMA 2000
T. 2100055 21.15
Grupo C (14 anos)
PUNHOS DE AÇO

CARLOS MANUEL
T. 2930394 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
A VIAGEM

RESTELO
T. 610375 21.00
Não acons. a menores de 13 anos
JESUS CRISTO SUPERSTAR

EDEN
T. 32076914.00, 16.30, 19.00 e 21.15
Int. a menores 18 anos
4.ª Semana!
PECADOS EM FAMÍLIA
Colorido

TIVOLI
T. 570595 15.15, 18.30, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
Um drama de impacto explosivo!
VEREDICTO
2.ª Semana
Com Sophia Loren e Jean Gabin

CASINO ESTORIL
T. 264621 17 e 21.15
Interdito a menores de 18 anos
A VIDA ALEGRE DE COLINOT

ROYAL
T. 865037 15.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
KUNG-FU NO OESTE SELVAGEM

POLITEAMA
T. 326305 14.15, 16.30, 19 e 21.30
Interdito a menores de 18 anos
O TIGRE DO KARATÉ
A melhor farsa do ano

ROMA
T. 727778 15.30 e 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
A MATRIARCA
Todos os dias às 18.30
NOVAS AVENTURAS DA PIPI DAS MEIAS ALTAS

VOX
T. 720808 15.15, 18.30, 21.15 e 24
Não acons. a menores de 18 anos
A FÚRIA DO DESEJO

SATÉLITE
T. 562632 15.30, 18.30 e 21.15
Interdito a menores de 18 anos
O CIO (HEAT)
2.ª semana

MUNDIAL
T. 538743 15.15, 18.30, 21.30
Não acons. a men. 13 anos
ONDE SE METEU A 7.ª COMPANHIA?

Diario de Lisboa

ASSINATURAS DE FÉRIAS

Aceitam-se assinaturas pelo período mínimo de 10 dias, ao preço de 4$00 por dia

NÃO SE ENVIAM RECIBOS À COBRANÇA

CALEIDOSCÓPIO
T. 795093 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
Para todos - colorido
Clássicos de comédia
PINTORES E RAPARIGAS
com Jerry Lewis e Dean Martin

CONDES
T. 322523 14.00, 16.30, 18.45, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
BURCH CASSIDY E O KID
DOIS HOMENS [illegible]
c/ Paul Newman, Robert Redford
Em 2.ª semana

ODEON
T. 326283 15.45, 18.45, 21.15
Interd. a menores 18 anos
4.º mês de êxito sensacional
15.ª semana de sucessos
DECAMERON PROIBIDO
com Eva Maria Grubmuller e Pupo de Lucas
ERAM 4 INSACIAVEIS... NA AUSÊNCIA DOS MARIDOS, O AMOR ANDAVA À SOLTA...

LONDRES
T. 801313 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
JOHN AND MARY
c/Dustin Hoffman

S. JORGE
T. 54153/4 15.15, 18.15, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
O último filme de Pasolini
AS MIL E UMA NOITES

AVIS
T. 47163 Estreia às 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
2 SAMURAIS PARA 100 GUEIXAS

CASTIL
T. 530194 15.30, 18.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
CONTOS IMORAIS
6.ª Semana

CINEARTE
T. 660446 Às 21.15
Interdito a menores de 18 anos
EMMANUELLE

ESTÚDIO
T. 555135 15.30, 18.30 e 21.15
Interdito a men. de 18 anos
O PROSTITUTO
Colorido!

ESTÚDIO 444
T. 779095 15.30, 18.30, 21.15
Interdito a men. de 18 anos
CONTOS IMORAIS
Este filme contém cenas event. chocantes 6.ª semana

EUROPA
T. 661016 15.15 e 21.15
Grupo A M. 6 anos
MÚSICA NO CORAÇÃO
Colorido!

IMPÉRIO
T. 555134 15.30 e 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
QUEDA NO ABISMO
18.30 Não acons. a men. de 18 anos
ESCÂNDALO DE BATA BRANCA

MONUMENTAL
T. 555131 15.15, 18.15, 21.15
Grupo B - 10 anos em 70 mm
LONGE DA MULTIDÃO
A projecção do filme inicia-se após a abertura da sessão

DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TEELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS
E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
Telef. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA-PORTUGAL

Terceiro movimento disposto a pegar em armas em Timor

DJACARTA, 10 — R-FP) — «Os nacionalistas pró-indonésios do Timor Português estão prontos a desencadear uma guerra de guerrilhas contra o movimento esquerdista Fretilin, que proclamou vitória na luta civil travada no território» — anuncia hoje a agência indonésia ANTARA.

Segundo a notícia, o partido Apodeti, que não teria participado em grande parte das confrontações que se prolongaram por um mês, domina quase todo o interior de Timor.

Portugal declarou ontem à noite que a Fretilin controlava agora a colónia e tinha ocupado aldeias estratégicas na maior parte da colónia.

A ANTARA acrescenta que o terceiro partido timorense, a U.D.T. — que a Fretilin afirma ter derrotado — inverteu a sua política a favor da independência e quer agora a fusão com a Indonésia.

«O membros da Apodeti possuem actualmente armas ligeiras. Estão espalhados por toda a colónia e prontos a desencadear a guerrilha contra os seus rivais» — diz a notícia originaria de Atambua, no Timor Indonésio, próximo da fronteira com a metade portuguesa da ilha.

A ANTARA nega que a Fretilin domine quase todo o território, afirmando que controla apenas uma faixa na costa setentrional. Acrescenta que o movimento se cindiu em duas facções, uma pró-Moscovo e a outra pró-Pequim.

A Indonésia tinha advertido que não toleraria um regime pró-comunista em Timor-Leste e recentemente as especulações intesificaram-se sobre a eventualidade de Jacarta enviar tropas para a colónia.

Entretanto, aguardam-se hoje, em Darwin, no Norte da Austrália, cerca de trinta soldados portugueses capturados pela Fretilin durante os combates do mês findo. A sua libertação foi negociada pela delegação portuguesa chefiada pelo dr. Almeida Santos.

Outros vinte militares portugueses encontram-se nas mãos da U.D.T., mas falharam todas as tentativas feitas pela delegação para contactar com os dirigentes daquele partido.

A Fretilin manifestara o seu desejo de entabular, ainda este mês, o diálogo com Portugal sobre a independência. Contudo, as diligências de paz foram suspensas por falta de resposta das outras partes beligerantes ao apelo à negociação.

O dr. Almeida Santos, enviado especial de Portugal, é esperado esta tarde em Jakarta para o recomeço das negociações com as autoridades indonésias.

O ministro indonésio dos Negócios Estrangeiros declarou, a propósito, que «talvez não fosse necessário organizar a missão quadripartida», prevista em princípio para solucionar o conflito na ilha.

O ministro acrescentou qke o encarregado de negócios português na Indonésia afirmara que Almeida Santos desmentira as informações segundo as quais estaria disposto a entregar o poder, em Timor, à Fretilin.

CORRIDA
ANUAL DOS TOUREIROS
COM PICADORES
a favor do seu Fundo de Assistência

CAVALEIROS
MESTRE BAPTISTA
EMÍDIO PINTO
MALDONADO CORTES
CORREIA LOPES

ESPADAS
ARMANDO SOARES
RICARDO CHIBANGA
MÁRIO COELHO
FORCADOS AMADORES DA CHAMUSCA
capitaneados por Antonio Timoteo

PICADORES
ANGEL CALVO CANELAS
ANTÓNIO CANAVA

7 TOIROS 7
Oferecidos por:
Palhas, Cunhal Patricio
José Andrade, Eng. Grave
D. Luis Passanha e A. José Teixeira

CAMPO PEQUENO
Amanhã, às 22 horas

A censura militar repudiada em todas as frentes

. A lei ontem promulgada pelo Conselho da Revolução, agora reestruturado com uma maioria de oficiais conservadores, está a merecer o activo repúdio de todas as organizações políticas e forças populares num leque que, surpreendentemente, se alarga mesmo até à direita, e forçàs que, por um mínimo de inteligência e tacto político, facilmente se aperceberam do grave erro cometido pelo Conselho da Revolução. Na verdade, tentar ocultar factos e acontecimentos como forma de os resolver, é o que se pode chamar uma política de avestruz, em nada diferente daquela que suportámos durante 48 anos. Após todos os jornais de Lisboa terem tomado posição de protesto, manifestam-se algumas organizações.

Em comunicado hoje distribuído a U.D.P. afirma:

. «A U.D.P., ao tomar conhecimento de mais uma lei repressiva sobre a informação aprovada ontem, dia 8/9 pelo Conselho da Revolução, e cujo ponto mais saliente é a proibição de qualquer informação não oficial sobre a luta que os militares progressistas travam nos quartéis, vem reafirmar que apoia todas as justas lutas que os trabalhadores fardados travam contra o militarismo e a repressão dos quartéis, pela democracia para os soldados, apontando a necessidade dessa luta se inserir cada vez mais na grande corrente popular de luta contra o fascismo e os imperialismos».

Mais adiante a U.D.P. «solidariza-se com todos os órgãos de Informação que já tomaram posição clara contra esta medida repressiva dando o seu apoio a todos aqueles que continuam a lutar por uma Informação ao serviço das classes exploradas. Por outro lado, continua, repudiamos a tentativa de fazer calar a voz revolucionária da U.D.P. e de todas as organizações revolucionárias ao proibir a divulgação e todos os comunicados e moções de solidariedade e apoio à luta que os militares progressistas travam nos quartéis».

O comunicado da U.D.P. termina apelando a todo o Povo trabalhador «para se levantar numa só frente contra o fascismo e os imperialismos» e aos trabalhadores de todos os meios de Informação para manifestarem o seu repúdio por mais esta lei repressiva juntando a sua voz à de todos os explorados e oprimidos de Portuga.

«NÓS VAMOS DESOBEDECER»

«Nós vamos desobedecer» afirma em título o comunicado da Base — Frente Unitária de Trabalhadores que salienta:

. «O dia 9 de Agosto ficará marcado como um dia de recuo para a Revolução. A Lei aprovada pelo Conselho da Revolução que proibe a divulgação de relatos ou notícias de quaisquer acontecimentos ocorridos em Unidades ou estabelecimentos militares, priva o Povo de conhecer o que se passa nos quartéis e, neste, é necessário que o Povo saiba o que lá se passa para saber com quem conta e, sobretudo, com quem não conta.

«O Conselho da Revolução enganou-se ao confundir o combate necessário à manipulação da Informação com o direito do Povo em saber o que se passa. Em vez de tomar uma posição frontal contra manipuladores que apenas contam ao Povo o que convém às suas cúpulas partidárias, limita o direito de esse mesmo Povo conhecer a verdade. Neste País e neste momento, a única verdade que não se pode ocultar é a que se relaciona com aquilo que discutem os detentores do Poder.

«O Conselho da Revolução errou. Se o Conselho da Revolução é revolucionário deve reconhecer que errou.

«Nós, Centro de Informação, da Base — Frente Unitária de Trabalhadores, cumpriremos o nosso dever de revolucionários, tal como fizemos até 25 de Abril de 1974. Denunciaremos as manipulações. Veicularemos todas as informações proibidas de que tivermos conhecimento. Através de folhas volantes, através de todos os meios à nossa disposição. Tal como fizemos no passado».

TRABALHADORES DA INFORMAÇÃO EM LUTA CONTRA O DIPLOMA

. O diploma aprovado pelo Conselho da Revolução, institucionalizando limitações à liberdade de Imprensa está a merecer o repúdio generalizado dos trabalhadores da Informação concretizado num documento conjunto aprovado, hoje, pelos representantes dos trabalhadores do «Diário de Lisboa», «A Capital», «Rádio Clube Português», «Rádio Renascença», «Alfabeta», «República», «Jornal do Comércio», «O Século», «Expresso», «Diário de Notícias», e «Jornal Novo».

O documento aprovado é do seguinte teor:

. «Considerando o carácter repressivo e antidemocrático da lei decretada pelo C.R. às notícias relativas a acontecimentos militares e ainda os graves prejuízos que a mesma envolve para os trabalhadores fardados e para o povo português em geral, constituindo pesada ameaça para a aliança entre soldados e marinheiros e operários e camponeses, os trabalhadores dos órgãos de Informação aqui representados e de outros que a esta acção quiserem aderir decidem:

. — Não acatar a lei, continuando a noticiar plenamente todos os acontecimentos relativos a militares, lutando porque os mesmos sejam tratados com o maior respeito pela verdade e denunciando toda e qualquer manipulação da verdade;

. — Apelar ao povo trabalhador em geral para apoiar esta tomada de posição, lutando a nosso lado pela não aplicação desta lei repressiva;

. — Neste sentido, chamar muito concretamente os soldados à discussão desta lei, promovendo reuniões e Assembleias nas suas unidades e estabelecimentos, e fazendo aprovar moções que os órgãos de Informação vinculados a esta decisão exemplarmente divulgarão;

. — Criar um Secretariado coordenador desta luta, para que qualquer notícia passível das sanções previstas na lei seja difundida por todos os órgãos de Informação, independentemente do tratamento que cada um lhe der. O mesmo Secretariado se encarregará, caso necessário, de organizar todos os processos de solidariedade face à tentativa de repressão sobre qualquer dos órgãos de Informação cujos trabalhadores aqui se vinculam à luta pela livre Informação, ao serviço das massas trabalhadoras».

O C.D.S. TAMBÉM CONTRA

O C.D.S. também se manifestou contra, afirmando encarar com «preocupação profunda» a decisão do Conselho da Revolução. E salienta no seu comunicado: «Intuindo embora as razões que terão levado o Conselho da Revolução a rever criticamente a fecunda actividade comunicativa de vários sectores das Forças Armadas, cuja intervenção ao nível político tem sido causa e motivo de perplexidade e confusão para o Povo, que espera, com compreensível ansiedade, as palavras e as respostas de quem detém o poder, a verdade é que a solução encontrada para obviar os males que procura evitar, é radicalmente incorrecta e lesiva do prestígio e da credibilidade do M.F.A.

«Se o problema existe, e todos sabemos que existe, a maneira de o resolver estará em reforçar o sentido de disciplina no interior das Forças Armadas, não em amordaçar, em termos que julgávamos para todo o sempre banidos deste País, os órgãos da Comunicação Social.

«A situação é particularmente afrontosa quando a Assembleia Constituinte, órgão democrático por excelência, acaba, no exercício da sua nobre e altíssima missão, de consagrar em sede constitucional que a Censura não mais será permitida em Portugal.

O P.P.D. NÃO CONCORDA

«O P. P. D. considera com preocupação a atitude do Conselho da Revolução relativamente aos direitos à informação e a crítica» — lê-se num comunicado daquele Partido político.

Pormenorizando, diz o comunicado:

. «A responsabilidade assumida pelos militares no processo em curso, não é compatível com a ocultação das suas discussões e tomadas de posição. Haverá naturalmente que exigir responsabilidade: a quem fala e a quem insinua ou inventa. Mas a responsabilidade exige liberdade.»

. E com esperança:

. «Por isso, esperamos que o Conselho da Revolução, reveja a sua posição, confinando-se ao âmbito de competência que a Plataforma de Acordo Constitucional lhe confere.»

CIDADE MARGINAL

A TRISTE SORTE DE SEVERINO

. Um lapso de paginação truncou o apontamento publicado mesta coluna, na nossa edição de anteontem, sob o título «Carne para Canhão», tornando-a praticamente ilegível. Pelo que passamos a transcrevê-la na íntegra: «Estendia a mão quase a medo, olhos no chão, e não dizia palavras. Via-se que não estava habituado a mendigar. Mas o seu aspecto (velho, magro, rosto olheirento e cavernoso, calvo, roupa em frangalhos) atraía a piedade da imensa multidão que àquela hora descia a tortuosa escadaria da estação ferroviária do Rossio. Durante longos minutos ficámos a olhá-lo e quando o movimento de comboios diminuiu e as pessoas se tornaram raras tentámos o diálogo. Diálogo penoso porque o homem estava rígido, humilhado, e as palavras esbarravam tensas nos lábios tumefactos. Mas a história em sinopse ficou: aos oito anos chegou a Lisboa trazido pelo filho do patrão que já tinha sido «dono» dos seus pais (mortos num incêndio na floresta) e até aos setenta anos servira para tudo, até que um dia o então seu senhor (neto do patrão original) lhe disse friamente: «Estás a cair aos bocados Severino. Tens de voltar prá terra!». E Severino voltou (sem dinheiro nem reforma). E durante meses ainda reconstruiu a velha casa, plantou batatas, feijões, couves, alfaces, comendo do pouco que a terra dava. Por fim as forças faltaram-lhe, não tinha amigos, nunca tivera vida privada («objecto» como fora ao longo de toda a sua vida), as pessoas do seu tempo estavam mortas ou emigradas. E assim tornou a Lisboa para mendigar. Carregando sobre os ombros uma vergonha que deveria pertencer em exclusivo aos exploradores que impunemente fizeram do seu corpo, «carne para canhão» de viciosas e torpes amvições.»

MESMO NA MACA NÃO ESCAPOU

Um homem desmaiou subitamente na via pública e pessoa interessada cqmou o «115». Aglomeração normal de muitos curiosos, maca fora da ambulância, e de súbito a mão do desempregado Esteves Mário a furar por entre a multidão para se apoderar do relógio de pulso da vítima. E, mumavez descoberto, afirmou que «não queria roubar, que era só para guardar». Mas a versão não convenceu nem polícias nem curiosos e o caminho da prisão foi o epílogo normal para tão insólita atitude.

DR. JOAQUIM MANSO

Na Igreja dos Mártires, foi hoje celebrada missa do 19.º aniversário do falecimento do dr. Joaquim Manso, fundador e director deste jornal, onde a sua memória perdura como estímulo constante.

Assistiram, além de vários amigos e familiares, entre os quais o eng.º Pedro Manso Lefévre, os representantes das secções deste jornal.